

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

TRAGÉDIAS DO FINAL DA TARDE:
A CONFIGURAÇÃO DE NOTÍCIAS NOS
TELEJORNAIS POLICIAIS
BRASIL URGENTE E CIDADE ALERTA

FLÁVIA SILVEIRA SERRALVO

São Paulo

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP

PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

TRAGÉDIAS DO FINAL DA TARDE:
A CONFIGURAÇÃO DE NOTÍCIAS NOS
TELEJORNALIS POLICIAIS
BRASIL URGENTE E CIDADE ALERTA

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP para a obtenção do
título de Mestre em Comunicação.
Orientadora: Prof^a. Dr.^a Anna
Maria Balogh.

FLÁVIA SILVEIRA SERRALVO

São Paulo

2006

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP

PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

TRAGÉDIAS DO FINAL DA TARDE:
A CONFIGURAÇÃO DE NOTÍCIAS NOS
TELEJORNALIS POLICIAIS
BRASIL URGENTE E CIDADE ALERTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Anna Maria Balogh.

FLÁVIA SILVEIRA SERRALVO

São Paulo

2006

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP

PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

TRAGÉDIAS DO FINAL DA TARDE: A CONFIGURAÇÃO
DE NOTÍCIAS NOS TELEJORNALIS POLICIAIS
“BRASIL URGENTE” E “CIDADE ALERTA”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Anna Maria Balogh.

FLÁVIA SILVEIRA SERRALVO

São Paulo

2006

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

1. Introdução	1
2. Referenciais Teóricos	4
3. Objetivos	5
4. Metodologia	7
5. Primeira aproximação ao objeto: descrição	8
6. O telejornalismo “padrão”	18
7. Quebra de paradigma: o telejornal <i>Aqui Agora</i> , do SBT	21
8. <i>Brasil Urgente</i> e <i>Cidade Alerta</i> : breve diacronia	32
9. Características dos telejornais <i>Brasil Urgente</i> e <i>Cidade Alerta</i>	
O estúdio	41
O apresentador	48
O enfoque	56
A formatação das matérias	60
O discurso	66
Recursos audiovisuais: fala, som e imagem inter-relacionados	91
Marcas ideológicas	99
10. O que diferencia o telejornalismo policial do formato tradicional	105
11. A abordagem padrão – tragédias envolvendo pessoas comuns	109
12. A abordagem fora do padrão – tragédia envolvendo pessoa célebre	123
13. Conclusão	136
Anexos	143
Referências Bibliográficas	178

Resumo

A pesquisa a seguir aborda a temática do telejornalismo policial, tendo como *corpus* os programas *Cidade Alerta* (TV Record) e *Brasil Urgente* (TV Bandeirantes), a partir da análise de suas reportagens, da postura dos apresentadores e da forma como esses programas utilizam diferentes linguagens – fala, som e imagem.

Os seguintes questionamentos (hipóteses) foram o ponto de partida para este estudo: 1. Por que telejornais que são considerados preconceituosos e sensacionalistas fazem parte da programação de várias emissoras?; 2. Desde o surgimento do telejornalismo policial (com o *Aqui Agora*, do SBT) até o presente momento, poderia ser detectada uma evolução nesse tipo de programa?; 3. Visto que o enfoque padrão dos telejornais policiais são os problemas diários dos moradores dos grandes centros urbanos, de que forma é abordada uma tragédia que envolva uma pessoa célebre?; 4. Qual é a relação existente entre a fala (do apresentador e repórteres), o som (fundos musicais, ruídos) e imagens (que ilustram as matérias)?; 5. Como é elaborado o discurso de modo a adequar-se à postura ideológica da emissora em que os programas são veiculados?

Este trabalho, de caráter descritivo e analítico, configura-se como um estudo de casos múltiplos. As análises do conteúdo selecionado (a partir da gravação aleatória dos programas no período de Março de 2004 a Novembro de 2005) tiveram como base uma aproximação teórico-aplicada do objeto, apoiadas na leitura de obras que tratam do tema.

Abstract

The theme of this research is centered on the Brazilian TV news that emphasizes urban tragedies, having as its *corpus* two programs – *Cidade Alerta* (Record Channel) and *Brasil Urgente* (Bandeirantes Channel). The analysis focuses on the presenters' attitudes and on the way these programs use different languages – speech, sound effects and image.

The following questions (hypotheses) were the starting point for this study: 1. Why do TV news that are apparently prejudiced and sensationalist are shown by many stations in Brazil?; 2. Since *Aqui Agora* (SBT Channel) until the present moment, have these programs evolved in any way?; 3. Since the standard focus of these TV news are the daily problems lived by the common inhabitants of the big urban centers, how do these shows deal with a tragedy that involves an international celebrity?; 4. What is the relationship between the speech (of the presenter and the reporters), the sound effects and also the images that illustrate the reports?; 5. How is the presenters' speech developed in order to adjust to the TV stations' ideologies and to the target audience?

This descriptive research can be classified as a multiple cases study. The analysis of the selected contents (chosen among randomly recorded programs, between March 2004 and November 2005) were based on a theoretical-applied approach, supported in the reading of works that deal with the subject.

Dedicatória

Este trabalho é dedicado às pessoas mais especiais que conheço: Ariel e Maria Serralvo (meus pais queridos), Fernanda e Diogo (minha irmã e sobrinho lindos) e ao Fernando, que está sempre ao meu lado, faça chuva ou faça sol, há mais de uma década... Vocês fazem a vida ficar mais bela!

Agradecimentos

Meu 'muito obrigado' àquela que, durante os últimos dois anos, guiou-me pelos caminhos da pesquisa: Anna Maria Balogh, orientadora e exemplo de mulher, de quem me orgulho muito.

Aos queridos amigos que me apoiaram e incentivaram, em especial à amiga Denise Souza (Deni), por todos os conselhos valiosos e incansáveis.

E, finalmente, aos professores que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Serei eternamente grata a todos vocês!

“Do México até o Brasil ou Argentina, a televisão convoca as pessoas como nenhuma outra mídia, mas o rosto que aparece na televisão de nossos países não só é um rosto contrafeito e deformado pela trama dos interesses econômicos e políticos, que sustentam e amoldam essa mídia, como é também paradoxalmente o rosto de nossos pesadelos, de nossos medos. (...) Como escrevi em outro lugar: se a televisão atrai é porque a rua expulsa, é dos medos que vivem as mídias.”

*Jesús Martín-Barbero e Germán Rey,
Os Exercícios do Ver.*

1. Introdução

Este trabalho, intitulado “Tragédias do final da tarde: a configuração de notícias nos telejornais policiais *Brasil Urgente* e *Cidade Alerta*”, aborda a temática do telejornalismo policial a partir da análise de suas reportagens, postura do apresentador e a forma como utiliza diferentes linguagens (fala, imagem e som).

Entenderemos os termos que compõem o título da seguinte forma: a palavra *tragédias* é utilizada no sentido comum da palavra e refere-se a acontecimentos graves, desastrosos, perigosos ou fatais (mortes), que despertam piedade, tristeza ou horror, não dizendo respeito ao gênero literário ou a estudos correspondentes. O termo *final da tarde* refere-se ao horário em que os programas analisados eram exibidos – por volta das 18h –, conforme pode ser verificado no mosaico das emissoras, presente no capítulo “Primeira aproximação ao objeto: descrição”. O termo *configuração* deve ser entendido como a “maneira pela qual as coisas se apresentam ou se desenrolam”¹. Finalmente, a palavra *policial*, que, de acordo com o dicionário, é “relativo ou pertencente à polícia; que envolve, aborda ou trata de crimes”², deve ser entendida nesta pesquisa num âmbito semântico mais amplo, envolvendo todas as situações de risco e emergência que exigem a ação da polícia e outras corporações que garantem a ordem social (tais como bombeiros, paramédicos, etc.).

¹ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

² Idem.

Inicialmente, no capítulo intitulado “Primeira aproximação ao objeto: descrição” são apresentadas as características peculiares ao gênero analisado, no que se refere ao apresentador, estúdio, estrutura dos programas, porém, realizando apenas um breve voo noturno, pois haverá capítulos específicos abordando tais aspectos mais detalhadamente.

Antes de efetuar a análise do gênero policial, mostrou-se adequado apontar as características do chamado “telejornalismo padrão” ou tradicional, que habitualmente segue normas de manuais de redação e estilo.

No capítulo “Quebra de paradigma: o telejornal *Aqui Agora*, do SBT” tratamos do precursor dos telejornais de temática policial, que trouxe inovações técnicas como o plano-sequência, considerado inadequado pelos manuais. Nesta oportunidade, discutem-se ainda algumas hipóteses que buscam explicar a atração do público por temas trágicos e violentos.

Em “*Brasil Urgente e Cidade Alerta: breve diacronia*”, apontamos a trajetória dos dois telejornais (tais como mudanças de apresentadores e horário de exibição), além de índices de audiência (Ibope) e possíveis causas que levaram à extinção de alguns programas desse gênero, apesar da aceitação do público (tais programas parecem agradar uma parcela da população que se sente mais “confortável” ao assistir a um telejornal com uma linguagem mais acessível do que a dos telejornais mais tradicionais).

As características dos telejornais analisados estão subdivididas nos seguintes capítulos: “O estúdio”, “O apresentador”, “O enfoque”, “A formatação das matérias”, “O discurso”, “Recursos audiovisuais: fala, som e imagem inter-relacionados” e “Marcas ideológicas”. A partir da descrição e

análise dessas características, há um capítulo que busca responder “O que diferencia o telejornalismo policial do formato tradicional”.

Foram selecionadas duas matérias, exibidas em ambos os telejornais, para que pudesse ser feita uma análise comparativa em termos de destaque, minutagem, postura, etc. A primeira delas, a respeito do assassinato em série de moradores de rua de São Paulo, foi selecionada para representar “A abordagem padrão – tragédias envolvendo pessoas comuns”, enquanto a divulgação da piora no estado de saúde do Papa João Paulo II foi escolhida para ilustrar o capítulo intitulado “A abordagem fora do padrão – tragédia envolvendo pessoa célebre”³.

³ A morte do Papa João Paulo II poderia ser encarada como um acontecimento que não se enquadraria no critério “tragédia”, sendo apenas uma interrupção natural da vida humana, ou como a passagem a outro estágio espiritual ou à vida eterna. No entanto, tal fato torna-se trágico pela forma como os telejornais analisados abordam a notícia, ou seja, enfatizando seu sofrimento, sua agonia, a dificuldade em respirar e se alimentar, sua degradação física desde o atentado que sofreu em 1981 – o que se enquadra na definição de tragédia anteriormente apontada: acontecimento que desperta piedade, tristeza ou horror. A própria mídia impressa explorou o lado trágico da morte do Papa, como foi o caso da Revista Veja edição 1899 de 06/04/2005, que traz em sua capa o rosto de João Paulo II expressando uma profunda dor física, com os olhos fechados e a boca aberta. No texto, a revista enfatiza que ele demonstrou o “significado original do sacrifício cristão”, ao “expor seu sofrimento terminal”.

2. Referenciais Teóricos

A análise dos telejornais selecionados como objeto deste estudo - *Brasil Urgente* e *Cidade Alerta* – é feita a partir de seu conteúdo discursivo (análise do discurso), materializado pela fala dos apresentadores, pelas imagens e demais recursos que os acompanham.

Além de se buscar características que são específicas do gênero telejornalístico policial, ou seja, a existência de um padrão discursivo (feito por meio de análises comparativas entre os telejornais selecionados e entre estes em contrapartida ao padrão do telejornalismo tradicional), são analisadas também as estratégias discursivas quando estas se referem a uma tragédia envolvendo uma pessoa célebre – o Papa João Paulo II.

São elementos de análise os recursos utilizados para efetivar a persuasão do discurso enunciado, mais especificamente, dois procedimentos argumentativos: a ilustração e as figuras de pensamento (hipérbole, eufemismo, ironia, lítotes e preterição).

3. Objetivos

O alvo desta análise são as matérias selecionadas a partir das gravações dos programas *Brasil Urgente* e *Cidade Alerta* feitas, esporadicamente, no período de Março de 2004 a Agosto de 2005.

Busca-se responder a alguns questionamentos (hipóteses) a respeito do gênero policial, tais como:

Por que telejornais que são considerados preconceituosos e sensacionalistas fazem parte da programação de várias emissoras?

Desde o surgimento do telejornalismo policial (com o *Aqui Agora*, do SBT) até o presente momento, poderia ser detectada uma evolução nesse tipo de programa?

Visto que o enfoque padrão dos telejornais policiais são os problemas diários dos moradores dos grandes centros urbanos, de que forma é abordada uma tragédia que envolva uma pessoa célebre?

Qual é a relação existente entre a fala (do apresentador e repórteres), o som (fundos musicais, ruídos) e imagens (que ilustram as matérias)?

Como é elaborado o discurso de modo a adequar-se à postura ideológica da emissora em que os programas são veiculados?

Pretende-se verificar o conteúdo discursivo que compõe os telejornais de caráter policial, através da forma como os apresentadores (porta-vozes dos programas) lidam com os assuntos apresentados, supondo-se que sejam representantes da postura ideológica de cada emissora.

Inúmeros outros aspectos poderiam ser abordados neste estudo, tais como o cenário, cores, vestimenta, vinheta, movimentos de câmera, etc., no entanto, a proposta deste trabalho restringe-se à análise discursiva dos apresentadores do gênero policial, bem como às exceções a um possível padrão de discurso, ou seja, a abordagem de uma tragédia envolvendo a figura do Papa João Paulo II – representante do Cristianismo (não apenas do Catolicismo) – por telejornais de gênero policial veiculados no país com o maior número de católicos do mundo.

Será analisado, ainda, o modo como as diferentes linguagens (fala, som e imagem) se inter-relacionam, gerando sentidos e revelando as marcas ideológicas presentes nos programas selecionados.

4. Metodologia

Este trabalho configura-se como um estudo de caso, mais especificamente, um estudo de casos múltiplos, visto que estão sendo analisados dois telejornais diferentes.

A pesquisa, de caráter descritivo, tem por função apresentar as características dos dois telejornais policiais que compõem o *corpus* deste estudo, gravados de maneira aleatória durante o período de Março de 2004 a Novembro de 2005.

A partir da gravação dos programas, foi feita a seleção de trechos considerados mais representativos para os fins a que esta pesquisa se propõe: matérias que representem o padrão do telejornalismo policial e as suas exceções (as quais chamamos de fora do padrão).

As análises do conteúdo selecionado tiveram como base uma aproximação teórico-aplicada do objeto, apoiadas na leitura de obras que tratam do tema.

5. Primeira aproximação ao objeto: descrição

Os telejornais policiais têm como característica principal – por isso recebem este nome – o conteúdo de suas reportagens, que tratam dos problemas vividos por moradores dos grandes centros urbanos do país, e que requerem a ação da polícia, resgate, paramédicos, etc.

A partir de uma análise semântica dos nomes do telejornais – *Brasil Urgente* e *Cidade Alerta* – nota-se o seguinte paralelo:

Brasil
Urgente

Cidade
Alerta

Inicialmente, parece haver uma diferença no que diz respeito à amplitude de cada um dos programas: um deles parece englobar fatos que acontecem no *Brasil*, enquanto o outro estaria limitado a tratar dos problemas de uma (não determinada, porém, no singular) *Cidade*. Na verdade, como poderá ser verificado ao longo deste estudo, apesar de ambos os programas serem veiculados em nível nacional, a grande maioria das reportagens exibidas por esses telejornais abordam assuntos relacionados a duas cidades brasileiras: São Paulo e Rio de Janeiro.

As palavras *urgente* e *alerta* antecipam ao telespectador a linha editorial seguida por esses programas. Ambos os termos remetem a uma espécie de sinal vermelho, de antecipação do perigo, preparando o público para as tragédias que compõem os telejornais de cunho policial, e fazem pressupor que a tensividade fará parte destes programas ao longo de seu desenvolvimento, deixando a outra forma – em que há mais calma e relaxamento – para outros tipos de programas.

Responsável pela apresentação do programa, costuma estar um homem de meia idade, que pode ou não estar vestindo terno e gravata (não há uma regra para o figurino dos apresentadores, que às vezes apresentam o programa usando calça social e uma camisa sem gravata). Estão sempre bem maquiados e com os cabelos arrumados, encarnando o modelo do “bom moço”, do cidadão respeitável acima de qualquer suspeita, bons representantes do modelo da instância justiceira – o que é bastante adequado para programas que se autodenominam como porta-vozes dos problemas da população.

No estúdio, não existem mesas ou cadeiras: os apresentadores ficam em pé durante todo o programa, caminham pelo pequeno espaço, gesticulam quando falam.

As matérias exibidas pelos programas podem ser gravadas previamente e editadas, ou podem ser exibidas ao vivo, no momento em que estão acontecendo. Estas costumam ter maior destaque nos programas, ganhando mais tempo de exibição. Normalmente, as imagens ao vivo são captadas por meio das câmeras instaladas nos helicópteros e trazem, em geral, acontecimentos da cidade de São Paulo e Grande São Paulo, o que é justificado pelo fato de os estúdios estarem localizados na capital paulista.

O número de matérias veiculadas é bastante variável, bem como o tempo destinado a cada uma delas (assuntos de destaque são mostrados no programa mais de uma vez, intercalados pelas outras matérias que compõem a edição do dia), como veremos a seguir:

Cidade Alerta – 24/08/2004

Tempo total do programa (com intervalos comerciais): 58'48"

Número de assuntos abordados: 4

1. É divulgado o retrato falado dos possíveis responsáveis pela morte de moradores de rua de SP.
2. Quadrilha envolvida com o tráfico de drogas é presa com carga roubada (um dos integrantes é um "irmão Rabelo").
3. Mulher se entrega à polícia para pagar os crimes que cometeu.
4. Presas rebeladas no Carandiru fazem oito reféns.

Conteúdo ⁴	Tempo
Saúda o telespectador e chama a primeira matéria	11"
1. "Retrato falado identifica matadores de mendigos" (VT e Ao vivo)	47"
Chamada da próxima matéria	6"
2. "Quadrilha presa com carga roubada" (VT e Ao vivo) – sem GC	33"
Chamada da próxima matéria	5"
3. "Mulher se entrega à polícia para pagar os crimes que cometeu"	16"
Chama intervalo comercial e faz o gancho do <i>Ligue Record</i>	15"
INTERVALO COMERCIAL	30"
Resultado da pesquisa do <i>Ligue Record</i> do dia anterior sobre carga roubada	20"
2. "Quadrilha presa com carga roubada"	1'43"
Resultado da pesquisa do <i>Ligue Record</i> (carga roubada)	33"
Chamada da próxima matéria	57"

⁴ As informações que estão entre aspas referem-se fielmente aos títulos dados pelo programa a cada uma das matérias através do gerador de caracteres. Informações que não têm aspas são observações minhas.

Conteúdo ⁵	Tempo
2. “Mais um irmão Rabelo na cadeia”	2’15”
4. “Oito reféns nas mãos das presas do Carandiru” (Ao vivo, repórter via telefone)	2’07”
INTERVALO COMERCIAL	3’46”
2. “Drogas: mais um irmão Rabelo na cadeia” (Ao vivo – Entrevista com diretor do Denarc)	4’18”
4. “Oito reféns nas mãos das presas do Carandiru” (Ao vivo)	41”
INTERVALO COMERCIAL	3’50”
4. “Oito reféns nas mãos das presas do Carandiru” (Ao vivo, repórter via telefone)	1’59”
INTERVALO COMERCIAL	3’44”
4. “Oito reféns nas mãos das presas do Carandiru” (Ao vivo)	10”
2. “As funções de cada bandido na quadrilha”	2’33”
<i>Ligue Record</i> do dia (de quem é a culpa do aumento da criminalidade?) – participação do diretor do Denarc e do jornalista Percival de Souza (Ao vivo)	9’20”
4. “Oito reféns nas mãos das presas do Carandiru” (Ao vivo, repórter via telefone)	14’02”
Destaques do <i>Jornal da Record</i>	45”
4. “Oito reféns nas mãos das presas do Carandiru” (Ao vivo, repórter via telefone)	2’28”
<i>Ligue Record</i> do dia (de quem é a culpa do aumento da criminalidade?)	32”
Imagens da rebelião de presas encerram o jornal	2”

Brasil Urgente – 24/08/2004

Tempo total do programa (com intervalos comerciais): 39’03”

Número de assuntos abordados: 7

1. Ônibus invade casa na Zona Sul de SP.
2. Irmãos voltam para casa após terem sido seqüestrados.
3. Microônibus “atropela” casa em SP.
4. Assassinato em série de moradores de rua.

⁵ As informações que estão entre aspas referem-se fielmente aos títulos dados pelo programa a cada uma das matérias através do gerador de caracteres. Informações que não têm aspas são observações minhas.

5. Detentas do Carandiru fazem motim.
6. Operário é degolado ao retirar cabo de ônibus elétrico.
7. Preso irmão de deputado acusado de tráfico de drogas.

Conteúdo⁶	Tempo
Saúda o telespectador e chama a primeira matéria	10"
1. "Ônibus invade casa na Zona Sul" (Ao vivo)	5'06"
Chama próxima matéria	5"
2. "Fim do pesadelo: irmãos seqüestrados voltam pra casa"	2'30"
Sugere pena de morte, fala do acidente com ônibus e conversa com comandante do helicóptero. Chama próxima matéria com outro acidente de ônibus	1'09"
3. "Microônibus atropela casa em SP"	1'19"
INTERVALO COMERCIAL	3'05"
Chama próxima matéria	17"
4. "Polícia divulga retrato falado de assassinos de mendigos"	1'16"
Comenta a matéria anterior e chama repórter ao vivo	20"
Repórter entrevista delegado sobre morte de mendigos, Datena interage	2'07"
Datena condena o nazismo e chama intervalo comercial	33"
INTERVALO COMERCIAL	34"
Chama imagens ao vivo da próxima matéria	8"
1. "Ônibus invade casa na Zona Sul" (Ao vivo)	1'
Chama repórter ao vivo em albergue	10"
4. "Moradores de rua morreram com marretadas na cabeça" (entrevista com secretária, Datena interage)	2'31"
Interrompe a entrevista para chamar imagens ao vivo de rebelião	12"
5. "Detentas fazem motim na penitenciária feminina de SP"	2'34"
1. "Ônibus invade casa na Zona Sul"	31"
Chama próxima matéria	9"
4. "Homem diz que foi agredido quando morava nas ruas"	1'08"
Comenta e chama secretária ao vivo	10"
4. "Moradores de rua morreram com marretadas na cabeça"	1'50"
Agradece e chama a repórter ao vivo (faz elogios a ela)	10"

⁶ As informações que estão entre aspas referem-se fielmente aos títulos dados pelo programa a cada uma das matérias através do gerador de caracteres. Informações que não têm aspas são observações minhas.

Conteúdo ⁷	Tempo
4. “Polícia divulga retrato falado de assassinos de mendigos”	1’32”
Chama próxima matéria	14”
6. “Operário é degolado ao retirar cabo de ônibus elétrico”	54”
Chama imagens da casa “atropelada” por ônibus	24”
1. “Ônibus invade casa na Zona Sul de São Paulo”	1’06”
Comenta e chama intervalo	15”
INTERVALO COMERCIAL	2’15”
Chama repórter ao vivo no Denarc	9”
7. “Preso irmão de deputado acusado de tráfico de drogas”	1 30
5. “Detentas fazem motim na penitenciária feminina de São Paulo”	1’10”
Encerra o programa com imagens ao vivo da penitenciária	30”

Como se pode notar nos exemplos acima, as matérias que compõem os telejornais são essencialmente a respeito de fatos ocorridos nos grandes centros urbanos – no caso dos telejornais do dia 24/08/2004, nota-se o predomínio de acontecimentos da cidade de São Paulo.

Encontram-se algumas coincidências entre as matérias exibidas pelos dois telejornais, mas é importante destacar que o enfoque nem sempre é o mesmo – normalmente por diferenças estratégicas e questões ideológicas que serão discutidas ao longo deste trabalho.

A minutagem das matérias demonstra a grande variação existente no tempo destinado a cada uma delas, tendo variado, no *Brasil Urgente*, de 54 segundos a 5 minutos seguidos (“Operário é degolado ao retirar cabo de ônibus elétrico” e “Ônibus invade casa na Zona Sul”, respectivamente) e no *Cidade Alerta* a discrepância foi ainda maior: a matéria com o menor tempo teve 16 segundos de exibição, enquanto a mais longa chegou a 14 minutos

⁷ As informações que estão entre aspas referem-se fielmente aos títulos dados pelo programa a cada uma das matérias através do gerador de caracteres. Informações que não têm aspas são observações minhas.

seguidos (“Mulher se entrega à polícia para pagar os crimes que cometeu” e “Oito reféns nas mãos das presas do Carandiru”, respectivamente).

Sem dúvida, o critério que leva os programas a destinar maior tempo de exibição de uma matéria é o impacto⁸ que esta poderá causar – são privilegiadas as imagens mais “quentes”, ou seja, captadas ao vivo (não por coincidência, as reportagens mais longas veiculadas pelos dois programas eram mostradas ao vivo, enquanto as que tiveram menor tempo foram gravadas previamente).⁹

Matérias internacionais são raras, exibidas apenas quando há grande relevância e elementos de tragicidade presentes, seguindo a linha editorial dos programas: o trabalho da polícia para impedir um suicídio (mesmo se as imagens foram captadas por câmera amadora), perseguições policiais, troca de tiros, latrocínios, chacinas ou, como será visto adiante, a divulgação de um problema envolvendo uma figura mundialmente conhecida (como é o caso do Papa João Paulo II).

O telespectador pode participar do programa respondendo a enquetes através do telefone – responde “sim” ou “não” para a pergunta feita pelo apresentador ou mesmo falando ao vivo. O *Cidade Alerta* tinha um quadro diário chamado *Ligue Record*, em que era feita uma pergunta (por exemplo: “De quem é a culpa do aumento da violência no Brasil?”) e o telespectador poderia optar entre duas alternativas (nesse caso, as opções eram “Do

⁸ O impacto é medido a partir da perspectiva da linha editorial dos programas analisados (ou seja, seguem o conceito do “quanto pior, melhor”, destinando mais espaço e ênfase aos assuntos mais trágicos). Por outro lado, mesmo que uma notícia tenha o grande impacto que os programas buscavam, se por algum motivo não haja imagens captadas, por exemplo, esta não será exibida ou não terá o mesmo destaque que outras matérias.

governo” ou “Da falta de leis mais severas”). No *Brasil Urgente*, era possível que o telespectador desse sua opinião sobre um determinado assunto através de um número de telefone específico chamado de *Fale com o Datena*.

Os repórteres dos telejornais policiais são, em sua maioria, homens, no entanto, não há uma hierarquização do tipo “repórteres homens cobrem as matérias mais violentas”. As mulheres, apesar de somarem menor número, podem tratar de assuntos de grande repercussão e mesmo acompanhar uma perseguição policial onde ocorra troca de tiros.

Os anunciantes que têm seus produtos exibidos durante os intervalos comerciais são praticamente os mesmos nos dois telejornais (um deles, uma grande loja de móveis). No decorrer dos programas, abre-se espaço para a chamada do telejornal principal da emissora (*Jornal da Record* e *Jornal da Band*), em que Boris Casoy e Carlos Nascimento, diretamente de seus estúdios, lêem as chamadas do dia.

A posição desses telejornais no mosaico das emissoras, em 2004 e 2005, era a seguinte ¹⁰:

⁹ Neste momento, limitamo-nos a fazer apenas estes breves comentários, visto que as análises comparativas entre os dois programas serão realizadas de maneira mais exaustiva em um capítulo específico deste trabalho, intitulado “A abordagem padrão – tragédias envolvendo pessoas comuns”.

¹⁰ Posição no mosaico nos meses de Julho/2004, Dezembro/2004 e Maio/2005 (intervalo de 5 meses).
Fonte: <http://tudonoar.uol.com.br/tudonoar/gradeProgramacao.aspx>. Acesso em 21/10/2005 às 11h.

Cidade Alerta

Julho – 2004

15h – 17h30

Programa Eliana

17h30 – 18h30

Cidade Alerta

18h30 – 19h15

Jornal da Record

Dezembro – 2004

17h – 18h15

Tudo a Ver

18h15 – 18h45

Cidade Alerta

18h45 – 19h15

Escrava Isaura

Maio – 2005

17h – 18h20

Tudo a Ver

18h20 – 19h15

Cidade Alerta

19h15 – 20h15

Escrava Isaura

Brasil Urgente

Julho – 2004

17h30 – 18h

Cavaleiros do Zodíaco

18h – 19h15

Brasil Urgente

19h15 – 20h

Jornal da Band

Dezembro – 2004

18h – 18h30

Cavaleiros do Zodíaco

18h30 – 19h15

Brasil Urgente

19h15 – 20h15

Jornal da Band

Maio – 2005

18h – 18h30

Clube do Fã

18h30 – 19h15

Brasil Urgente

19h15 – 20h15

Jornal da Band

Não há uma regra fixa para o encerramento desses programas, que eventualmente pode ser feito com imagens aéreas de São Paulo, ou com cenas da reportagem de maior destaque (com ou sem uma música de fundo), ou com imagens do apresentador no estúdio, ou simplesmente com o logotipo da vinheta do programa.

6. O telejornalismo “padrão”

Antes de efetuar a análise específica do gênero policial propriamente dito, serão apresentadas algumas das características basilares do jornalismo televisivo.

Dentre os elementos que definem a televisão (informação visual, imediatismo, penetração, instantaneidade, etc.) está o seu poder de envolver o telespectador, que é transportado “para ‘dentro’ de sua mensagem. A linguagem televisiva permite esse tipo de sedução”.¹¹ No âmbito do telejornalismo, esse envolvimento é facilitado quando se utiliza uma forma pessoal de “contar” a notícia, bem como a familiaridade que se estabelece com os apresentadores e repórteres.

O texto jornalístico de televisão tem características próprias – deve ser claro, gramaticalmente correto, coloquial (ou seja, utilizando a linguagem do cotidiano), objetivo, em ordem direta, informativo, simples e pausado. De acordo com o *Manual de Telejornalismo*, de Paternostro¹², algumas regras são:

- Na medida em que o texto jornalístico é escrito para ser lido em voz alta, deve-se ter grande preocupação com a sonoridade das palavras, por exemplo, evitar rimas e palavras com a mesma terminação, abolir o aparecimento de cacófonos,

¹¹ PATERNOSTRO, Vera Iris. *O Texto na TV: Manual de Telejornalismo*. Brasiliense: São Paulo, 1991. p.36-37.

¹² A escolha do manual de telejornalismo para dar respaldo a este trabalho foi feita a partir do seguinte critério: buscou-se nas bibliotecas da USP e PUC-SP (por oferecerem o curso de jornalismo) obras tratando especificamente desse tema (ou seja, de jornalismo televisivo, e não impresso). O resultado foi que cada uma das instituições disponibiliza apenas um título, que não são coincidentes: *Manual*

elaborar frases curtas, que melhoram o ritmo da leitura e facilitam a apreensão do telespectador;

- utilizar palavras exatas (e não em excesso), a fim de que o texto seja preciso e conciso. A utilização de muitos adjetivos não é recomendável;
- evitar o uso de clichês. Alguns dos termos “proibidos”¹³ em telejornalismo são: “afogou as mágoas”, “a nível de”, “bastante emocionado”, “capotou espetacularmente”, “cara-metade”, “cidadão exemplar”, “com um tiro certeiro”, “discurso positivo”, “discussão tensa”, “falou / informou à nossa reportagem”, “gentilmente cedido”, “lamentável acidente”, “na oportunidade”, “pivô da tragédia”, “por força das circunstâncias”, “profunda preocupação”, “salvo milagrosamente”, “situação sem precedentes”, “solenidade de praxe / simples”, etc.;
- utilizar palavras o mais simples possível, que facilitam a compreensão do texto: “pôr fogo” ao invés de “atear fogo”; “assaltante / ladrão” ao invés de “bandido”; “corpo” ao invés de “cadáver”; “doença” ao invés de “enfermidade”; “morrer” ao invés de “falecer”, “enterrar” ao invés de “sepultar”, “começou” ao invés de “teve início”, “vestir” ao invés de “trajar”, etc.;
- texto e imagem: devem estar combinados, e não competindo entre si. O texto não deve apenas descrever o que o telespectador está vendo, o que seria desnecessariamente

de Telejornalismo, de Vera Iris Paternostro (USP) e *Manual de Telejornalismo*, de Luís Carlos Bittencourt (PUC-SP). Ambos foram utilizados neste estudo, em momentos diferentes.

redundante. A imagem tem uma narrativa própria e pode transmitir, por si só, informação e emoção;

- utilizar os recursos de texto que servem para chamar a atenção do telespectador para a notícia, tais como: “atenção”, “urgente”, “exclusivo”, além dos recursos utilizados para destacar imagens: “vamos acompanhar as imagens”, “vejam agora em câmera lenta”;
- caso não existam imagens correspondentes ao texto, deve-se utilizar recursos gráficos para ilustração (as chamadas “artes”) – mapas, fotos, selos, animação, entre outros.

Seguindo esses passos, tem-se o que chamaremos de texto do “telejornal tradicional”, ou seja, aquele que segue os padrões propostos pelos manuais de telejornalismo.

A seguir, será possível notar que os telejornais policiais têm características próprias, distintas daquelas citadas pelos manuais.

¹³ A autora classifica esse tipo de termo como sendo “vetado em telejornalismo”.

7. Quebra de paradigma: o telejornal *Aqui Agora*, do SBT

O gênero telejornalístico popular, com enfoque em assuntos policiais, tem suas origens no *Aqui Agora*, veiculado pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) no período de 1991 a 1997. Esse programa fugia dos padrões tradicionais de telejornalismo e era chamado pela emissora de “jornalismo comunitário”. As reportagens que compunham o programa enfocavam crimes e violência urbana, com o uso de uma linguagem marcadamente coloquial (com a utilização de gírias e clichês, condenados pelos manuais).

O grande diferencial trazido pelo *Aqui Agora* em relação aos outros telejornais, além do seu enfoque, estava na utilização do plano-sequência e a movimentação da câmera, que “caminhava” apressadamente com os repórteres que acompanhavam a polícia na perseguição de suspeitos, dando um toque de realismo à apresentação das reportagens, que muitas vezes traziam imagens de baixa qualidade.

Manuais de telejornalismo não recomendam o uso do plano-sequência, devido à maneira como é feita a edição dos telejornais tradicionais, mas apontam o *Aqui Agora* como uma referência desse uso inovador:

O telejornalismo não costuma usar plano sequência. E quando usa, faz diferença. Foi o que aconteceu com o telejornal *Aqui Agora*, do SBT. O plano sequência passava a idéia de imediatismo. A câmara era o olho do telespectador no palco do

acontecimento. No telejornalismo tradicional, as imagens são muito picotadas na edição. Mesmo o plano geral não deve ser usado em excesso. A tela é muito pequena e torna os elementos insignificantes em planos gerais. Da mesma forma, não se pode abusar do ponto de vista. Telejornalismo não é cinema. A imagem é “casada” com o texto e com ele forma unidade referencial de informação.¹⁴

Uma primeira versão do telejornal, um programa homônimo que também seguia a linha policial, foi exibido durante um curto período de tempo pela Rede Tupi em 1979 (mesmo porque, a emissora teve sua concessão cassada pelo governo militar em 1980)¹⁵:

Curiosamente os dois programas *Aqui Agora*, a versão da Tupi e a versão do SBT, tiveram algo em comum. Os dois foram para o ar com a intenção de alavancar a audiência de suas emissoras endividadas. A versão da Tupi foi para o ar na época em que a emissora estava afogada em dívidas e prestes a sair do ar. A versão do SBT foi para o ar na época que o SBT também não estava bem das pernas. A diferença é que o SBT se recuperou rapidamente e a Tupi saiu do ar no ano seguinte (1980).¹⁶

¹⁴ BITTENCOURT, Luís Carlos. *Manual de Telejornalismo*. Versão online: <http://www.telejornalismo.com/manual.htm> Acesso em 07/10/2005 às 16h.

¹⁵ Fonte: <http://www.tvmemoria.hpg.ig.com.br>. Acesso em 08/10/2005 às 17h40.

¹⁶ Idem.

Um dos maiores destaques do *Aqui Agora* era o repórter Gil Gomes, que já tratava de temas policiais em programas de rádio (passou pelas rádios Record, Globo e Capital), apesar de ter iniciado sua carreira como locutor e repórter esportivo.¹⁷ Era ele o responsável pelas matérias mais trágicas, narrando as histórias com seu estilo próprio: com a voz muito grave, fazia movimentos com a mão direita enquanto falava, e sempre encerrava as reportagens de forma pausada: “Gil Gomes... *Aqui... Agora*”.

A credibilidade do programa, e em especial de Gil Gomes era tamanha que este recebia informações antes da própria polícia, como cita Beltrina Côrte:

Hoje, por exemplo, o Gil Gomes, do programa *Aqui Agora*, recebe informações, antes mesmo de todas as autoridades oficiais. Ele é uma instância nas quais as pessoas acreditam e procuram como a pessoa que vai resolver seus problemas. O *Aqui Agora* é um programa que resolve tudo. Inclusive na classe média existe essa posição frente a qualquer coisa que aconteça - corrupção ou qualquer outro fato. As pessoas costumam dizer: "vou levar pro *Aqui Agora*". Quer dizer, esse programa e a imprensa de maneira geral, hoje, ocupam o lugar do Estado e das instituições.¹⁸

¹⁷ Fonte: <http://an.uol.com.br/1998/jul/05/0tev.htm>. Acesso em 29/10/2005 às 19h30.

¹⁸ Fonte: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/ae1.html>. Acesso em 28/10/2005 às 15h30.

É importante ressaltar que um programa de televisão, alvo de críticas severas, estava sendo utilizado pela população como um espaço de reivindicação, em busca de resolver problemas por meio da pressão que os meios de comunicação podem exercer. O repórter Celso Russomano é um exemplo claro da intermediação que era feita na busca pela solução de problemas, atuando como um advogado dos telespectadores.

Russomano não se limitava a narrar um fato – o que poderia ser considerado como o papel fundamental da imprensa – mas montava toda uma situação, colocando frente a frente a pessoa que se dizia prejudicada e aquela que a prejudicou, como uma “prestação de serviços encenada”. Ele tentava levar os envolvidos a chegarem a um acordo, e encerrava suas matérias com o jargão que se tornou famoso: “Estando bom para ambas as partes, Celso Russomano, *Aqui Agora*”.

Uma reportagem marcou a história do programa, que foi muito criticado na época: a exibição de um suicídio ao vivo pela televisão, fato que consta no *Manual de Telejornalismo* escrito por Luís Carlos Bittencourt. O autor diz que esse tipo de reportagem está de acordo com a proposta do telejornal, visto que este “depende do *fait-divers*”.¹⁹ Bittencourt acrescenta que a equipe de um programa com as características do *Aqui Agora* “já está

¹⁹ Existem várias definições para o termo, que surgiu no século XVI, “quando histórias de escândalos, acidentes e crimes circulavam de forma oral nas vilas e nos campos”. Estrela Serrano explica que esses temas desenvolveram-se na imprensa popular da segunda metade do século XIX, “adaptando-se, desde então, a cada novo progresso tecnológico e estendendo-se à rádio, aos magazines e revistas, à televisão e à Internet”. De acordo com Serrano, “longe da importância política, econômica ou social das grandes notícias da actualidade, os *faits divers* confinam-se a um espaço de significação menos global, mais próximos da vida das pessoas. Trazem a público pequenas coisas da vida de pessoas comuns ou a vida quotidiana e privada de celebridades - a sua família, casamento, amigos, etc.” Ela destaca que quanto mais um jornal explora os *faits divers*, mais se aproxima da versão de imprensa popular e do tablóide. Fonte: "Notícias de Verão", Estrela Serrano. Copyright *Diário de Notícias*, 30/07/2001

preparada para tudo, sabendo que o tratamento que dará aos fatos será o mais sensacionalista e emocional possível”. Segundo ele, “a equipe espera - e torce - pelo pior. Os telejornais e programas que exploram os *fait-divers* constróem as surpresas”.²⁰

A decisão ousada do SBT por veicular as imagens do suicídio de uma adolescente custou à emissora um processo por danos morais. O *Jornal do Brasil*, de 30/09/1994 (p.17) publicou a matéria “SBT é condenada a pagar R\$1,05 milhão”:

São Paulo - O juiz Ernani Coutinho Dantas, da 5a. Vara Cível de São Paulo, condenou o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), emissora do apresentador Senior Abravanel, o Sílvio Santos, a pagar 15 mil salários mínimos - R\$ 1,05 milhão - pelo uso indevido de imagens e danos morais na reportagem do programa *Aqui Agora* sobre o suicídio da garota Daniele Lopes Alves, de 16 anos, morta no dia 5 de julho de 1993 ao pular do 7º andar de um prédio, no centro desta Capital.²¹

O *Aqui Agora*, precursor do gênero telejornalístico policial, teve seu formato copiado por outras emissoras: a Rede CNT produziu o *190 Urgente*, a Rede Record trouxe o *Cidade Alerta*, a Rede Bandeirantes continua

(<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/voz010820017.htm>). Acesso em 12/10/2005 às 19h.

²⁰ BITTENCOURT, Luís Carlos. *Op. cit.*

²¹ Fonte: <http://advogado.adv.br/artigos/2000/edson/execbancosclonagemcartao.htm>. Acesso em 07/10/2005 às 17h.

veiculando o *Brasil Urgente*, a própria Rede Globo, com o *Linha Direta*²² (que tem o diferencial de não ser ao vivo), entre tantos outros.

Parece inevitável que se faça o seguinte questionamento: por que as pessoas sentem-se atraídas pelo conteúdo violento e trágico de telejornais como o *Aqui Agora*? Apesar de não se ter uma resposta pronta para tal pergunta, podem-se arriscar alguns apontamentos:

A violência é valorizada porque confirma a repressão ao desejo de felicidade (em favor de uma austera consciência de culpa), porque no sadismo de TV tem-se um estranho prazer em ver a condenação daquele que queria transgredir as normas sociais.²³

Assim, a mensagem emitida pelo telejornal de horrores parece conseguir manter os valores e a ordem social, evitando-se que esta seja desafiada. O autor afirma que a violência associada à punição é uma “confirmação de certas atitudes”. Valoriza-se a violência porque esta “reconforta e tranqüiliza o telespectador, passando-lhe a noção de que ‘não

²² O *Linha Direta* (criado em 1999 sob o comando de Marcelo Rezende), apesar de tratar do tema policial, tem características próprias importantes que o diferem dos outros programas citados: diferentemente destes, é exibido semanalmente; outro diferencial é o horário de exibição: o *Linha Direta* vai ao ar às 23h, após o humorístico *A Grande Família*; tem como foco principal a exibição de assassinatos e mostra fotos dos culpados que estão foragidos – conta com a denúncia de telespectadores para auxiliar a polícia na captura dos culpados (no site oficial do programa, consta a seguinte informação “Capturados até hoje: 341). Fonte:

<http://linhadireta.globo.com/Linhadireta/0,26665,4625,00.html>. Acesso em 21/10/2005 às 12h30.

²³ MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a Vida pelo Vídeo*. São Paulo: Moderna, 1998. p. 87-88.

é só ele que sofre, mas todos, e todos têm de abrir mão de seus desejos', uma vez que toda cultura não passa de um amontoado de privações".²⁴

Para Belloni²⁵, a violência (real ou fictícia), que se repete incessantemente na TV, acaba por construir uma "realidade virtual e longínqua", onde estão as guerras, o mau-caratismo, etc., deslocando o lugar desses fatos, criando nos receptores a percepção de que "sua realidade" está protegida. Esta é uma das chaves para a leitura da violência: tranquilizar o espectador, afastando-o dos problemas de sua realidade social e política.

Porém, um questionamento cabe aqui: quem é que se sente tranquilizado e protegido ao ver as tragédias exibidas diariamente nos telejornais policiais? Aparentemente, ninguém: a violência dos grandes centros urbanos invade as casas das pessoas das classes A e B, que acabam por concluir que ninguém está protegido, mesmo com grades, seguranças e carros blindados. Os que integram as classes C e D, aqueles que moram nos subúrbios das grandes cidades, vêem retratada a realidade do bairro em que vivem, é a sua realidade que está sendo exibida, os seus problemas sociais. Em ambos os casos, a violência parece ficar mais próxima do receptor do telejornal, cuja alternativa parece ser a de ficar em casa e ver mais tragédias pela televisão.

Para amenizar esse fato, os telejornais do gênero policial apoiam-se no maniqueísmo, criando dois territórios distantes: o *lá* (onde fica o mal) e o *aqui* (onde ficam as pessoas de bem). O *lá* é o que está distante: o mundo

²⁴ Idem, p. 88.

da marginalidade, os traficantes, seqüestradores e criminosos entrevistados pelos repórteres. O *aqui* é onde está o apresentador e seus telespectadores, fechados e isolados dos acontecimentos trágicos mostrados pelas câmeras nas ruas das cidades. Mesmo aqueles que vivem próximos à violência acabam por sentir-se distantes dela, privilegiados por não estarem envolvidos no que ocorre do lado de *lá*.

Entregar-se à diegese numa sala de cinema, ou às imagens exibidas na televisão, é, segundo Benjamin, uma forma de o cidadão comum alienar-se dos problemas enfrentados na vida cotidiana:

(...) é diante de um aparelho que a esmagadora maioria dos cidadãos precisa alienar-se de sua humanidade, nos balcões e nas fábricas, durante o dia de trabalho. À noite, as mesmas massas enchem os cinemas para assistirem à vingança que o intérprete executa em nome delas, na medida em que o ator não somente afirma diante do aparelho *sua* humanidade (ou o que aparece como tal aos olhos dos espectadores), como coloca esse aparelho a serviço do seu próprio triunfo.²⁶

No caso dos telejornais policiais, há um agravante se comparados com os filmes ou outras obras de ficção – quando vai ao cinema ou assiste a um filme na TV, o receptor tem consciência de que se trata de uma obra de

25 BELLONI, Maria Luiza. *Estética da Violência*. Revista Comunicação e Educação, São Paulo, v. 4, n. 12, p. 12, mai./ago., 1998.
p. 12.

ficção, ou seja, que não é “real”. Ao contrário, o telejornalismo, cumprindo sua função básica, informa o telespectador dos últimos acontecimentos, trazendo imagens de fatos “reais”, ocorridas ali, na cidade em que ele vive.

São constantes as ilusões de objetividade fabricadas pela televisão. Isto implica numa armadilha para o receptor: certo de defrontar-se com o real, este pode deixar-se influenciar ainda mais pela mensagem, entregando-se sem rédeas aos processos de identificação e projeção. Nesse ponto, a tevê converte-se num veículo socialmente perigoso, pois tende a conformar o indivíduo à sua pseudo-objetividade (o que não ocorre, por exemplo, com o cinema, cujo mundo imaginário é sempre denunciado pela presença dos atores, dos truques, das elipses narrativas, etc.) que no caso do Brasil é bastante medíocre e conservadora.²⁷

Quando sai do cinema ou termina de ver o filme, o receptor “sai” daquele universo ficcional em que estava inserido, porém, quando o telejornal termina e ele desliga a televisão, continua fazendo parte daquelas situações trágicas a que estava exposto. Daí pode-se depreender que o medo gerado pelos telejornais policiais tem efeito maior do que o dos filmes.

²⁶ BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*. In *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 179.

²⁷ SODRÉ, Muniz. *A Comunicação do Grotresco*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1971. p. 62.

Robert Stam utiliza a explicação de Metz para tratar dos “prazeres gerados por filmes que à primeira vista parecem distópicos, ameaçadores e mesmo repulsivos”:

Os filmes-catástrofe, por exemplo [e aqui se poderia ampliar para os telejornais policiais], jogam com nossas inseguranças mais elementares em relação à natureza e, no entanto, transformam-se muitas vezes em monstruosos sucessos. Tais filmes, embora superficialmente desagradáveis, são em última instância tranquilizadores em uma perspectiva metziana, porque dão forma material a nossos temores, lembrando-nos de que não estamos sozinhos. Não estamos loucos ao sentir esse tipo de ansiedade, parecem dizer-nos esses filmes, uma vez que nossos medos estão presentes de modo tão palpável na tela, inscritos em imagens e sons, reconhecidos e sentidos também por outros espectadores.²⁸

Percebemos aqui que existe uma necessidade de materialização das emoções como agente tranquilizador e motivador da busca por conteúdos que, numa análise superficial, poderiam parecer simplesmente repulsivos.

Marcondes Filho explica a “naturalidade” com que a violência na televisão é normalmente aceita pelo telespectador:

²⁸ STAM, Robert. *Introdução à Teoria do Cinema*. Campinas: Papirus, 2003. p. 189.

Essas duas reações são esperadas e conhecidas dos telespectadores: a naturalidade em ver a prática da violência na TV como punição para “endireitar” sujeito e o reforço de sua própria ação violenta dentro de casa, na rua, no trabalho. A TV não esconde que a sociedade seja violenta, ela a reproduz inteiramente. Em ambos os casos trata-se de atos que se realizam na esfera individual preservando os valores e normas do indivíduo, apesar de retratar a violência estrutural.²⁹

Sadismo, desejo de vingança, preservação de valores sociais, busca por alienação ou um agente tranquilizador – qualquer que seja a explicação, o fato é que existe essa atração do telespectador por temas trágicos e violentos, fator que explica o sucesso do gênero policial desde o seu surgimento, conquistando bons índices de audiência e ganhando espaço até mesmo na TV Globo, com o programa *Linha Direta*.

²⁹ MARCONDES FILHO, Ciro. *Op. cit.*, p. 88.

8. *Brasil Urgente* e *Cidade Alerta*: breve diacronia

Mais antigo do que o *Brasil Urgente*, o *Cidade Alerta* foi o primeiro telejornal a seguir a linha policial implantada pelo *Aqui Agora*, iniciando-se na Rede Record em 1995 (período em que o policialesco do SBT ainda era exibido). O primeiro a comandar o *Cidade Alerta* foi Ney Gonçalves Dias, tendo havido um grande número de trocas de apresentadores: em menos de dois anos, apresentaram o programa José Luiz Datena, Milton Neves, Ney Gonçalves Dias, Oscar Roberto de Godóy (ex-árbitro de futebol) e Lino Rossi.³⁰

O último apresentador do *Cidade Alerta*, que saiu do mosaico da Rede Record em Junho de 2005, foi o jornalista Marcelo Rezende, já experiente na linha policial: apresentou o *Linha Direta* (Rede Globo) e *Repórter Cidadão* (Rede TV!).

O programa *Cidade Alerta* conquistou altos índices de audiência, mantendo-se na vice-liderança por um longo período, como se pode verificar a partir da divulgação dos números pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), cronologicamente³¹:

- ✓ “*Cidade Alerta* em segundo lugar” (Quarta-Feira, 21 de Janeiro de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* mais uma vez em segundo lugar” (Terça-Feira, 03 de Fevereiro de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* e *Jornal da Record* alcançam o segundo lugar” (Sexta-Feira, 13 de Fevereiro de 2004);

³⁰ Fonte: <http://diarioon.com.br/arquivo/3626/lazer/lazer-5714.htm>. Acesso em 12/10/2005 às 11h40.

- ✓ “*Cidade Alerta e Jornal da Record* em segundo lugar” (Segunda-Feira, 15 de Março de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* em segundo lugar” (Sexta-Feira, 19 de Março de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* com 8 pontos de média” (Terça-Feira, 13 de Abril de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* fecha a semana na vice-liderança” (Terça-Feira, 11 de Maio de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* volta a ocupar o segundo lugar no ranking de audiência” (Terça-Feira, 15 de Junho de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* mantém a vice-liderança” (Quarta-Feira, 28 de Julho de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* em segundo lugar” (Sexta-Feira, 22 de Outubro de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* atinge pico de 13 pontos” (Quinta-Feira, 28 de Outubro de 2004);
- ✓ “*Cidade Alerta* conquista a vice-liderança” (Quarta-Feira, 11 de Maio de 2005).

Como se pôde constatar acima, os bons índices de audiência do programa proporcionaram a este a segunda colocação, normalmente perdendo para a Rede Globo. Na maioria das vezes, o *Cidade Alerta* estava empatado com o SBT, porém, há casos em que conquista a segunda posição no Ibope isoladamente, estando o SBT em terceiro e a Bandeirantes em quarta colocação.

³¹ Fonte: <http://home.areavip.com.br>. Acesso em 07/10/2004 às 10h30.

Mesmo com essa grande aceitação do público, o telejornal foi excluído da programação da emissora, que passava por reformulações em meados de 2005.³²

O telejornal *Brasil Urgente* foi ao ar em Dezembro de 2001 na Rede Bandeirantes (emissora com tradição em telejornalismo no país), inicialmente sendo apresentado pelo jornalista Roberto Cabrini, ex-Rede Globo. Cabrini ficou no comando do programa até Março de 2003, alcançando uma média de 6 pontos de audiência. José Luiz Datena assumiu o telejornal a partir do dia 10 de Março de 2003, conseguindo bons números: “Na estréia do novo âncora, o programa ficou em segundo lugar no Ibope, atingindo uma média de 9 pontos e pico de 11”.³³

A audiência do programa costumava render ao *Brasil Urgente* a terceira colocação no Ibope, ficando atrás do *Cidade Alerta*. Ainda hoje, Datena continua apresentando o *Brasil Urgente*, sendo substituído às sextas-feiras pelo jornalista Márcio Campos devido às gravações do programa *No Coração do Brasil*, que vai ao ar às sextas-feiras às 23h15.³⁴ Apesar de o apresentador continuar o mesmo, reestruturações sempre fizeram parte da realidade do telejornal – ampliação e diminuição do tempo de exibição, posição no mosaico, participação de convidados, etc.

³² As razões que podem ter levado a emissora a deixar de exibir o *Cidade Alerta* podem estar relacionadas à campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”, o que supostamente teria diminuído o número de anunciantes. Essa questão será analisada mais detalhadamente a seguir.

³³ Fonte: <http://www.terra.com.br/exclusivo/noticias/2003/03/11/008.htm>. Acesso em 12/10/2005 às 12h30.

³⁴ De acordo com a Rede Bandeirantes, no programa “Datena viaja o Brasil para mostrar o país que dá certo e descobrir facetas desconhecidas. Além de tudo isso o programa traz imagens incríveis de uma nação que, com certeza, o telespectador vai gostar de conhecer.” Fonte: site oficial da Bandeirantes (<http://www.band.com.br/nocoracaodobrasil/programa.asp>). Acesso em 12/10/2005 às 13h.

As constantes mudanças de horários já faziam parte da rotina do precursor do gênero telejornalístico policial, o *Aqui Agora*, que chegou a ter duas edições em 1992, devido aos altos índices de audiência: a primeira edição era veiculada às 18h30, e a segunda ia ao ar no horário nobre, disputando os telespectadores do *Jornal Nacional*. Em 1995, o telejornal já não tinha o mesmo prestígio, passando para o horário das 13h30 – foi substituído pelo *SBT Notícias*, apresentado pelo casal Eliakin Araújo e Leila Cordeiro, que teve a duração de um único mês. Com isso, o *Aqui Agora* passou novamente para o horário vespertino.

Em 1996, em meio a inúmeras reformulações do SBT, o *Aqui Agora* voltou a ter duas edições. Em 1997, o telejornal passa a ter apenas trinta minutos, estando sob o comando de Ney Gonçalves Dias. Esse novo formato durou apenas dois meses, sendo definitivamente extinto. O horário foi preenchido pelo *game show Fantasia*³⁵.

As alterações de horários nos telejornais policiais sempre foram uma realidade, seguindo as regras mercadológicas que são inevitáveis na mídia televisiva, em que “cada programa é periodicamente interrompido para abrir espaço para os comerciais e, conseqüentemente, o sentido tem que ser veiculado em blocos, de modo fragmentário”³⁶. Em matéria publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, lê-se:

³⁵ Fonte: <http://www.tvmemoria.hpg.ig.com.br>. Acesso em 08/10/2005 às 17h40.

³⁶ BALOGH, Anna Maria. *O Discurso Ficcional na TV: Sedução e Sonho em Doses Homeopáticas*. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002, p. 94.

No lugar do tom indignado de Marcelo Rezende³⁷, na Record, a eloqüência de Paulo Henrique Amorim e Janine Borba, mais 1,20m de pernas de Ana Hickmann. As esbravejadas de Datena, na Band, perderam espaço para os hipnotizadores de criancinhas - os Cavaleiros do Zodíaco. Na Rede TV!, o *Repórter Cidadão* vem agonizando baixa audiência, enquanto, no SBT, um misterioso programa sobre celebridades deve estreiar amanhã. A programação de fim de tarde da TV não é mais a mesma.³⁸

De acordo com a matéria, o público do horário vespertino é, em sua maioria, composto por donas de casa e jovens de classe C e D, o que levou as emissoras a investirem “no filão popular, mas sem a exploração da miséria alheia”. A substituição é de tragédias por entretenimento: “O sangue e as mazelas sociais, cobertas por um rótulo de prestação de serviço, estão dando lugar a noticiários *lights*, mundo dos famosos e atrações que em nada ferem os direitos humanos”.³⁹

Em agosto de 2004, o tempo de exibição do *Brasil Urgente* foi reduzido em quase 50 minutos para dar lugar ao desenho japonês Cavaleiros do Zodíaco. Conforme aponta *O Estado de S. Paulo*, houve uma mudança significativa: a audiência “pulou de 3,5 para 6 pontos”.

³⁷ A reportagem ressalta que o *Cidade Alerta* era o “campeão de Ibope do mundo-cão, com médias de até 12 pontos”.

³⁸ “Mundo-cão ganha tom cor-de-rosa”, *O Estado de S. Paulo*, 01/08/2004. Copyright no site do Observatório da Imprensa: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=288ASP024>. Acesso em 09/10/2005 às 9h.

³⁹ Idem.

Por serem exibidos no final da tarde, esses programas têm a função de elevar os índices de audiência, estando em um “horário de rotação”, como explica Daniel Barbará, diretor de mídia da agência de publicidade DPZ. Barbará diz que o programa que está no mosaico no final da tarde deve “alavancar” a audiência para, mais tarde, “passar o bastão para os programas da faixa nobre, quando a classe AB e a família chegam em casa para ver TV”⁴⁰. As mudanças da programação, segundo ele, devem-se ao fato de o público já ter se cansado do gênero policial, além das repercussões da campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”, encabeçada pelo deputado Orlando Fantazzini (PT/SP)⁴¹, o que vem reforçar o fato de a TV ser, essencial e implacavelmente, um veículo de mercado.

Se os telejornais do gênero policial estão enquadrados em um horário muito importante, que é o horário de rotação, com a responsabilidade de “alavancar” os índices de audiência, parece inevitável levantarmos o seguinte questionamento: no que as emissoras estão apostando ao utilizar justamente o gênero do jornalismo-tragédia para cumprir tais funções?

Certamente, há algo nos programas policiais que cativa o telespectador, visto que, como apontamos anteriormente em pesquisas de Ibope, estes mantinham-se constantemente em segundo e terceiro lugar. Pode-se inferir que o sensacionalismo é um grande atrativo, ou que, por motivos financeiros, é mais vantajoso – por ser menos custoso – para a

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ A matéria destaca que essa campanha teve adesão de parte do público dos policiais, e, mais importante, dos anunciantes que patrocinavam os programas e não queriam ver seus nomes ligados a “baixaria”.

emissora investir nesses programas do que em teledramaturgia, por exemplo.

Qualquer que seja a hipótese em que se queira apostar, no entanto, não podemos deixar de observar que o tipo de linguagem utilizada pelos telejornais policiais é bastante simplificada⁴². Ao contrário do que costuma acontecer em telejornais que se enquadram no formato padrão (como, por exemplo, o *Jornal Nacional*, *Jornal da Record* e *Jornal da Band*), os policiais não utilizam palavras que deixem o telespectador confuso, sem entender claramente do que se trata. Sempre que utilizam palavras técnicas, os apresentadores têm a preocupação de explicar o que significam, simplificar ao máximo a informação.

Esse é um fato que se mostra importante se imaginarmos a seguinte situação: uma família reunida assistindo ao *Jornal Nacional* ouve o apresentador ou repórter dizer que o problema do país é a “indexação do dólar”. Um dos filhos, não entendendo o termo, pede para o membro adulto da família que representa a figura da autoridade na casa (o pai ou a mãe, um tio ou tia, avô ou avó, etc.) explicar o que significa aquela expressão. Provavelmente, seria um grande constrangimento para a figura que detém a liderança da família dizer que também não entendeu a notícia...

Assistindo aos telejornais policiais, fica-se isento desse tipo de constrangimento, pois tratam de assuntos relacionados ao dia-a-dia de quem vive nas grandes cidades, e, acima de tudo, fazem-no com uma linguagem

⁴² A linguagem dos telejornais policiais será analisada pormenorizadamente no capítulo intitulado “Características dos telejornais *Brasil Urgente* e *Cidade Alerta* – O discurso”.

simplificada, aproximando-se do coloquial *distenso*⁴³ (como será descrito no capítulo “O discurso”).

Segundo William Bonner, o próprio *Jornal Nacional*, telejornal de maior audiência no país, está preocupado em “mostrar os fatos mais importantes do dia no Brasil e no mundo de forma compreensível”. Ele afirma que: “Precisamos ser claros para quem tem a formação acadêmica mais refinada e para quem não pôde ter educação nenhuma – sem que o didatismo irrite o primeiro, nem que a sofisticação excessiva afaste o segundo”⁴⁴.

De acordo com Bonner, em texto escrito pelo professor da USP, Laurindo Lalo Leal Filho, e publicado na revista Carta Capital, uma pesquisa realizada pela Globo identificou o perfil médio do telespectador do *Jornal Nacional*: “constatou-se que ele tem muita dificuldade para entender notícias complexas e pouca familiaridade com siglas como BNDES, por exemplo. Na redação, foi apelidado de Homer”⁴⁵ (personagem da série norte-americana *Os Simpsons*, cujas características principais são a preguiça, a falta de inteligência e o gosto por passar o tempo no sofá assistindo à TV, comendo rosquinhas e bebendo cerveja).

⁴³ O termo *coloquial distenso* refere-se ao “uso lingüístico não formal entre pessoas que têm intimidade e são da mesma geração e hierarquia social, no trabalho, etc.” Existe ainda o chamado *coloquial tenso*, que se refere ao “uso lingüístico não formal entre pessoas que não têm intimidade, como cliente e médico, funcionário público, de um banco, de uma loja, etc.” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*). Essa proximidade entre apresentador e público vai ao encontro do que diz Martín-Barbero (*De Los Medios a las Mediaciones*), ao considerar a recepção televisiva como sendo o espaço das “relações curtas”, ou seja, próximas, íntimas, familiares ao receptor.

⁴⁴ “Sobre Homer: personagem dos *Simpsons* cria polêmica entre editor-chefe do *Jornal Nacional* e professor da USP”. Fonte: www.cartacapital.com.br. Acesso em 10/12/2005 às 10h50.

⁴⁵ “De Bonner para Homer: o editor-chefe considera o obtuso pai de família dos *Simpsons* como o espectador padrão do *Jornal Nacional*”. Fonte: www.cartacapital.com.br. Acesso em 10/12/2005 às 10h40.

Essa revelação foi notícia durante o mês de Dezembro de 2005 nos principais jornais do país. Bonner enviou um texto à revista explicando que, naquela ocasião, citou Homer Simpson (de Matt Groening) ou Lineu (de *A Grande Família*, criado por Oduvaldo Viana Filho) “para ilustrar como temos de estar atentos ao público médio”. Ele complementa que “os personagens são trabalhadores, chefes protetores da família, perfil conservador, sem curso superior, que assistem à tevê à noite, depois do trabalho”⁴⁶.

⁴⁶ “Sobre Hommer: personagem dos *Simpsons* cria polêmica entre editor-chefe do *Jornal Nacional* e professor da USP”.

9. Características dos telejornais *Brasil Urgente* e *Cidade Alerta*

Ao contrário do telejornalismo “padrão”, não existe um manual com regras de como se fazer um bom telejornal policial, no entanto, podem ser enumeradas características básicas que compõem o gênero, levando-se em conta os dois principais programas exibidos nos anos de 2004 e 2005 na cidade de São Paulo: *Brasil Urgente* (TV Bandeirantes) e *Cidade Alerta* (TV Record).

O estúdio

O estúdio⁴⁷ do telejornal policial tem algumas características singulares, que o difere dos telejornais mais tradicionais – nestes, os âncoras⁴⁸ ou apresentadores costumam estar sentados atrás de uma bancada, com os papéis que o auxiliam na leitura das matérias, pode haver um computador ao seu alcance. No caso do *Jornal Nacional*, o computador não é item de figuração: acontecimentos de última hora, de grande relevância, que ocorram durante o período de exibição do jornal (como foi o

⁴⁷ As características dos estúdios dos telejornais analisados serão descritas de maneira apenas superficial, já que o foco deste estudo está na linguagem (verbal e não verbal) de quem dá voz ao programa.

⁴⁸ Âncora ou *Anchorman* é o “apresentador do telejornal que interpreta as notícias com base em conhecimento próprio; mediador. O *anchorman* ‘amarra’ o programa” (PATERNOSTRO, p. 86). A partir dessa definição, nota-se que todo telejornal tem apresentador(es), mas nem todos têm âncora(s).

caso da morte do deputado Luís Eduardo Magalhães), são encaminhados imediatamente ao editor-apresentador William Bonner.⁴⁹

Os apresentadores do gênero informativo-policial ficam em pé durante todo o programa, não costumam ter fichas ou roteiros para acompanhar as matérias, movimentam-se enquanto falam, exploram o espaço do estúdio, que tem uma formatação um tanto simplificada: atrás do apresentador, há monitores que exibem o logotipo do programa, além de fotos de prédios que remetem à cidade de São Paulo. O apresentador lê a cabeça⁵⁰ de cada matéria, pede para a equipe técnica soltar o VT⁵¹ (como diz Datena: “na tela”), aponta para o monitor e a câmera fecha nele, até que a imagem que era exibida com a mediação do monitor do estúdio é substituída exclusivamente pelas cenas da reportagem.

Por esse motivo, não é raro que o apresentador dê as costas para a câmera, pois este assiste às imagens do monitor. Esse recurso faz com que o apresentador passe para o papel de telespectador, criando uma maior proximidade e cumplicidade com este (o que não ocorre com os apresentadores que ficam atrás de bancadas, apenas “apresentado” as notícias; nesse caso a hierarquia apresentador – telespectador é mais explícita).

Não existem traços muito requintados nos estúdios desse tipo de telejornal, como é o caso do *Jornal Nacional*, que tem um estúdio mais futurista, que interage com a vinheta de abertura, com a marcante

⁴⁹ Revista Veja, “O *Jornal Nacional* que você nunca viu”, Edição 1869, ano 37, n.º 35, 01/09/2004, p. 107.

⁵⁰ Cabeça da matéria: “o *lead*. É sempre lida pelo apresentador e dá o gancho da matéria” (PATERNOSTRO, p. 87).

profundidade de campo onde se podem ver monitores e jornalistas trabalhando – o que atribui ao programa mais dinamismo (têm-se a impressão de que as notícias estão chegando a todo instante) e credibilidade (a estrutura do estúdio proporciona uma transparência à equipe de jornalistas, que trabalha às vistas do telespectador).

A postura dos apresentadores dos policiais no estúdio, por ser menos rígida, menos estática, é percebida pelo telespectador nos momentos em que estes interagem com a equipe do programa, reclamam do áudio, falam com o diretor por meio do ponto eletrônico, não encaram a câmera única e exclusivamente – é impensável esse tipo de postura no *Jornal Nacional*, em que os apresentadores “conversam” apenas com o telespectador, olham fixamente em seus olhos, acompanham a troca de câmeras com perfeição, preocupam-se em ler o texto do *teleprompter*⁵² da forma o mais imperceptível possível. Nunca conversariam com o operador de câmera, ou olhariam para um ângulo abaixo de onde está posicionada a câmera (ou seja, os “olhos” do telespectador), tampouco fariam requisições à produção enquanto estivessem no ar.

Não existem participações fixas, com comentaristas especializados em determinados assuntos (elas podem fazer parte do conteúdo do programa por algum tempo, e logo serem excluídas). Não se fala de previsão do tempo, das últimas notícias do esporte⁵³ ou entretenimento. O

⁵¹ *Video-tape* (VT) – material gravado, o que não é ao vivo.

⁵² *Teleprompter* ou TP é o “aparelho que permite a reprodução do script (lauda do telejornalismo, com características especiais) sobre a câmera, facilitando a leitura do apresentador” (PATERNOSTRO, p. 100).

⁵³ Houve uma exceção no programa *Brasil Urgente* (TV Bandeirantes), que trazia o jornalista Jorge Kajuru para falar de esportes, principalmente de futebol. Essa era uma forma de divulgação, visto que o jornalista era recém-contratado da emissora para apresentar um programa esportivo. No

tema é essencialmente a violência. O programa *Cidade Alerta* (TV Record), durante o ano de 2004, contava com a participação do jornalista Percival de Souza, como comentarista criminal. Seu papel era, basicamente, o de endossar as palavras do apresentador. Em algumas ocasiões, Percival atuava também como repórter.

No dia 19/04/2004, houve uma reestruturação no programa *Brasil Urgente*, após os constantes rumores de que os telejornais que enfocavam temas trágicos e sensacionalistas seriam tirados do ar. O programa foi dividido em *Brasil Verdade* (exibido de segunda a sexta-feira, das 17h15 às 18h15) e *Brasil Urgente* (das 18h15 às 19h45), tendo este mantido o formato anterior.

De acordo com a então recém-contratada diretora artística da TV Bandeirantes, Marlene Mattos, no novo programa não haveria espaço para sensacionalismo. Segundo Mattos, o segredo estaria na abordagem dos assuntos: “Acho que já encontrei a maneira certa de fazer... Não vamos expor as feridas, mas simplesmente falar delas com responsabilidade”⁵⁴. O apresentador, José Luiz Datena, também encarou essas mudanças positivamente:

Por mim, largava o jornalismo policial hoje, mas sou contratado da casa e tenho de acatar... Também entendo a posição da emissora. Não posso querer mudar da noite para o dia. Antes, preciso acostumar meu público a me ver de outra maneira”, reconhece Datena.⁵⁵

entanto, Kajuru foi demitido pela TV Bandeirantes e os comentários da área de esportes foram extintos do *Brasil Urgente*.

⁵⁴ Fonte: <http://www.correiodabahia.com.br/2004/04/14/noticia.asp?link=not000090765.xml>. Acesso em 19/02/2006 às 8h.

⁵⁵ Idem.

Para a configuração do *Brasil Verdade*, o estúdio passou por uma completa modificação (chamado por Datena de “sala do Brasil”), em forma de arena: apesar de o apresentador continuar em pé, agora havia cadeiras no centro do palco, onde ficariam os convidados que dariam depoimentos a respeito de um determinado tema. De cada lado do palco, pessoas que discutiriam o assunto de pontos de vista diferentes; normalmente, um dos lados era contra, o outro a favor da situação abordada.

O tema debatido no dia 21/04/2004 foram “os ataques de cães ferozes”, assunto que, naquele momento, estava sendo focado por toda a mídia, envolto a muita polêmica.

Entre os convidados a dar depoimento, presentes no estúdio, estavam os pais de uma garota que “morreu depois de ter a jugular mordida por um cachorro”; foram apresentados ainda outros casos de “pessoas dilaceradas”, de um garoto que “só não perdeu a vida por um milagre”, a mãe que “lutou com os cachorros” para salvar a vida da filha, além dos defensores de que o comportamento do cachorro depende do dono.

As cenas exibidas, contrariando a fala de Marlene Mattos – que afirmou que o programa não exporia feridas, mas falaria a respeito delas com responsabilidade – são terríveis: imagens nítidas de cachorros mordendo outros animais, mordendo pessoas, ao som de gritos desesperados; depoimentos de vítimas; cenas de pessoas mortas por ataques de cães. Essas imagens de arquivo são repetidas ao longo de todo o programa.

A tese de que o animal reflete a personalidade do dono é ilustrada pela matéria “Dona de *pit bull* ataca equipe da Band”, em que uma mulher tenta impedir a filmagem do cachorro que mordeu uma senhora. Datena enfatiza que a vítima foi arrastada pelo cão por três metros, perdeu o movimento do braço direito (“braço arrebitado”) e “perdeu um seio”. Uma médica veterinária endossa a conclusão do apresentador, falando de estatísticas e, portanto, reforçando ainda mais o recurso da ilustração.

O programa explora as emoções dos temas por meio de músicas: a fala indignada do apresentador é coberta por uma música de suspense, enquanto o choro da mãe que teve a filha morta pelo *bit bull* ganha uma música mais melancólica, lendo-se no GC: “Mãe de Luana se emociona”.

O espaço mais amplo desse novo estúdio é explorado ao máximo: ao final do programa, entram cachorros de diferentes raças, trazidos por seus donos e adestradores. Cães que fazem comerciais dão demonstração de truques, amenizando o clima, até então trágico, por meio da catarse.

Vale ressaltar que essa mudança de estrutura (que durou pouco tempo) não veio para substituir o formato anterior, mas sim como um tipo de teste, uma resposta a tantas críticas que vinham sendo feitas a respeito da postura dos telejornais policiais, além do fato de trazer um diferencial frente à concorrência de programas muito similares veiculados pela TV Record e Rede TV!, praticamente no mesmo horário.

Assim que Datena terminava o *Brasil Verdade* (com duração média de uma hora), logo em seguida iniciava-se o *Brasil Urgente* no formato tradicional. Visto que o estúdio utilizado para a realização dos dois

telejornais era o mesmo, era necessário haver um tempo hábil para que os participantes deixassem o palco. Nesse dia, especificamente, foi exibido um VT em que Datena e Beto Carreiro entram em uma jaula onde estão dois tigres. Em seguida, são exibidos trechos das matérias que serão veiculadas no telejornal e, só então, Datena surge para apresentar o *Brasil Urgente*.

A tese de que fazer um programa policial a partir de debates tinha como objetivo amenizar a exposição do público à violência – visto que o novo formato trazia depoimentos de pessoas reais, com maior aprofundamento no assunto, dando voz a diferentes opiniões e abordando pelo menos dois lados do assunto – poderia fazer concluir que as cenas trágicas que são exibidas no telejornal seriam substituídas por esses debates. Não foi o que ocorreu. Assim como nos telejornais, cenas apavorantes eram exibidas enquanto as pessoas contavam suas histórias – pessoas sendo mordidas por cachorros, crianças sendo atacadas, um policial sendo forçado a atirar em um cão para evitar que este mordesse uma criança. Seguindo a mesma cartilha do *Brasil Urgente* tradicional, um pequeno número de cenas eram repetidas incessantemente, incansavelmente.

O apresentador

Os telejornais policiais que compõem este estudo têm como seu porta-voz um homem de meia idade, branco, com a feição séria (quase carrancudo), mal-humorado, sempre de terno (na grande maioria das vezes, está usando gravata). Costumam sorrir no início do programa, antes da leitura das chamadas (quando estas são feitas), agradecendo o telespectador pela audiência. No decorrer do programa, mantêm a expressão séria e indignada com os problemas exibidos – o sorriso só volta novamente ao final do programa, quando estes se despendem e agradecem o telespectador pela audiência.

Ficam em pé durante todo o telejornal, falam com a equipe técnica do programa, reclamam da demora: “Me dá a imagem, Paulão. Acorda, Paulão!”⁵⁶, reclamam da matéria que entrou na hora errada, do câmera que não mostra o enquadramento adequado: “Abre a imagem, meu filho! O câmera tem problema de visão. Abre a imagem!”⁵⁷, do volume do áudio, da reprise que não aparece. Fazem elogios aos operadores de câmera, pilotos dos helicópteros e motos, motoristas, produção, equipe técnica e repórteres (Datena diz, sobre Fátima Souza: “a melhor repórter policial que eu conheço”). Enfatizam a seriedade do tratamento da notícia, anunciam orgulhosos os flagrantes capturados ao vivo e as matérias exclusivas.

Gesticulam muito quando falam, apontam o dedo para o telespectador, alteram o tom da voz para demonstrar indignação, movem-se em direção à câmera como se quisessem transportar-se para o espaço do receptor, franzem a testa, fazem análises, explicam, relacionam, deduzem, instituem vítimas e nomeiam culpados (no entanto, apenas algumas das

⁵⁶ Fala do apresentador do *Cidade Alerta*, Marcelo Rezende, no dia 31/08/2004.

reportagens são comentadas pelos apresentadores). Atuam como formadores de opinião propondo soluções para o fim da violência – punições mais severas, penitenciárias agrícolas, prisão perpétua, pena de morte.

No dia 24/08/2004, após a exibição da matéria “Fim do pesadelo: irmãos seqüestrados voltam para casa”, Datena comenta “Calamidade que é o seqüestro, *hein?* Terrível que é o seqüestro. Seqüestrador tinha que ter, no mínimo, pena perpétua”.

O discurso a favor da pena capital repete-se em uma reportagem que mostrava o cativo em que uma vítima havia ficado durante três dias numa favela de São Paulo⁵⁸. Datena diz: “Quando as pessoas começam a falar em pena de morte, você vê que a sociedade não agüenta mais. Eu acho que a pena de morte para bandido é muito bom, porque bandido não tem medo de morrer, o bandido tem medo é de trabalhar.”

O *Cidade Alerta* do dia 01/04/2005 apresentou a reportagem “Namorado confessou o crime”, em que o repórter entrevistava o homem que matou a namorada a facadas. Marcelo Rezende interrompe a matéria, quando o assassino diz que ficará na cadeia pensando na namorada que morreu, na família dele e em sua liberdade “em breve”. O apresentador entra e diz: “‘Na minha liberdade em breve’ (...) essa é a certeza do assassino”. Diz que o problema está na lentidão da justiça brasileira e nas leis frouxas.

O apresentador chama a matéria que mostra o enterro da garota. Rezende pergunta: “E para a família, o que restou?” Os últimos comentários do apresentador são para levar o telespectador a imaginar-se vivendo aquela situação: “Eu pergunto o seguinte: se você tem filho, se o senhor, a senhora, se você tem um irmão – o que merece um homem desse? A frieza

⁵⁷ Idem.

com que ele diz. E, no final, ele diz ‘só penso na minha liberdade, em breve’. É isso que no Brasil precisa acabar”. E conclui: o que é preciso ter no Brasil são “leis rigorosas e prisão perpétua, ou pena de morte para quem acha que deve ter. Para mim, é prisão perpétua. Os crimes cada vez são mais bárbaros e mais frios”.

Essa fala do apresentador destaca o problema da impunidade no Brasil, transformando os telejornais de cunho policial em instituições informais de justiça.

Os apresentadores questionam o telespectador: “é ou não é?”, “concorda comigo?”, “ou eu estou errado?”, “não é verdade?”, “raciocina comigo”, “o que você faria nessa situação?”. Tentam transportar o público para as situações trágicas apresentadas: “Imagina só você ter alguém da sua família seqüestrado”.

Esse “diálogo” que o apresentador mantém com seu público, solicitando sua interação (expressar sua opinião via telefone, e-mail ou carta) tem uma função específica, a chamada função fática: “Ao cumprir a função fática, o discurso da TV se estabelece como um contato permanente entre o emissor e o receptor/telespectador”, fato que faz com que este creia que “tem alguém conversando ‘comigo’ (receptor/telespectador) de uma forma quase pessoal”.⁵⁹

Os comentários enfáticos dos apresentadores dos telejornais policiais (caracterizando uma hipérbole emocional) podem ser decodificados pelo

⁵⁸ “Estouro de Cativo na Zona Sul de São Paulo”, *Brasil Urgente*, 21/04/2004.

⁵⁹ TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. *Sensacionalismo sem Sangue: uma Análise do Telejornalismo ao Vivo*. In Verso e Reverso – Revista da Comunicação. Ano XIX, 2005/1, Número

telespectador como uma proposta de uma ação de ordem prática⁶⁰. Vale ressaltar que essas reações são geralmente muito localizadas, de pequena repercussão: não ocorrem, por exemplo, grandes manifestações para ajudar vítimas de uma enchente ou incêndio, ao contrário, as pessoas reagem de forma violenta, buscando fazer justiça com as próprias mãos – ou, pelo menos, esses atos mais revoltosos são os que ganham espaço nos telejornais do gênero policial (e não ações beneficentes).

Relembrando o episódio da Escola Base, em 1994, quando houve atos de vandalismo por parte da população, Arouca afirma que:

Ao veicular frases como “escolinha do sexo” ou “monstro” [médico acusado de pedofilia], a mídia já está antecipando o que pode ser tomado como verdade pelos populares. O jornalismo acaba gerando consciente e controladamente a execução de uma ação social, cujas idéias remetem ao inconsciente do telespectador. Essa ação que condiciona os processos e que organizam e reorganizam o corpo social é abrandada à medida que a imprensa vai deixando essa pauta de lado para dar origem a outras. Tratam-se de interdições do jornalismo nos processos sociais.⁶¹

40. Versão Online: <http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=4&s=9&a=36>. Acesso em 07/10/2005 às 18h.

⁶⁰ AROUCA, Mônica do Amaral Britto. *Cidade Alerta: o Dito e o Feito*. Mestrado, ECA - USP, 2003. p. 31.

⁶¹ Idem, p. 32.

À medida em que a população realiza uma ação, os veículos de informação, segundo a autora, veicularão os fatos dessas manifestações públicas de revolta explicando que isso acontece porque a população está “indignada com tanta violência”. Nesse caso, especificamente, da “escolinha do sexo”, a tão propalada liberdade de imprensa representou um enorme desserviço à população, não tendo sido devidamente responsabilizada pelos danos causados aos envolvidos no caso.

Podem-se constatar alguns traços de sarcasmo e humor negro nos comentários dos apresentadores, que fazem brincadeiras com os mais diversos tipos de tragédias envolvendo pessoas comuns.

O *Cidade Alerta* do dia 01/04/2005 apresentou a reportagem “Vestido para confessar”⁶². Marcelo Rezende fala, indignado, que o “assassino de policiais”, agora preso, quando soube que iria ser entrevistado, pediu para tomar um banho e trocar de roupa. Ele imita o homem, que confessou o crime: “Olha a cara de pau dele, disse assim: ‘*Oh*, eu dou a entrevista, mas antes eu preciso de duas coisas – tomar um banho e me arrumar para ficar bonito’. Vê se é possível isso. Olha a maré que nós vivemos”.

No *Brasil Urgente* do dia 25/08/2005, foi veiculada a matéria “Desabamento na zona oeste de SP”, que trazia imagens de carros embaixo dos escombros de um prédio que estava interditado pela prefeitura por risco

⁶² Esse título remete ao filme “Dressed to Kill” (“Vestida para matar”), que teve sua primeira versão veiculada em 1941, sendo a segunda versão de 1980, com a direção de Brian de Palma. No filme, um elegante terapeuta de Manhattan, o Dr. Robert Elliott, enfrenta o momento mais aterrorizante de sua vida, quando um assassino psicopata começa a atacar as mulheres de sua vida - usando uma navalha roubada de seu escritório. Desesperado para encontrar o assassino antes que outra pessoa seja ferida, Elliott logo se vê envolvido em um mundo de escusos e perturbadores desejos. (Fonte: <http://noticias.usp.br/canalacontece/artigo.php?id=9598>. Acesso em 04/11/2005 às 9h40).

de desabamento, mas as pessoas continuavam usando o local como estacionamento (Datena elogia o trabalho da prefeitura).

O repórter entrevista um homem chamado Edson (não é mencionado o sobrenome, como é de praxe), que foi testemunha ocular do acidente. O entrevistado tem uma voz muito grave, e Datena pergunta se ele é locutor de rádio, por causa do “vozeirão”. Ele diz que não, que é motorista, mas que gosta muito de cantar. O apresentador, então, pede a ele que cante uma música, “para amenizar um pouco o clima”.

Depois de cantar, Datena pergunta a ele, com requintes de sarcasmo: “Roberto (ao invés de Edson), você mexe com o que mesmo?”. O homem responde: “Eu sou motorista”. Datena rebate: “Continua dirigindo, meu filho! Como cantor, pelo amor de Deus, é pior que o desabamento você como cantor, pior que o desabamento!” O homem ri do humor negro do apresentador. Datena tenta corrigir o que disse: “Não quero, pelo amor de Deus, tirar aí o seu sonho de ser cantor não, mas você deve dirigir muito bem. Como cantor você é um grande motorista”. Datena ri e continua conversando com o entrevistado a respeito do desabamento.

O apresentador termina a matéria dizendo que tem que ir para o intervalo comercial. Ele, mais uma vez, fala da cantoria do entrevistado, insistentemente errando seu nome: “Obrigado, Robertão. Eu estou brincando, você canta bem, Roberto, você canta bem, volto já.” As últimas cenas, antes de entrar o intervalo, são do apresentador olhando para a direita e sorrindo, exibindo em seu rosto a ironia utilizada no seu comentário.

Uma situação muito semelhante aconteceu no *Brasil Urgente* do dia 31/08/2004. Datena conversava, ao vivo, com moradores da favela “Buraco Quente”, em São Paulo, que perderam suas casas no incêndio do dia

anterior. Muitas pessoas dormiram na rua, explicava o morador, que segurava um violão. Datena comenta: “Tá você com a viola em caco aí, não é?” O rapaz responde: “É, tocar um pouco pra distrair as idéias”. O apresentador pergunta: “Você toca o que aí, meu filho? O pobre é brincadeira, o pobre leva ferro e ainda toca. O que é que você toca?” O entrevistado responde: “Qualquer coisa que nós pensar nós toca”. “Então toca um pouquinho pra eu ouvir aí”. O rapaz atende o pedido do apresentador, aparentemente muito feliz de estar na televisão, e Datena comenta: “É, não toca nada, nem boiada!” O rapaz ri muito. Datena conclui: “O pobre ainda é alegre, feliz, que coisa, né? Sabe tirar de letra, é impressionante, né?”

Esses exemplos ilustram o hábito que os apresentadores têm de fazer brincadeiras com acontecimentos trágicos, muitas vezes de forma sarcástica, desrespeitosa e com requintes de humor negro.

Segundo Berger, uma das funções da tragicomédia (mescla de elementos trágicos e risíveis) é de consolar ou amenizar uma situação: “It does not eradicate whatever sorrow or sadness has obtruded, but it makes these emotions more bearable.”⁶³ No entanto, o autor diz que existem limites para a tragicomédia:

There are occasions when no one either can or should laugh, when the tears are too bitter. It would probably be pointless to try to define or enumerate these occasions with the intention of establishing a moral code for tragicomedy. This is a definition that must be left to the reason of the heart, or to whatever approximations of such of which an individual is capable.⁶⁴

⁶³ BERGER, Peter L. *Redeeming Laughter: the Comic Dimension of Human Experience*. New York: Walter de Gruyter & Co., 1997.

⁶⁴ Idem.

A partir dessa afirmação, conclui-se que não é possível estabelecer quais exatamente são as situações em que o riso é inaceitável, de maneira que esse julgamento cabe a cada indivíduo. Existem elementos que usualmente caracterizam-se como tragicômicos (tanto na ficção quanto na realidade), que é o que Berger classifica como “o papel do bobo” (remetendo aos bobos da corte): “Tragicomedy is also a form of drama; in the history of film, Charlie Chaplin is probably the paragon of this”.⁶⁵

O rapaz que toca o violão a pedido de Datena é a personificação de Carlitos, o vagabundo que provoca o riso através de sua miséria e das situações trágicas que vive. Apesar de ter perdido sua casa no incêndio que dizimou a favela em que morava, o rapaz é utilizado pelo apresentador como elemento cômico, a fim de amenizar para o telespectador a dimensão da situação veiculada. Assim como o vagabundo de Chaplin tem como sua única posse uma bengala, o rapaz sem-nome carrega um violão velho (que Datena cruelmente diz estar “em caco”).

Apesar de soar extremamente cruel, o fato de a aceitabilidade do riso numa situação trágica depender exclusivamente do julgamento do receptor, a situação criada pelo apresentador poderá provocar o riso em uma parcela de seus telespectadores.

O enfoque

⁶⁵ Ibidem.

O conteúdo principal (senão único) dos telejornais policiais refere-se a tragédias corriqueiras dos grandes centros urbanos do país – principalmente São Paulo e Rio de Janeiro.

As reportagens trazem casos de seqüestros, assassinatos, assaltos, latrocínios, estupros, prisões, acidentes de trânsito, desaparecimentos, enchentes. Há ainda os problemas que envolvem o serviço público: falta de atendimento médico, escolas precárias, rebeliões e fugas de presos e presas, greves de funcionários do INSS, etc.

Seguem a linha do “quanto pior, melhor”, geralmente reservando maior tempo às tragédias de maior impacto – mensurado ou pelo nível de crueldade, ou pela dimensão do tema. Não raro, uma única matéria é apresentada mais de uma vez no telejornal, outras vezes, o apresentador pede apenas para que repita um determinado trecho ou uma determinada cena em câmera lenta. Os apresentadores chamam a atenção para alguns detalhes, dizem para o telespectador ficar atento, prestar atenção no ponto mais interessante. Não se contentam em mostrar a tragédia – querem a sua exaustão, reprisam, expõem seu público incansavelmente ao trágico, que acaba por ser banalizado.

Os temas das reportagens estão normalmente no eixo Rio - São Paulo, seguidos por acontecimentos de outras regiões do Brasil e, por fim, acontecimentos internacionais.

O teor das matérias incita o medo do telespectador, que se vê acuado diante das imagens sangrentas a que é exposto durante quase todo o programa – o choro e o desespero das vítimas, a impiedade dos bandidos,

que costumam ficar impunes – o que pode ter por função manter as pessoas em casa, beneficiando a própria televisão em termos de audiência.

É perigoso sair de casa, mas agora também é perigoso estar em casa, porque assaltantes invadem residências e condomínios de luxo, cercados de grades, câmeras e seguranças – o que parecia protegido, agora é frágil, alvo fácil.

Crianças que brincam na rua são atropeladas, caem em bueiros, são mordidas por cães, desaparecem; as que ficam em casa são maltratadas por babás; as que vão à igreja são molestadas por padres. Adolescentes de classe média vendem e consomem drogas nas escolas e festas, roubam objetos da própria família para manter o vício, matam os pais enquanto estão dormindo.

O transporte público é perigoso – acontecem assaltos e são inúmeros os casos de pessoas usadas como escudo-humano no confronto com a polícia, vítimas de balas perdidas nas trocas de tiro. Ter um carro é também bastante arriscado: assaltos em faróis a qualquer hora do dia, seqüestros-relâmpagos, furtos, latrocínios, assaltantes entram em nossa casa quando estamos guardando o carro na garagem.

Assistir às matérias é expor-se ao medo. Chega-se à conclusão do quanto aterrorizante é viver no Brasil – são constantes as comparações com os países de 1º Mundo, onde as leis são mais severas – fazem uma apologia ao famoso “primeiro bate, depois pergunta”. Marcelo Rezende diz “Não há um plano de segurança nesse país (...) Temos que tratar segurança pública como uma questão fundamental no mundo de hoje, na vida de hoje.

Cada vez mais, somos reféns da violência. Cada vez mais, somos reféns do nosso próprio medo. E isso não pode continuar”.⁶⁶

No entanto, o papel dos apresentadores não se resume apenas a apontar as tragédias: eles aconselham seus telespectadores, dão “dicas de sobrevivência” (algumas vezes, passadas por autoridades policiais durante entrevistas nos *links*⁶⁷), alertam-nos sobre os mais novos tipos de golpes, passam estratégias que podem transformar as pessoas em grandes neuróticos.

Nunca passar informações pessoais pelo telefone – pode ser um presidiário que está usando o celular em Bangu I; ele fará ameaças e continuará entrando em contato com a vítima para extorqui-la até que obtenha sucesso; o melhor a se fazer é entrar em contato imediatamente com a polícia e não atender às chamadas suspeitas.

Quando perceber que está sendo seguido, além de caminhar mais rapidamente, mostre para o suspeito que você o está vendo – quando é olhado nos olhos, este tende a desistir. Se a vítima for uma mulher e o assaltante quiser levar seu carro, deve-se evitar, a todo custo, ser levada com o bandido – é melhor gritar e ser baleada (podendo ser socorrida por alguém), do que, além de tudo isso, ser estuprada.

No farol: nunca parar na faixa da esquerda. Deixar no carro uma bolsa especial para o bandido (a oficial deve estar escondida) – é imprescindível que haja algum dinheiro, uma quantia mínima para que ele se contente. Deve-se ter muito cuidado com motociclistas que transportam alguém na garupa (eles quebram o vidro do carro com o capacete para assaltar), pedras na rua que furam os

⁶⁶ *Cidade Alerta*, 24/08/2004.

⁶⁷ Link é “a ligação entre dois ou mais pontos para transmissão de sinais de imagem e som. Essa linha de transmissão é composta de antenas parabólicas” (PATERNOSTRO, p. 93).

pneus dos carros e fazem os motoristas pararem, sendo vítimas de roubos ou até de situações mais graves (como aconteceu com o ator Gerson Brener).

Ficar exposto ao *show* de horrores dos finais de tarde (normalmente após um longo dia de trabalho) faz pensar que viver é arriscado, que o ser humano é mal, que a tragédia é mais regra do que exceção.

A formatação das matérias

A formatação das matérias nos telejornais policiais reforça a hierarquização existente entre pessoas comuns e autoridades ou representantes de instituições. Isso se dá, por exemplo, no fato de não ser dado crédito à grande maioria dos entrevistados: apesar de relatarem fatos, de terem sido testemunhas oculares, de expressarem opiniões, o telejornal opta por não utilizar o recurso do gerador de caracteres⁶⁸ para identificá-los, mantendo-os como anônimos.

Em contrapartida, os telejornais de formato mais tradicional sempre creditam as pessoas que são entrevistadas – normalmente são identificadas por nome e profissão.

Uma explicação possível para essa fala de anônimos é a universalização da tragédia – a vítima é uma pessoa comum, que poderia ser qualquer um de nós, e que amanhã será esquecida para dar lugar a outra pessoa, com um problema igual ou pior do que aquele.

Têm o privilégio de ser identificadas, na grande maioria das reportagens⁶⁹, as autoridades policiais – delegados, policiais militares e civis, bombeiros; representantes de instituições governamentais; pesquisadores. Sua fala é tratada como ponto incontestável, dotada do saber típico de quem é especialista em um assunto. É o que o professor Citelli classifica como

⁶⁸ Gerador de caracteres é “uma espécie de máquina de escrever eletrônica. É usado para inserir títulos, créditos, legendas sobre a imagem” (PATERNOSTRO, p. 93).

⁶⁹ Vale ressaltar que, apesar de poucas, existem exceções: há matérias em que os entrevistados, mesmo não sendo autoridades, são identificados com créditos.

“apelo à autoridade”.⁷⁰ Não raro, o apresentador retoma o que foi falado pelo entrevistado e “digere” o conteúdo para o telespectador: diz a mesma coisa com palavras mais simples, dá exemplos, conclui.

Essa forma paternalista de lidar com o receptor pode ter duas funções: a primeira delas seria a de que os programas pressupõem que seu telespectador é limitado intelectualmente, tratando-o de maneira complacente para garantir que este entenda o que está sendo veiculado. Por outro lado, o paternalismo presente no discurso dos apresentadores poderia ser a forma encontrada para se compensar a edição das matérias, caracterizada pela aceleração, o que tende a dificultar a apreensão da informação.

O tempo destinado a cada matéria vai depender de sua relevância, ou seja, do impacto que causará, sobressaindo-se em relação ao restante do conteúdo. Num mesmo telejornal, podem existir matérias de 16 segundos (ou seja, deveria ser apenas a chamada, a apresentação de uma matéria que seria apresentada posteriormente, mas aqui não foi o que aconteceu), contrastando com *links* ao vivo de mais de 14 minutos (com imagens aéreas e a voz do repórter por telefone).

A matéria de 16 segundos era intitulada “Mulher se entrega à polícia para pagar os crimes que cometeu”, enquanto a reportagem ao vivo, de 14 minutos (tempo longo para um telejornal), abordava as últimas notícias sobre “Oito reféns nas mãos das presas do Carandiru”.⁷¹

⁷⁰ CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 2002. p. 47.

⁷¹ *Cidade Alerta*, 24/08/2004.

Além do fato de se tratar de um acontecimento ao vivo (sempre muito destacado em telejornalismo, que tem o privilégio de trazer a imagem em movimento – em detrimento do rádio e da mídia impressa), as características do gênero policial levam-no a dar mais destaque a notícias em que presas se rebelam, queimam colchões, torturam reféns, provocam policiais da tropa de choque, ao invés de notícias que mostram pessoas arrependidas de terem cometido crimes. A essas, fica o mérito de 16 segundos – tempo 52 vezes menor do que o destinado à rebelião (isso se levarmos em conta apenas esse link ao vivo de 14 minutos, já que a notícia aparece outras cinco vezes ao longo do programa).

A decupagem das matérias dos telejornais policiais é, em determinados pontos, semelhante àquela que é feita nos tradicionais: há a utilização de *voz-off* e *voz-over*⁷², imagens do local do acontecimento ilustram o texto, as frases são curtas, em algumas matérias o repórter faz uma passagem⁷³, entrevistam-se pessoas envolvidas no caso ou buscam-se vozes de autoridades para falarem do assunto.

Além da falta de créditos para identificar os entrevistados, um outro fator que caracteriza os telejornais policiais é a utilização de fundos musicais cobrindo as matérias – músicas que deixam as imagens mais tensas, mais

⁷² A *voz-off* é um termo utilizado para representar “toda e qualquer situação em que a fonte emissora da fala não é visível no momento em que a ouvimos”. A *voz-over* refere-se a situações “onde existe uma descontinuidade entre o espaço da imagem e o espaço de onde emana a voz, como acontece, por exemplo, na narração de muitos documentários” (DOANE, Mary Ann. *A Voz do Cinema: a Articulação de Corpo e Espaço*. In XAVIER, Ismail. *A Experiência do Cinema*. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 459).

⁷³ Passagem do repórter: “gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento. O repórter pode fazer uma passagem ao lado do entrevistado, já encaminhando para uma entrevista” (PATERNOSTRO, p. 95).

cheias de suspense ou mais melancólicas, de acordo com a intenção de quem faz a edição – recurso característico de obras de ficção.

Para tornarem as reportagens mais dinâmicas e poderem mostrar as tragédias dos mais diversos ângulos, lança-se mão de helicópteros, *motolinks*, repórteres que acompanham perseguições policiais, enfim, todos os recursos tecnológicos possíveis para tornar o telejornal ainda mais “interessante”.

A câmera é um outro recurso bastante explorado – abusam do plano geral para mostrar a dimensão de acidentes de trânsito, usam o plano americano para entrevistar um delegado e, o mais utilizado de todos eles, o *close-up*, que enche a tela com o rosto da vítima, desesperada, muitas vezes chorando, dando um toque de dramaticidade ao conteúdo apresentado.

Esse telejornal que enfatiza o conteúdo trágico é um gênero híbrido, que transmuta entre o real e a ficção, ou seja, tem características do gênero ficcional⁷⁴ policial, que teve seu início com os *film noir*. Nestes, a representação do tema central (o crime) era feita com a utilização de angulações e enquadramentos fechados, traduzindo o universo claustrofóbico e instável das personagens. Esse gênero ficcional surge na TV norte-americana já a partir de 1947-1948 em pelo menos quatro canais diferentes⁷⁵. Como salienta Balogh, apesar de não ser muito significativo o número de produções desse tipo no Brasil, o gênero policial está presente

⁷⁴ BALOGH, Anna Maria. *Op. cit.*, p. 108.

⁷⁵ *Idem*, p. 109-110.

na TV aberta e na TV por assinatura, o que indica haver uma ampla aceitação ou preferência por parte do público.

O que é, senão ficcional, a utilização de atores e cenários para se fazer a reconstituição (chamada também de simulação) de um crime?

Como nos filmes e seriados policiais, os apresentadores fazem o papel de detetive – mostram os fatos, analisam e, quando possível, concluem (mesmo que a conclusão seja a de que “esse país parece não ter mais jeito”). Utilizaremos os conceitos apresentados por Balogh para ilustrar a atuação dos apresentadores (os porta-vozes do telejornal) como detetives: eles são os mediadores, os elementos de ligação entre a sociedade legal – o público que assiste ao telejornal – e o mundo do crime – as tragédias veiculadas. Do mesmo modo que nos filmes, a cidade é representada como o espaço do mal e da corrupção.

O maior perigo do gênero policial, segundo Shaun Sutton, é a maneira como a violência é abordada nos filmes, podendo ser transferida, neste caso, para a televisão: “O que é chocante em um episódio (ou filme) precisa ser duplamente chocante no seguinte, a dor precisa ser ainda mais explicitada. No cinema, isso representou um ciclo interminável de filmes extremamente violentos”.⁷⁶ Nos telejornais analisados, nota-se, da mesma maneira, a banalização da violência por meio da incessante repetição de imagens trágicas, mesmo tendo sido banidas as cenas em que há sangue.

Parece impensável para os telejornais que tratam de assuntos policiais reportar tragédias sem mostrar sangue. Mas apenas mostrar, como imagens captadas fortuitamente, parece não ser suficiente – o repórter chama a atenção do telespectador ao mostrar o local onde um morador de rua foi assassinado⁷⁷:

⁷⁶ SUTTON, Shaun. *The Writer: The Serial*. Apud BALOGH, Anna Maria. *Op. cit.*, p. 111.

⁷⁷ “Morador de rua é agredido na zona sul de São Paulo”, *Brasil Urgente*, 09/11/2004.

Aqui neste local, neste local que o Luís Otávio está mostrando, você veja as marcas de sangue [há sangue no chão e na parede, mostrado em primeiro plano], um morador foi agredido, foi agredido covardemente. Você vê estilhaços aí de vidro, muito sangue. Ele está internado no Hospital do Heliópolis. Ele estava dormindo aqui neste local e foi agredido.

A violência sangrenta também é explorada pelo repórter do *Cidade Alerta*, ao perguntar para uma garotinha se esta se lembrava do dia em que estava deitada no colo da mãe, sendo amamentada, quando o pai chegou drogado em casa e atirou no olho da mulher, que morreu. A avó da garota descreveu o acontecimento em detalhes (foi feita, ainda, a simulação do assassinato), e mostrou a blusa da garota, que ficou coberta com o sangue da mãe assassinada⁷⁸.

Conclui-se, a partir daí, que o sangue só não é mostrado diretamente nas próprias vítimas.

⁷⁸ “Sogra ajuda na prisão”, *Cidade Alerta*, 01/04/2005.

O discurso

Tomaremos alguns conceitos da obra de Fiorin⁷⁹ para analisar o discurso dos telejornais policiais. Partiremos do princípio de que todo texto é uma narrativa complexa (aqui, narratividade não pode ser confundida com narração, característica de determinados tipos de textos), composta por enunciados de ser (estado) e de fazer (transformação de um enunciado de estado a outro).

Uma narrativa complexa, na concepção do grupo de Entrevernes, é composta por quatro fases: a manipulação (em que um sujeito quer convencer outro a agir de uma determinada forma); a competência (o saber e/ou poder fazer do sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa); a *performance* (fase em que se dá a transformação) e a sanção (constatação de que a performance se realizou conforme o contrato e, conseqüentemente, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação).

Nos telejornais que tratam de assuntos envolvendo tragédias, assim como ocorre com jornais sensacionalistas, ao narrar um assassinato, a ênfase está, em geral, na *performance*, ou seja, nos detalhes de como o crime ocorreu, quem o realizou, quem era a vítima, etc. Para ilustrar o destaque dado à *performance*, serão transcritas duas matérias (uma apresentada no *Cidade Alerta* e a outra no *Brasil Urgente*) que tratam do mesmo tema: um homem, morador de São Paulo, mata a namorada e tenta esconder o corpo. Ambas foram veiculadas no dia 27/05/2005.

No *Cidade Alerta*, a matéria é intitulada “Amor Bandido”. A reportagem é narrada em *off* por uma voz feminina:

Estes dois homens foram presos em flagrante. Eles são acusados de matar uma adolescente de 16 anos. A vítima era namorada de um deles, Ivan Kowaleska de Menezes, de 32 anos. Depois de matar a namorada, Jociane de Freitas, de apenas 16 anos, com um tiro na cabeça, Ivan fez de tudo para esconder o corpo da adolescente. Ele ligou para um amigo pedindo ajuda. O amigo era Gecivaldo Gomes Sampaio, de 28 anos, o dono desta perua. Ele prontamente se ofereceu para transportar o corpo da menina. Juntos, eles embalaram Jociane, já morta, nestes cobertores, e seguiram pelo trânsito de São Paulo. Na delegacia, Ivan confessa o assassinato, mas diz que o tiro foi um acidente. Ele só não consegue explicar por que, então, não socorreu a namorada e preferiu esconder o corpo. Os dois amigos, agora unidos pela algema, tentam convencer que são inocentes. Genivaldo (*sic*) Gomes Sampaio, de 28 anos, diz que apenas foi contratado para transportar um saco de cimento e não percebeu que entre os cobertores havia o corpo de uma jovem. O pai da adolescente diz que cansou de avisar a filha, mas a adolescente, apaixonada, não ouvia os conselhos: ‘Perdi um do meu rebanho’ [diz o pai da menina, tentando conter o choro].

⁷⁹ FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 21 - 28

No *Brasil Urgente*, o mesmo caso foi apresentado sob o título “Homem mata a mulher e tenta esconder o corpo”. Aqui, a voz-off que narra a matéria é masculina:

Esta Kombi se movimentava de maneira suspeita no bairro Pedreira, na zona sul da capital, na noite de quinta-feira. Policiais militares que patrulhavam a região abordaram o veículo e encontraram dentro dele um motorista, um passageiro e o corpo de uma jovem de 16 anos. Segundo a polícia, Ivan Kowaleska de Menezes, de 32 anos, deu um tiro na cabeça da jovem com este revólver calibre 38, tudo por causa de uma briga do casal na madrugada de quarta-feira. Na delegacia do Jardim Miriam, Menezes disse que o disparo foi acidental. [Entra a fala de uma autoridade policial, provavelmente um delegado, mas não se pode afirmar, pois não há créditos:] “O que é meio duvidoso, tendo em vista que o tiro foi na cabeça e à curta distância”. Depois de matar a companheira, Menezes teria pedido a ajuda do vizinho Gecivaldo Gomes Sampaio para se livrar do corpo. Eles teriam colocado o cadáver na perua Kombi para jogá-lo num lugar distante, onde a moça teria sido morta. Por pouco, não concretizaram o plano.

Diferentemente do *Cidade Alerta*, o *Brasil Urgente* não entrevistou os envolvidos no crime (a matéria foi ilustrada pelas fotos dos documentos de

identidade dos dois homens), tampouco conversou com o pai da vítima. A voz que entra para somar-se ao *off* é a de uma autoridade policial, que vem para contestar a tentativa de defesa do homem que efetuou o disparo.

Em ambos os textos, há a predominância de verbos de ação: são apenas quatro verbos de estado (ser) no *Cidade Alerta*, e três no *Brasil Urgente*. Nota-se, ainda, que a grande maioria dos verbos é escrita no passado (principalmente no passado perfeito, mas com ocorrências também do imperfeito – dois exemplos em cada texto).

O primeiro texto, veiculado pelo *Cidade Alerta*, tem um número significativamente maior de verbos no tempo presente – são seis (enquanto no texto do *Brasil Urgente* há apenas um). A explicação está no fato de esse tempo verbal ser usado para representar a fala do acusado, entrevistado apenas na reportagem do *Cidade Alerta*: ele “confessa”, “diz”, “não consegue explicar”, etc. Como já foi mencionado, o telejornal da Rede Bandeirantes não veiculou imagens dos acusados na delegacia - apenas fotos de seus documentos de identidade, o que justifica a omissão desses verbos que representam a fala dos envolvidos. A única ocorrência está na fala da autoridade policial, entrevistada durante a matéria, que diz que o fato de o acusado alegar que o tiro teria sido acidental “é meio duvidoso”.

A performance caracteriza-se como a fase narrativa em que acontece uma transformação, ou seja, a passagem de um estado a outro. Nas duas matérias analisadas, a mudança apresentada é a do estágio inicial em que um homem tem diante de si o corpo de sua namorada, assassinada por ele (ele está em conjunção com o corpo da garota morta) até a tentativa de se

desfazer desse corpo (entrar em disjunção com ele). As reportagens nos mostram, no entanto, que o desfecho (sanção) da performance não foi o planejado pelos envolvidos. O texto do *Brasil Urgente* ainda enfatiza que “por pouco, não concretizaram o plano”.

Existe um tempo verbal, muito comum no telejornalismo, que é o futuro do pretérito usado com o verbo auxiliar “ter”: “teria pedido”, “teriam colocado”, “teria sido”. Esse recurso é utilizado para isentar o veículo de comunicação da responsabilidade de acusar pessoas que ainda não foram julgadas. Nas matérias transcritas, percebe-se a utilização desse recurso apenas no texto do *Brasil Urgente* (três ocorrências), o que pode ser explicado, mais uma vez, pelo fato de este não haver entrevistado o envolvido, que confessou ter disparado o tiro (apesar de, segundo ele, acidentalmente). Essa confissão permitiu ao *Cidade Alerta* a utilização de verbos no passado: “fez”, “preferiu”, “embalaram”, etc.

A voz passiva, pouco recomendada no texto jornalístico (principalmente de rádio e televisão) pelo fato de a ordem direta facilitar o entendimento do espectador, está presente em ambos os textos: há três ocorrências no *Cidade Alerta* e uma no *Brasil Urgente*. A recomendação da não utilização da voz passiva faz parte de muitos manuais, dentre eles o *Manual de Telejornalismo*, de Vera Iris Paternostro, já citado neste trabalho.

O discurso do *Cidade Alerta* mostra-se mais sensacionalista, visto que termina a matéria com a fala do pai da adolescente assassinada pelo namorado. O pai da garota, muito emocionado, não acrescenta nenhuma informação relevante ao caso, sendo sua fala quase incompreensível. A

repórter diz que ele era contra o namoro da filha e então é exibida a imagem dele, dizendo que perdeu um do seu “rebanho”.

O mito da imparcialidade do discurso⁸⁰ já é ponto pacífico nos estudos da área de comunicação, principalmente em se tratando do jornalismo, desde quando o *paradigma ideológico* (desenvolvido na denúncia marxista da dominação de classe no capitalismo) destronou o *paradigma da objetividade*, em que supunha a neutralidade da ciência e da técnica⁸¹.

Partiremos do pressuposto de que comunicar é sinônimo de persuadir:

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. A linguagem é sempre comunicação (e, portanto, persuasão), mas ela o é na medida em que é produção de sentido.⁸²

A fim de que a persuasão se torne a mais efetiva possível, o enunciador (neste caso, em especial, o porta-voz dos telejornais policiais) utiliza-se de certos procedimentos de linguagem para convencer o

⁸⁰ Em 1954, F. Fraser Bond, professor emérito da Escola de Jornalismo da Universidade de Nova Iorque, publicou o livro-manual *Introdução ao Jornalismo*. Em tal obra, o autor estabelece o que considera os "deveres da imprensa", os quais seriam: "independência, imparcialidade, exatidão, honradez, responsabilidade e decência". (Fonte: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/spe260620021.htm>. Acesso em 24/02/2006 às 11h). Esses deveres, e em especial a imparcialidade, são exaustivamente discutidos nos cursos de jornalismo e contestados por estudiosos da Comunicação, dentre eles, Ciro Marcondes Filho: "o jornalismo, via de regra, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas o foro da objetividade". (MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia*. São Paulo: Ática, 1988, p. 11).

⁸¹ MEDITSCH, Eduardo. *Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo*. Compós 2001 – GT Estudos de Jornalismo. Fonte: <http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/doc/2001/meditsch2001.rtf>. Acesso em 25/11/2005 às 14h.

enunciatório sobre a veracidade de seu discurso. Dentre os inúmeros procedimentos argumentativos que compõem tal discurso, foram selecionados para análise apenas dois: a ilustração e as figuras de pensamento.⁸³

A ilustração é o recurso que o enunciador utiliza para comprovar sua afirmação, por meio de exemplos. Esse recurso mostra-se muito adequado devido ao fato de um único caso poder comprovar uma verdade geral enunciada, sendo que nenhum outro exemplo pode desmenti-la.

O apresentador do *Brasil Urgente*, ao afirmar que “esse Brasil é um Brasil miserável” (dia 31/08/2004), utiliza a ilustração para reforçar seu discurso por meio da reportagem “Moradores da favela ‘Buraco Quente’ perdem tudo”. Ele repete os depoimentos de pessoas entrevistadas, que tiveram suas casas perdidas no incêndio:

Olha aqui, você vê um homem com mais de 50 anos dizer, chorando, mais de 50 anos: ‘a vida é difícil para quem tem vergonha’, porque se um sujeito é bandido, se é vigarista, se é um vagabundo, não tá nem aí, não é verdade? Você vê uma mãe dizendo ‘meu filho comeu, *ah*, hoje, só uma banana, não comeu mais nada’. É duro, *hein?* É de cortar o coração. E vê essa senhora, em prantos – gente, esse Brasil é um Brasil

⁸² FIORIN, José Luiz. *Op. cit.*, p. 52.

⁸³ Por razões óbvias (principalmente porque este não é o único ponto estudado neste trabalho, e por ser o mestrado um primeiro exercício de uma teoria e sua aplicabilidade), seria inviável analisar todos os procedimentos argumentativos presentes no discurso dos telejornais analisados. Dessa forma, foram selecionadas a ilustração e as figuras de pensamento visto que, segundo Fiorin, são dois procedimentos “muito freqüentes”(p. 53).

miserável. Quem é que vai ajudar esse país, *hein?* Quando é que as pessoas, que esses políticos, vão ajudar o trabalhador brasileiro, o pobre brasileiro? Tem gente numa situação simplesmente inaceitável. Tem gente que é dona só da própria roupa do corpo, mais nada. E essas pessoas que têm pouco e perdem o pouco que têm. Deus me livre e guarde. Olha essa senhora chorando, e veja se não dá para cortar o coração. Põe aí.

Entra novamente a imagem da mulher que perdeu tudo no incêndio. Quando volta ao ar, Datena dirige-se aos políticos brasileiros, perguntando quando estes irão ajudar as pessoas carentes do nosso país: “Vocês, que só prometem por prometer, vocês não têm vergonha de enganar o povo não? Não têm? Não têm? (Seu tom de voz é alterado). Pois deveriam ter. Deveriam ter”.

A ilustração como procedimento de linguagem mostra-se eficiente no caso descrito pelo fato de comprovar o discurso do apresentador, o que significa que, mesmo que se prove que o Brasil não é um país miserável, mesmo que se mostrem dados estatísticos, nada pode modificar a afirmação do apresentador, ou seja, nenhum outro exemplo pode desmentir um discurso quando este é reforçado por imagens e depoimentos que o ilustram.

No programa *Cidade Alerta* veiculado nesse mesmo dia (31/08/2004), a reportagem “PM mata estudante depois de acidente de trânsito” é utilizada

para ilustrar o comentário do apresentador a respeito da falta de preparo dos policiais, o que é considerada por Rezende culpa do governo:

Esse é mais um exemplo da barbaridade do despreparo da polícia (...) Nós não temos policiais, com raras exceções, bem preparados. Por quê? Porque os policiais vivem com mais medo do que a própria população. Quando um policial puxa uma arma, muitas vezes, ele puxa muito mais por uma reação do que qualquer outro motivo. Mães, como é que alguém, como é que um governo pode colocar na rua e ainda fazer anúncio na televisão dizendo que a segurança está uma maravilha, que a segurança ganhou carro, que a segurança ganhou isso, se não ganhou o fundamental, que são policiais bem preparados, que saibam lidar com a adversidade, que saibam lidar com um momento em que uma criança, porque é um rapazinho, que mal começou a vida, se assusta. A partir daí nós temos a verdadeira face do que é a segurança do Brasil. E é assim em tudo, vocês podem acreditar no que eu digo: seja assim com a polícia federal, seja assim com a polícia civil, é assim com a polícia militar. Por quê? Porque homens entram, entram para defender a nós, população, sem a menor, sem a menor condição. Não têm arma nem para treinar, não têm bala para atirar, não têm absolutamente nada. Quando destroem essa família [aponta para o monitor ao fundo do estúdio]. Abre essa

câmera aí, meu filho [dirigindo-se ao câmera], porque não é uma família de uma pessoa só. Quando destroem toda essa família, você pode ter certeza, destrói a nossa também.

O discurso de Marcelo Rezende, criticando o governo pelo despreparo de policiais, caso venha a ser contestado, não pode, no entanto, ser desmentido, já que este tem o apoio da ilustração. Esse recurso de linguagem é muito utilizado, visto que exerce efetivamente a função de dar credibilidade aos comentários dos apresentadores dos telejornais policiais analisados.

Há casos em que a fala nega a imagem (e vice-versa), havendo então uma contradição entre discurso e ilustração. Para exemplificar esse fato, tomemos a matéria intitulada “Estouro de Cativeiro na Zona Sul de São



Paulo”, veiculada pelo *Brasil Urgente* no dia 21/04/2004. O repórter Edie Polo estava ao vivo em uma favela da cidade para mostrar “como é a realidade de um cativeiro”.

Para dar mais dinamismo à matéria, o repórter percorreu o mesmo caminho que a vítima para chegar até o local, dialogando constantemente com o apresentador. Quando Polo entra no “barraco”, ele comenta que o local está muito escuro: “opa, quase caí aqui”, e reforça “aqui não tem luz, nem banheiro, não tem nada aqui”, “está escuro, é capaz de eu tropeçar e

ficar no meio do cativeiro”. No entanto, as imagens captadas pela câmera aos exatos 5 minutos e 7 segundos de exibição da reportagem mostram uma lâmpada acesa dentro do “barraco” (ao lado do logotipo da Bandeirantes).

As figuras de pensamento (lítotes, hipérbole, ironia, eufemismo, preterição, etc.) também são utilizadas como estratégia de persuasão, portanto, “não há nenhum interesse em apreender figuras isoladas como fazem os manuais escolares. O que importa é mostrar a função na economia geral de produção de sentido de um texto”.⁸⁴

A importância de se analisar as figuras de pensamento que, como resalta Fiorin, seriam melhor classificadas como procedimentos ou mecanismos ao invés de figuras (já que constituem uma maneira insubstituível de dizer), deve-se ao fato de estas instaurarem no discurso o segredo e a mentira, desvelando, assim, uma nova verdade, produzindo um novo saber, descobrindo significados ao encobri-los.

Visto que este estudo não se propõe a analisar pormenorizadamente o discurso, serão selecionadas algumas figuras de linguagem que estão mais freqüentemente presentes na fala dos apresentadores dos telejornais sensacionalistas: a lítotes, o eufemismo, a hipérbole, a ironia, a preterição e a redundância.

A figura denominada lítotes ou litotes é construída quando se nega no enunciado e se afirma na enunciação. De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o termo é definido como “figura que combina, freqüentemente num eufemismo, a ênfase retórica com a ironia, não raro sugerindo uma idéia pela negação do seu contrário (p. ex., *não estar em seu*

juízo perfeito por estar maluco, não ser nada baixo por ser muito alto)". A origem da palavra vem do grego *étos*, que significa "simplicidade, ausência de aparato".

Na matéria intitulada "Homem diz que foi agredido quando morava nas ruas" (24/08/2004), o apresentador do *Brasil Urgente* comenta que essa situação dos moradores de rua "não é brincadeira" ao invés de dizer que "a situação é muito difícil". Esta fala configura-se como um exemplo de lítotes.

A lítotes é utilizada por Marcelo Rezende no programa *Cidade Alerta* veiculado nessa mesma data. O apresentador comenta o problema da segurança pública no Brasil: "por não se ter uma seleção melhor, escolhe-se (*sic*) policiais que não são preparados" ao invés de "policiais mal preparados". E complementa: "segurança não é uma coisa para ser feita por amador" no lugar de "deve ser feita por profissionais bem preparados".

Percebe-se que há nesses exemplos um misto de lítotes com eufemismo, que será repetido no comentário seguinte do apresentador, quando dirige-se ao delegado do Denarc⁸⁵ (entrevistado ao vivo por meio de um *link*). Rezende diz: "minha opinião não coincide com a sua" ao invés de dizer que "temos opiniões divergentes". O apresentador deixa claro, no entanto, que pode falar abertamente com o delegado porque estes são "amigos pessoais".

O efeito causado pela lítotes é a atenuação, ou seja, o mascaramento ou disfarce de uma afirmação. Assim, ao invés de opinar categoricamente a respeito de um tema, o apresentador opta por "afirmar negando", o que

⁸⁴ FIORIN, José Luiz. *Op. cit.*, p.55.

⁸⁵ Ivaneý Cayres de Souza é o delegado do Denarc – Departamento de Investigações sobre Narcóticos.

acaba por mascarar possíveis posicionamentos ideológicos e comprometer tanto o programa quanto a emissora perante instituições que são alvos da maioria das críticas (governo e polícia, principalmente).

Abordar assuntos polêmicos como a venda de anabolizantes de forma ilegal em farmácias é algo delicado, por poder bater de frente com anunciantes da emissora. Para atenuar a facilidade com que tais produtos podem ser adquiridos hoje em dia (conforme mostra a reportagem em que seis adolescentes consumiram “em doses excessivas” um anabolizante de uso veterinário, sendo que um deles morreu e outro “luta contra a morte num hospital de Brasília”), o repórter diz que: “comprar anabolizantes no mercado clandestino não é a mais difícil das tarefas”⁸⁶.

Como se pôde constatar, a lítotes pode ser utilizada com fins eufemísticos, figura de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de uma palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira, ou mesmo de tabus (no passado, por exemplo, dizia-se “aquela doença” para não se pronunciar a palavra câncer).

Um exemplo de eufemismo acontece quando Datena trata os moradores de rua, vítimas de chacina em São Paulo, como “menos favorecidos”. Há uma atenuação à situação de pobreza das vítimas, oposta à forma como o apresentador trata os acusados dos assassinatos (utilizando valorações negativas e hipérbolas).

Quando a intenção do enunciador é exagerar, tornar mais relevante e impactante um assunto do que este realmente é, a figura de linguagem

⁸⁶ “A busca por um corpo perfeito pode matar”, *Brasil Urgente*, 09/11/2004.

utilizada é a hipérbole. Tal figura proporciona aos fatos uma ênfase expressiva resultante do exagero da significação lingüística (por exemplo, dizer que alguém *morre de medo* ou *estourou de rir*).

A hipérbole é um recurso constantemente utilizado pelos telejornais policiais, talvez o mais utilizado deles, podendo ser verificada em vários momentos dos programas selecionados, não apenas no que diz respeito à linguagem verbal (fala dos apresentadores, repórteres e entrevistados), como também sonora e visual.

A utilização do exagero como instrumento de persuasão perpassa por todo o telejornal de gênero policial, reforçando o sensacionalismo de determinadas matérias. As vítimas mostradas sofrem muito, choram em *close*, invadindo a casa do telespectador com seu desespero; a música tensa (geralmente instrumental) cobre as matérias do começo ao fim, dando ainda mais tragicidade, intensificando fatos que, por si só, já denotam tragédia. Nota-se que a edição desses programas preocupa-se em montar uma espécie de drama diário como uma forma de envolver as pessoas. A partir desse estratagema, acontecimentos sem importância passam a ganhar uma enorme dimensão.

Esse misto de ficção e realidade demonstra que os gêneros televisivos não são rígidos, podendo conviver hibridamente dentro de um determinado programa:

Cada programa vai ser constituído pelas características principais de seu gênero, mas tem a propriedade de incluir

algumas outras. Considerar um programa como pertencente a um gênero ou outro pressupõe decidir qual o conjunto de características mais importantes⁸⁷.

Essa contaminação entre os diferentes gêneros – fictício (voltado para o drama) e informativo – no telejornalismo policial restringe-se a determinados elementos, e não a sua estrutura integral, motivo pelo qual não será feita a comparação entre ambos os gêneros, mas apenas a referência aos empréstimos realizados.

Os comentários feitos pelos apresentadores, quando expressam indignação e revolta pelos fatos trágicos que acometem os cidadãos no dia-dia dos grandes centros urbanos, são marcadamente hiperbólicos, como se pode constatar na fala de Datena sobre as enchentes em São Paulo: “choveu um pingo d’água aqui, alaga a cidade da prefeita Marta Suplicy” e reclama que os políticos deixam o povo “morrendo afogado”.⁸⁸

A constante utilização de hipérboles pelos telejornais policiais pode ser uma forma de fragilizar o telespectador, de envolvê-lo ainda mais nos assuntos veiculados. No entanto, é preciso ter cautela ao se utilizar de tal recurso, a fim de não chocar o telespectador a ponto de agredi-lo (o que resultou na já mencionada multa paga pelo *Aqui Agora* como pena por ter veiculado um suicídio no programa).

⁸⁷ FISKE, John. *Television Culture*. Apud BALOGH, Anna Maria. *Op. cit.*, p. 93.

⁸⁸ “Chuva causa alagamento em São Paulo”, *Brasil Urgente*, 21/04/2004.

Numa reportagem sobre os perigos da busca de um corpo perfeito⁸⁹, o repórter diz que esteróides anabolizantes são “drogas que transformam, em um curto espaço de tempo, homens em monstros de músculo”. Essa metáfora remete ao chamado grotesco teratológico, que será mencionado ainda neste capítulo.

O exagero presente na fala dos apresentadores pode ter requintes de crueldade, como constata-se na matéria “Preso homem acusado de matar 8 taxistas”⁹⁰. O apresentador, ao falar sobre a transferência do acusado do presídio da cidade em que foi preso para o presídio de Cuiabá, comenta: “O Anestor foi levado de avião. Devia ter sido a pé. Devia ter andado a pé esses mil quilômetros aí de Colniza [MT] até Cuiabá⁹¹”.

Além de ferir qualquer respeito aos direitos humanos, a fala do apresentador representa uma condenação sumária, visto que “andar a pé” seria um castigo apropriado para alguém que mata oito pessoas. Apesar de o gerador de caracteres trazer a palavra “acusado” durante todo o tempo, esse detalhe é minimizado (senão refutado) pelo comentário do apresentador, que ainda enfatiza que ele “é considerado o mais novo *serial killer* do Brasil”.

A escolha de palavras que compõem o discurso podem transformar o enunciador em um elemento da enunciação⁹²: quando diz que o acusado de

⁸⁹ “A busca por um corpo perfeito pode matar”, *Brasil Urgente*, 09/11/2004.

⁹⁰ *Brasil Urgente*, 09/11/2004. Por ser uma edição de sábado, o apresentador é o jornalista Márcio Campos, também repórter do programa.

⁹¹ O delegado de Cuiabá, Edgar Saraiva, em entrevista por telefone com o apresentador, diz posteriormente que a cidade de Colniza fica a 86 quilômetros de Cuiabá. Mais uma vez, constata-se a presença da hipérbole por parte do apresentador, que modifica os 86 quilômetros reais em mil quilômetros, que, segundo ele, deveriam ter sido percorridos a pé pelo acusado.

⁹² Entenda-se o discurso como tendo duas instâncias: a do enunciado e a da enunciação. Esta está nas marcas deixadas pela enunciação no enunciado: pronomes pessoais e possessivos, adjetivos e

um crime é um “bandido”, “crápula” ou “sujeito da pior espécie”, o termo utilizado encerra uma avaliação do narrador, ou seja, uma valoração negativa.

Na matéria sobre a divulgação do retrato falado dos assassinos em série de moradores de rua de São Paulo, o apresentador José Luiz Datena conversa com o delegado responsável pelo caso. Ao fazer uma pergunta, insere sua avaliação: “Eu queria saber qual, qual, qual o motivo (*sic*) que um imbecil faria uma coisa dessa, *hein?* Com que motivo um idiota faria uma coisa dessa?”

Nos exemplos acima, em que é marcada a subjetividade do apresentador em seu discurso, ocorre o que Bettetini classifica como comentário – em distinção à narração ou relato. Segundo o autor, um texto informativo, em semiótica, consiste: “en la ‘comunicación, en estado (teóricamente) puro, del objeto de saber’: ello se define por la ausencia de cualquier modalización y se contrapone al hecho persuasivo y al hecho interpretativo”.⁹³

A respeito da relação entre informação e narrativa ficcional, Bettetini afirma que:

Los discursos de la información de masas terminan a menudo por comportarse como los de la ficción narrativa,

advérbios apreciativos, entre outros; corresponde ao “eu” inscrito no discurso. O enunciado, por outro lado, corresponde ao “não eu”. Quando há um desacordo entre enunciado e enunciação (a partir da utilização de figuras de pensamento), o discurso deve ser entendido como seu oposto (é o caso, por exemplo, da ironia).

⁹³ GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Apud BETTETINI, Gianfranco. *La Conversación Audiovisual: Problemas de la Enunciación Fílmica y Televisiva*. Madri: Cátedra, 1984. p. 66.

aplicando a la realidad un esquema preexistente y tomando sólo los elementos convenientes para ello (incluso cuando producen esta realidad, en una forma adecuada totalmente al modelo).⁹⁴

A informação, portanto, tende sempre a estruturar-se em um relato, com início, meio e fim, apresentado os protagonistas, suas ações e relações de causa e efeito.

O comentário, por outro lado, contrapõe-se à narrativa ou ao relato na medida em que tem uma maior autonomia: “El mundo del comentario es, por tanto, más libre, imprevisible e incodificable que el de relato (...), la función del comentario es reducir o motivar la determinación aportada por el relato”.⁹⁵

Por meio de comentários, os apresentadores dos telejornais policiais imprimem em seu discurso marcas de subjetividade, tornando sua fala mais próxima do telespectador. Deixando de lado a neutralidade da narração ou do relato, o apresentador passa a assumir a responsabilidade por aquilo que diz, proporcionando uma maior interação com o receptor de sua mensagem.

Marcelo Rezende, apresentando a matéria sobre a rebelião de presas no Carandiru⁹⁶, pergunta para o repórter qual teria sido o motivo que desencadeou essa situação. O repórter responde e, após a sua explicação, o apresentador repete exatamente a mesma informação, ilustrando um

⁹⁴ BETTETINI, Gianfranco. *Op. cit.*, p. 69.

⁹⁵ *Idem.* p. 72.

⁹⁶ *Cidade Alerta*, 24/08/2004.

exemplo de redundância e reforço, muito utilizado pelos telejornais desse gênero. Abaixo, segue a transcrição desse diálogo:

Apresentador: Oh, Daniel, me explica o seguinte: por que é que a rebelião começou, *hein?*

Repórter: Começou por causa de uma briga entre duas facções rivais, Marcelo. A primeira informação é de que houve um comando que veio de fora do presídio para que duas presas fossem executadas hoje.

Apresentador: Ah, duas presas iam ser executadas hoje – foi assim que começou a rebelião aí, é, Daniel?

Repórter: Exatamente, Marcelo.

Repórter:

Ainda a respeito da rebelião, Marcelo Rezende fala sobre as exigências das presidiárias para soltarem as reféns:

Nesse momento, as presas querem uma autoridade do governo e uma autoridade da justiça, para negociar se soltam ou não as oito reféns. Querem garantias de vida, e querem que

hajam (*sic*), aconteçam algumas transferências. Porque elas querem... olha, vê se é possível isso também, que maré, *hein?* Elas que decidem, elas querem tudo! Elas querem assaltar, querem ir para a cadeia e querem decidir como é o presídio. Estão brincando também!

Nesse discurso, nota-se o uso da ironia por parte do apresentador – é óbvio que as presas não querem ir para a cadeia. Há ironia também, ainda mais evidente, na matéria veiculada também no *Cidade Alerta* intitulada “Padre rouba escola para pagar chantagem da amante”. O apresentador, ao final da matéria, comenta: “mas isso é uma beleza!”, evidenciando a ironia como uma afirmação que está presente no enunciado e é negada na enunciação.

O apresentador reclama do fato de a repórter não ter sido atendida quando tentou entrevistar os envolvidos, e enfatiza que o padre que sofreu extorsão por parte da amante morava com um outro padre, acusado de pedofilia. Rezende diz:

A reportagem tinha que ser aqui [apontando para a foto dos dois padres no monitor]: o que é que esses dois faziam e conversavam lá dentro? Porque um, esse aqui [aponta o padre que está sem camisa, à direita] é acusado, acusado [ênfatisa] de pedofilia, este aqui [aponta o padre da esquerda] tem uma

amante. Eu imagino o que é que devia ser lá dentro... [rindo]

Que maré que devia ser aquilo lá, *hein?*

O apresentador muda de assunto, mas a foto continua no monitor. Ele diz: “Tira esses dois padres daí!”

No *Brasil Urgente* do dia 25/08/2005, Datena afirma ter imagens exclusivas de uma câmera de segurança instalada em uma *lan house* (empresa que aluga o uso de computadores com jogos e acesso à Internet) que é assaltada, com cenas de um assassinato ao vivo. O apresentador diz que decidiu não mostrar a cena (exibiu apenas a matéria editada sem o momento do tiro), mas salienta que foi o único de sua produção a optar pela não divulgação das imagens do assassinato a sangue frio.

Ele sugere que os telespectadores telefonem para o programa para darem sua opinião a esse respeito (o programa tem um serviço chamado *Fale com o Datena*). A fala do apresentador, que diz não estar “fazendo jogo de cena”, é contraditória, podendo-se constatar a figura de pensamento chamada preterição.

A preterição se dá quando o enunciador afirma textualmente que não pretende dizer o que já disse.

Essa figura de pensamento ocorre quando Datena diz que, das quatro pessoas que falaram com ele pelo telefone (ao vivo) até aquele momento, todas eram favoráveis à exibição da cena do assassinato, pois queriam ver “a realidade brasileira”. Fica evidente que, se o apresentador do programa considera as imagens como “realidade brasileira”, não é totalmente contra a

sua exibição, somando-se a isso o fato de este enfatizar sucessivamente que “ninguém mais tem” aquelas imagens.

Um outro exemplo de preterição acontece na seguinte fala do apresentador Datena, no dia 21/04/2004, ao comentar as imagens de pessoas que tiveram suas casas alagadas em São Paulo:

Será que esses políticos vendo isso, morando nessas mansões maravilhosas que eles têm, com o dinheiro que eles conseguem, dinheiro do povo, não é? Compram belas casas. Eu não sei, aliás, como é que político ganha tanto dinheiro assim. Você vê lá o salário do cara e, de repente, não digo a maioria, a maioria tem gente honesta, não é verdade?

Nesse discurso, percebe-se que o apresentador diz não saber como é que os políticos conseguem ganhar tanto dinheiro, depois de já ter dito que o dinheiro que eles “conseguem” é dinheiro do povo. Como tentativa de corrigir sua acusação e evitar problemas, ele enfatiza que a maioria dos políticos é honesta.

Marcas de preconceito costumam vir envoltas no humor negro e no sarcasmo muito utilizados nos telejornais desse gênero. Apenas para fins de ilustrar, serão transcritos os comentários do apresentador do *Brasil Urgente*, José Luiz Datena, a respeito de um cativo encontrado por policiais em uma favela de São Paulo⁹⁷. Naquele local, estava em poder dos

⁹⁷ “Estouro de Cativo na Zona Sul de São Paulo”, *Brasil Urgente*, 21/04/2004.

seqüestradores um empresário paulistano de 23 anos de idade, que comeu “só três iogurtes durante três dias”.

O apresentador diz para o repórter: “é um buraco!”, “você vai chegar no Japão desse jeito!”, “colocam pessoas de bem aí no meio do lixo”, “buraco em que estava enfiado o seqüestrado”, “jogado numa pocilga, num lugar que nem animal fica”. O repórter, Edie Polo, também dá sua contribuição: “esse barraco no meio do nada”, “o último barraco da favela” (localizado ao lado de um prédio, que é focalizado de baixo para cima, parecendo seguro com o arame farpado protegendo o muro alto) – por que “último” barraco e não “primeiro”? Simplesmente porque este não fica próximo da entrada da favela ou para deixar a impressão de que o submundo da favela termina onde começa o território dos cidadãos de bem, com os quais conversa o apresentador?

O que é mais inquietante é que ambos parecem negligenciar totalmente o fato de que é crescente e alarmante o número de pessoas que vivem em favelas no Brasil. O que eles estão chamando de buraco, lixo, pocilga é, de fato, a casa de muitos brasileiros que possivelmente estavam assistindo àquela reportagem.

De acordo com um levantamento feito pela *Folha de S. Paulo*⁹⁸ a partir da base de dados do Censo 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), verificou-se que pelo menos 1.077 milhão de pessoas estavam vivendo em “favelas, ruas, cortiços ou ‘mocós’ em São Paulo”, número que era equivalente a 1 em cada 10 moradores da capital naquele período.

⁹⁸ “População de favelados e ‘sem-casa’ supera a de 15 capitais”, por Sílvia Corrêa. Fonte: www.ibge.gov.br. Acesso em 21/06/2004 às 16h30.

O fato de a televisão ser compartilhada por pessoas de todos os níveis sociais poderia causar a ilusão de que ela propicia um estado de igualdade, enquanto o que ocorre é a confirmação de conceitos discriminatórios:

Na verdade, porém, por trás da igualdade ilusória [já que a TV encontra-se tanto na casa do rico como do pobre], está a realidade discriminatória. A antena de televisão no barraco de um favelado e a antena numa residência de luxo não são apenas os indicadores de um mesmo rito de consumo, mas também de uma contradição em processo de aguçamento.⁹⁹

O autor cita o caso dos direitos civis norte-americanos, o que confirma que a televisão não transforma o real: “não houve nenhuma mudança de atitude por parte da televisão com relação à comunidade negra, que continuou esquecida”. O que ocorreu, na verdade, foi que os líderes negros passaram a ser focalizados com maior frequência, conduzindo “hordas furiosas e impacientes, os líderes negros tipificam, para o norte-americano branco, o mito do Apocalipse. Focalizando-os, a televisão, como num espetáculo, provoca o horror e a infalível atração”.¹⁰⁰

Temos nesse exemplo de Sodré a ocorrência do grotesco (normalmente representado pelo feio, o portador de uma aberração, o deformado, o marginal, entre outros) sendo “apresentado como signo do

⁹⁹ SODRÉ, Muniz. *Op. cit.*, p. 71- 72.

¹⁰⁰ *Idem.* p. 72.

excepcional, como um fenômeno desligado da estrutura da nossa sociedade – é visto como o signo do *outro*".¹⁰¹

O grotesco dos programas de televisão e, especificamente, dos telejornais policiais é o chamado "grotesco chocante"¹⁰², que tem como função provocar superficialmente um choque perceptivo, geralmente com intenções sensacionalistas. O conteúdo apresentado, apesar de fazer parte da realidade do telespectador, é ao mesmo tempo exótico, e, portanto, sensacional.

O grotesco é o outro, o que está fora da ordem, rompendo as barreiras do padrão dominante. Nos telejornais de gênero policial, o grotesco é composto essencialmente por figuras como o assaltante, o assassino, o estupro, ou seja, por quem está fora da ordem legal, podendo ser apresentadas das mais diversas maneiras, visto que, como explica Sodré, o grotesco é uma categoria que está nas vizinhanças do cômico, do caricatural e, mesmo, do monstruoso.

¹⁰¹ Ibidem. p.73.

¹⁰² Dentro da categoria "grotesco chocante", há duas subdivisões: escatológico (relativo a situações escatológicas, por referência a dejetos humanos, partes baixas do corpo, etc.) e teratológico (referências risíveis a aberrações, monstruosidades, deformações, bestialismos, etc.). Ambos podem estar presentes nos telejornais de cunho policial, por exemplo: o primeiro, quando tratam de um caso de estupro; o segundo, quando mostram uma pessoa que sofre de preconceito por ter uma anomalia ou malformação.

Recursos audiovisuais: fala, som e imagem inter-relacionados

A grande vantagem do jornalismo televisivo em relação aos outros meios de comunicação é o fato de o telespectador saber as notícias, tomar conhecimento dos fatos por meio de imagens. “Quando existe uma imagem forte de um acontecimento, ela leva vantagens sobre as palavras. Ela é suficiente para transmitir, ao mesmo tempo, informação e emoção”¹⁰³.

De acordo com os manuais de jornalismo, o desafio do jornalista é aprender a combinar informação visual com informação auditiva, sem que nenhuma delas saia em desvantagem. Paternostro afirma que “a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função”.

Bittencourt, em seu *Manual*¹⁰⁴, aponta que “Telejornalismo não é cinema. A imagem é ‘casada’ com o texto e com ele forma unidade referencial de informação”.

Se, por um lado, o texto não pode competir com as imagens, também não é recomendável que se elaborem textos descritivos, ou seja, que digam exatamente o que o telespectador está vendo, evitando, assim, uma redundância excessiva.

Uma das lições trazidas pelo *Manual de Telejornalismo* de Paternostro é a seguinte: para se associar à imagem – sem redundância –, o texto precisa basicamente identificar os elementos fundamentais da notícia,

¹⁰³ PATERNOSTRO, Vera Iris. *Op. cit.*, p.49.

de forma a responder às seguintes perguntas: “Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como?” e valorizar cada uma das respostas, com imagens. Se, por algum motivo, um texto telejornalístico não possuir imagens correspondentes, devem-se utilizar recursos visuais tais como mapas, desenhos, fotos ou mesmo animações.

A análise da inter-relação entre texto (ou fala), som e imagem nos telejornais policiais será feita a partir de uma matéria exibida no dia 27/05/2005, tanto no *Cidade Alerta* (“Amor Bandido”) quanto no *Brasil Urgente* (“Homem mata a mulher e tenta esconder o corpo”).

As matérias dos dois telejornais foram transcritas anteriormente no capítulo intitulado “O discurso”. Essa reportagem foi selecionada para a análise da relação entre fala, som e imagem não apenas pelo tema que aborda – crime passionai, muito comum nos telejornais policiais –, mas principalmente pelo estilo de sua edição, que se repete nas outras matérias de ambos os programas, podendo, portanto, permitir generalizações.

A seguir, segue a relação entre o texto lido em *off*, as imagens exibidas e os efeitos sonoros:

Cidade Alerta

Tempo da matéria: 1’32”

¹⁰⁴ BITTENCOURT, Luís Carlos. *Op. cit.*, versão online.

Texto	Imagens	Efeito sonoro
“Estes dois homens foram presos em flagrante. Eles são acusados de	Dois homens algemados entrando em uma delegacia	Som ambiente da delegacia (vozes ao fundo)
Texto	Imagens	Efeito sonoro
matar uma adolescente de 16 anos. A vítima era namorada de um deles,	<i>Close-up</i> dos dois homens de lado	Som ambiente da delegacia (vozes ao fundo)
Ivan Kowaleska de Menezes, de 32 anos. Depois de matar a namorada, Jociane de Freitas, de apenas 16 anos, com um tiro na cabeça, Ivan fez de tudo para esconder o corpo da adolescente. Ele ligou para um amigo pedindo ajuda.	<i>Close-up</i> de um homem de frente, de blusa azul, levando a mão direita sobre o rosto enquanto fala (durante três segundos, a imagem é congelada)	
O amigo era Gecivaldo Gomes Sampaio, de 28 anos, o dono desta	<i>Close-up</i> de um homem de frente, de camiseta verde, com a cabeça abaixada, falando	
perua. Ele prontamente se ofereceu para transportar o corpo da menina. Juntos, eles embalaram Jociane, já morta, nestes cobertores, e seguiram pelo trânsito de São Paulo.	Perua Kombi branca. A câmera faz um <i>travelling</i> desde a parte da frente da Kombi até a porta lateral, de onde se podem ver cobertores dentro do veículo	Som ambiente (ruídos de automóveis na rua)
Na delegacia, Ivan confessa o assassinato, mas diz que o tiro foi um acidente. Ele só não consegue explicar por que, então, não socorreu a namorada e preferiu esconder o corpo.	<i>Close-up</i> de um homem de frente, levando a mão direita sobre o rosto, enquanto conversa (imagem repetida)	Som ambiente da delegacia (vozes ao fundo)

Os dois amigos, agora unidos pela algema, tentam convencer que são inocentes.	<i>Close-up</i> da algema que une os dois homens. A câmera faz um <i>travelling</i> para trás, mostrando os dois sentados em cadeiras na delegacia, em frente a uma parede branca	
Genivaldo (<i>sic</i>) Gomes Sampaio, de 28 anos, diz que apenas foi contratado para transportar um saco de cimento	<i>Close-up</i> do homem de camiseta verde, com a cabeça abaixada (imagem repetida)	
Texto	Imagens	Efeito sonoro
e não percebeu que entre os cobertores havia o corpo de uma jovem.	Imagens do interior da Kombi, de onde se podem ver cobertores. A câmera está posicionada no interior do veículo, na parte traseira	Som ambiente da delegacia (vozes ao fundo)
O pai da adolescente diz que cansou de avisar a filha, mas a adolescente, apaixonada, não ouvia os conselhos:	O pai da vítima é mostrado em primeiro plano. A câmera fecha em <i>close-up</i> nas mãos do homem, que segura um papel enrolado. Ele está em frente a um muro branco, onde há árvores – provavelmente, do lado externo da delegacia.	
‘Perdi um do meu rebanho’.”	O pai da vítima é filmado em primeiro plano, falando ao microfone da repórter. Está nitidamente emocionado, tentando conter o choro. Tira os óculos e leva a mão esquerda aos olhos.	Som ambiente

Brasil Urgente

Tempo da matéria: 54”

Texto	Imagens	Efeito sonoro
“Esta Kombi se movimentava de maneira suspeita no bairro Pedreira, na zona sul da capital, na noite de quinta-feira.	Lateral esquerda e parte traseira esquerda da Kombi, em um local bastante escuro	Som ambiente (de um único local, que parece ser da delegacia) e música de suspense cobrem toda a matéria
Policiais militares que	Viatura da polícia militar (base comunitária móvel) mostrada de frente	
Policiais militares que patrulhavam a região abordaram	Falha técnica: imagens do apresentador no estúdio, movimentando a cabeça e falando com alguém. Nos monitores do estúdios, vêem-se imagens da matéria	
o veículo	Lateral esquerda e parte frontal da Kombi, em um local bastante escuro	
e encontraram dentro dele um motorista, um passageiro	Parte interna da Kombi, onde se vêem o painel, o volante e o banco do motorista. A câmera está posicionada no banco do passageiro	
e o corpo de uma jovem de 16 anos. Segundo a polícia,	A imagem não é muito nítida, mas mostra o pé esquerdo da garota e o cobertor sobre o seu corpo	
Ivan Kowaleska de Menezes,	RG de Ivan, onde se pode ler seu nome completo	
de 32 anos, deu um tiro na cabeça da jovem	RG de Ivan, com sua foto e parte da assinatura	
com este revólver calibre 38,	Revólver e cinco balas sobre uma mesa	

Texto	Imagens	Efeito sonoro
tudo por causa de uma briga do casal na madrugada de quarta-feira.	Imagens de cobertores. A câmera faz um <i>travelling</i> para trás	Som ambiente (de um único local, que parece ser da delegacia) e música de suspense cobrem toda a matéria
Na delegacia do Jardim Miriam,	Brasão da delegacia (98º DP)	
Menezes disse que o disparo foi acidental.	RG de Ivan, com sua foto e parte da assinatura (imagem repetida)	
[Entra a fala de uma autoridade policial, provavelmente um delegado, mas não se pode afirmar, pois não há créditos:] “O que é meio duvidoso, tendo em vista que o tiro foi na cabeça e à curta distância”.	<i>Close-up</i> do entrevistado, em frente a uma parede branca onde está pendurada uma folhinha (calendário)	
Depois de matar a companheira,	Cobertores dentro da Kombi	
Menezes teria pedido a ajuda do vizinho	Parte frontal da Kombi	
Gecivaldo Gomes Sampaio para se livrar do corpo.	RG de Gecilvaldo, com sua foto e parte da assinatura	
Eles teriam colocado o cadáver na perua Kombi para jogá-lo num lugar distante,	Imagem da parte traseira da Kombi. A câmera, inicialmente, mostra a placa do veículo em <i>close-up</i> e faz um <i>travelling</i> para trás	
onde a moça teria sido morta. Por pouco, não concretizaram o plano”.	Imagem da parte lateral esquerda e traseira da Kombi. A câmera faz um <i>travelling</i> lateral até centralizar a viatura da polícia, onde se vê (apesar do escuro) um policial militar parado	

A partir das tabelas apresentadas acima, verifica-se que o texto do *Cidade Alerta* foi subdividido em 11 cenas¹⁰⁵, com média de 8,3 segundos para cada cena. O texto do *Brasil Urgente* foi ilustrado por 18 cenas, com média de 3 segundos para cada uma delas.

A relação entre texto e imagem foi classificada em duas categorias: imagem ilustrativa (ou seja, “casada” com o texto) e imagem não-ilustrativa (quando o texto lido não combina com a imagem, podendo até “brigar” com ela, como menciona Paternostro em seu manual).

No *Cidade Alerta*, das 11 cenas exibidas, 10 delas ilustraram exatamente o que foi dito no texto, por exemplo: “estes dois homens” (imagem dos dois homens); “unidos pela algema” (imagem da algema); “havia o corpo de uma moça” (imagem do pé da garota assassinada saindo dos cobertores), etc. A única cena que não tem imagens ilustrativas ao texto é a que se refere ao trecho “[acusados de] matar uma adolescente de 16 anos. A vítima era namorada de um deles,”. A cena exibida foi a dos homens em *close-up*, talvez porque não tenha sido possível captar a imagem de uma foto da garota, por exemplo, o que tornaria a imagem ilustrativa. Os números do *Cidade Alerta* são: 90,9% de cenas ilustrativas e 9,1% de cenas não-ilustrativas.

No *Brasil Urgente*, por outro lado, das 18 cenas exibidas, 12 delas são ilustrativas, enquanto 6 não ilustram o texto. Isso pode ser explicado pelo fato de o *Brasil Urgente*, ao contrário do telejornal concorrente, não ter conseguido imagens ao vivo dos dois acusados na delegacia. Os números

¹⁰⁵ Foram consideradas como unidades de cena as imagens que estão em um mesmo local, ao mesmo tempo.

do *Brasil Urgente* são: 66,7% de imagens ilustrativas e 33,3% de imagens não-ilustrativas.

Os números acima refletem a notável diferença no que se refere ao estilo de edição de cada programa, apesar de, à primeira vista, parecerem tão similares. A edição do *Brasil Urgente* é muito mais “picotada”, mais fragmentada do que a do *Cidade Alerta*.

Outro ponto muito importante diz respeito aos efeitos sonoros: a edição da matéria do *Cidade Alerta* é coberta apenas pelos ruídos do ambiente em que cada cena era gravada, enquanto o *Brasil Urgente* – além do som ambiente – abusou do fundo musical, que cobriu a matéria do início ao fim. A música instrumental com teor de suspense conferiu um maior grau de dramaticidade à reportagem, aproximando-a de produtos ficcionais.

Vale ressaltar que os elementos dramáticos não são privilégio apenas do *Brasil Urgente*: o *Cidade Alerta* foi campeão no quesito sensacionalismo, ao fechar a matéria com a cena do pai da garota assassinada dizendo que “perdeu um” de seu “rebanho”, abusando do *close-up* no momento em que ele tira os óculos e leva uma das mãos ao rosto, para limpar suas lágrimas.

A hipérbole, figura de linguagem mais presente no discurso dos apresentadores, também surge em outras linguagens – tanto na imagem quanto no som. A presença dos apresentadores domina o espaço do estúdio, com seus gestos exagerados (apontam o dedo indicador para a câmera como se quisessem chamar a atenção do telespectador), a boca muito aberta quando falam, os olhos arregalados, a testa franzida para

mostrar descontentamento, o tom de voz que aumenta de repente (muitas vezes, parecem estar gritando).

Essas características teatrais exageradas reforçam a hipérbole como principal figura de linguagem, que também pôde ser constatada na matéria exibida pelo *Brasil Urgente*, ao lançar mão de uma música de suspense (e, ainda assim, sem dispensar o som ambiente) desde o início até o final da reportagem.

A falta de identificação dos entrevistados através do gerador de caracteres transforma os protagonistas dos casos narrados em anônimos, descredenciando os envolvidos (não se sabe, por exemplo, o nome do pai da moça assassinada; num telejornal padrão, certamente, haveria seu nome e profissão). Normalmente, dá-se mais ênfase aos nomes dos suspeitos ou culpados de crimes, mas a identificação através do gerador de caracteres costuma ser privilégio de autoridades ou especialistas em determinados assuntos. No caso dessa reportagem, nem mesmo a autoridade policial entrevistada (que pode ser um delegado ou investigador) recebeu créditos.

Marcas ideológicas embutidas nos telejornais policiais

A principal diferença em termos ideológicos¹⁰⁶ entre os telejornais policiais *Brasil Urgente* e *Cidade Alerta* está no fato de este ser produzido por uma emissora declaradamente evangélica (Rede Record). As

conseqüências dessa situação podem ser facilmente observadas: figuras representantes da Igreja Católica, tais como padres que tenham sido acusados de abuso de menores, são verbalmente massacrados pelo apresentador. Por outro lado, não são divulgadas notícias de pastores evangélicos acusados de nenhum crime – o que gera duas hipóteses: ou os líderes das igrejas evangélicas não cometem nenhum crime ou, mesmo que isso aconteça, o assunto é vetado da pauta do programa por motivos óbvios¹⁰⁷.

A divulgação da piora no estado de saúde do Papa João Paulo II pelos telejornais do dia 01/04/2005 ilustra muito bem a postura ideológica religiosa das emissoras¹⁰⁸. As diferenças são gritantes:

1. O tempo destinado ao assunto - no *Brasil Urgente*, esse foi o tema único abordado durante todo o programa, o que corresponde a mais de 40 minutos, enquanto o *Cidade Alerta* noticia o fato em menos de 1 minuto;
2. O grau de importância com que a notícia é tratada - o *Brasil Urgente* contava com três correspondentes internacionais para dar informações sobre o Papa, estando eles localizados em Roma, Paris e Cracóvia; no caso do *Cidade Alerta*, a notícia foi lida pelo apresentador enquanto eram exibidas imagens de arquivo;

¹⁰⁶ O termo *ideologia* está sendo utilizado com o sentido de “conjunto de convicções sociais, políticas, filosóficas, etc. de um indivíduo ou grupo de indivíduos” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*).

¹⁰⁷ Páginas de notícias na Internet (estadão, folha, uol, entre outras) mostram denúncias e prisões de pastores evangélicos envolvidos em pedofilia e assassinatos nos anos de 2004 e 2005, porém, nenhum deles foi veiculado pela Rede Record.

¹⁰⁸ Nesse momento, o assunto será tratado apenas superficialmente, visto que este será analisado em um capítulo específico mais pormenorizadamente.

3. O discurso do apresentador - marcas ideológicas estão presentes nos discursos dos apresentadores, o que não poderia ser diferente, visto que estes são os porta-vozes das emissoras. A linguagem utilizada por Luiz Datena demonstra uma simpatia, ou mesmo um envolvimento, com a religião católica. Uma das falas que ilustra essa marca é quando o apresentador comenta, a respeito da Basílica de São Pedro, no Vaticano, onde estão reunidos os fiéis em vigília, que ali foi o local “em que eu me senti mais perto de Deus (...) parece que te leva a Deus”. Seguindo a postura político-ideológica da Rede Record, Rezende passa a informação do agravamento da saúde do Papa nitidamente lendo, sem demonstrar qualquer envolvimento com a morte iminente de João Paulo II. Além da forma mecânica com que a leitura da notícia foi feita, a ideologia da emissora está cravada nas palavras escolhidas para a elaboração do texto (lido em menos de um minuto): “O Papa estaria agonizando, mas não há ainda nenhuma confirmação oficial do Vaticano sobre a morte de João Paulo II”. O verbo no futuro do pretérito denota que o dado não foi confirmado, sendo apenas uma especulação. A palavra “agonizando” transforma a figura célebre em uma pessoa comum, mais uma entre as figuras centrais das tragédias diárias exibidas pelo telejornal. Marcelo Rezende tem o hábito de comentar as reportagens, indignar-se com o telespectador, já tendo até mesmo chorado durante a apresentação do programa¹⁰⁹, o que destaca ainda mais o fato de este ter-se mantido

¹⁰⁹ Rezende diz que está “com um nó na garganta”, não consegue falar, segurando o choro, ao conversar com a mãe de um rapaz morto por um policial. Ela diz que o filho, estudante de jornalismo, espelhava-se no apresentador. (“PM mata estudante depois de acidente de trânsito”, *Cidade Alerta*, 31/08/2004).

apenas como um relator de um acontecimento, sem qualquer envolvimento. Se, por um lado, esse distanciamento que não é característico do apresentador aproxima-o da postura dos telejornais “de elite” (que seguem o chamado “padrão” do jornalismo), por outro lado demonstra uma certa indiferença com a notícia da morte iminente de uma figura mundialmente conhecida. Aqui, cabe uma pergunta: se o alvo da principal notícia do dia (no Brasil e no mundo) fosse uma outra pessoa célebre (e não o representante da Igreja Católica), a abordagem teria sido a mesma?¹¹⁰

Uma pergunta surge a partir dos dados apontados anteriormente: ao invés de ter divulgado a notícia em menos de um minuto, de maneira desconfortável e mecânica, não teria sido melhor que o *Cidade Alerta* simplesmente não veiculasse a informação? A resposta seria afirmativa não fosse o fato de o Brasil ser o maior país católico do mundo, tendo a notícia ganhado destaque em todas as emissoras nacionais de televisão. Dessa vez, não seria possível optar por ignorar o acontecimento, logo, optou-se pelo tratamento superficial descrito anteriormente. As posições ideológicas podem ser verificadas, portanto, não só nas marcas presenciais, como também no que está ausente, ou seja, aquilo que não é falado ou mostrado.

Além do posicionamento religioso, a fala dos apresentadores traz consigo posturas políticas que são influenciadas por interesses comerciais (em suas críticas, a categoria empresarial é sempre poupada). Os telejornais

¹¹⁰ Durante o período em que as gravações dos programas foram realizadas, não foi veiculado nenhum caso que se enquadrasse nessa categoria para que se pudesse fazer uma análise comparativa.

policiais, que se auto-classificam como preocupados em prestar serviço à população, não poderiam isentar-se de abordar problemas do dia-a-dia, que, grosso modo, estão relacionados com a má administração do país, envolvendo governo municipal, estadual e federal.

Como não poderia ser diferente, visto que é uma característica do discurso adotado pelos apresentadores, as denúncias são feitas e busca-se por culpados. No entanto, nota-se que são nomeadas como culpadas instituições, e não pessoas específicas (que, ao contrário, costumam ser elogiadas):

O Estado e os seus representantes são o alvo principal das críticas do programa¹¹¹, embora desse conjunto escapem os bombeiros, cujo desempenho é sempre elogiado. De uma forma geral, aliás, o *Brasil Urgente* [e também o *Cidade Alerta*] elogia os indivíduos (o policial, o detetive, etc.), mas critica a máquina administrativa. Dessa duplicidade escapam os empresários (de qualquer tamanho), sempre apresentados como vítimas. Um aspecto, sem dúvida, conveniente para o departamento comercial da emissora.

Poupar os empresários significa, por exemplo, culpar o governo pelo aumento da violência no país: a explicação, na maioria das vezes, está no despreparo dos policiais, que não conseguem controlar a criminalidade. Os

¹¹¹ A autora analisa especificamente o *Brasil Urgente*, porém, nota-se que o *Cidade Alerta* tem a mesma postura.

apresentadores não costumam mencionar a importância da educação, e, menos ainda, o alto índice de desemprego, que pode levar pessoas a cometerem crimes. Se falassem de desemprego, teriam que falar também dos baixos salários pagos pelas empresas, o que descontentaria uma categoria importante – a dos patrocinadores das emissoras, revelando uma clara servidão mercadológica a que a televisão é submetida.

O hábito permanente de criticar a máquina administrativa e elogiar indivíduos pode ser exemplificado pelo comentário de Marcelo Rezende (*Cidade Alerta*, 24/08/2004), quando comenta com o delegado do Denarc por meio de um *link* que a seleção de policiais é mal feita, e que eles são, portanto, profissionais mal preparados – porém, Rezende destaca que conhece o trabalho do delegado e que ele conduz a sua equipe exemplarmente. Daí se conclui: a instituição policial (responsabilidade da máquina administrativa) é, no geral, caótica, mas o delegado e sua equipe (indivíduos) são a exceção à regra.

O discurso pretensamente de protesto utilizado por Datena é feito por meio de uma “*misencène*”: o apresentador, quando indignado com uma determinada situação apresentada, grita “Acorda, autoridade!”, em meio a sons de despertadores e um galo cantando. Nota-se, mais uma vez, que a crítica é feita a uma instituição, visto que a palavra “autoridade” é muito vaga e não culpa uma pessoa especificamente.

10. O que diferencia o telejornalismo policial do formato tradicional

O grande diferencial entre os telejornais que seguem o padrão tradicional e os telejornais policiais está não só no conteúdo focado, mas também no tratamento dado às matérias e na linguagem utilizada (marcadamente hiperbólica):

Os telejornais voltados para uma proposta mais popular buscam obter mais audiência com matérias jornalísticas com maior apelo dramático, em que predomina a moral simples do bem contra o mal, de mocinhos contra bandidos. Para conquistar a audiência, esses telejornais não têm pudor em transformar um acontecimento sem maior importância em manchetes espalhafatosas, usando, para isso, excessos emocionais e uma linguagem exacerbada e excessivamente coloquial, eventualmente com a utilização de gírias, termos de baixo calão e insinuações apoiadas em ambivalências lingüísticas. A soma dessas características compõe o sensacionalismo, ou o jornalismo sensacionalista.¹¹²

A forma como os apresentadores dos telejornais policiais dirigem-se aos repórteres e equipe técnica seria algo impensável no *Jornal Nacional*,

¹¹² TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. *Op. cit.*, versão online.

por exemplo. Ao conversar com o repórter sobre a rebelião de presas no Carandiru¹¹³, Datena chama o repórter de “meu filho”. Nesse mesmo dia, no *Cidade Alerta*, Marcelo Rezende conversava com o delegado do Denarc por meio de um link – o apresentador pede para o *cameraman*: “Abre a câmera, meu filho!”

Esses exemplos mostram que o nível de envolvimento dos apresentadores dos telejornais policiais é muito maior do que o que se verifica nos telejornais de formato padrão. Ao contrário destes, os policiais parecem ter uma maior autonomia em seu discurso, não se limitando a apenas fazer relatos, mas sim assumindo a responsabilidade de sua fala.

Erros gramaticais, repetidamente trazidos como proibidos pelos manuais de telejornalismo, aparecem no discurso empolgado dos apresentadores. Marcelo Rezende diz, sobre a rebelião das presas no Carandiru, que havia uma mulher sendo perseguida e que as presas queriam “degolar ela”. Erro típico da linguagem coloquial oral.

As diferenças entre telejornais que seguem o formato padrão e os policiais não residem apenas na linguagem, como também no cuidado com a qualidade técnica. No dia 21/04/2004, exemplificando um tipo de falha técnica, o apresentador do *Brasil Urgente* entrevistava um deputado por meio de um *link*, a partir de um estúdio localizado em Brasília¹¹⁴. Atrás do entrevistado, vêem-se os tradicionais monitores e imagens de prédios presentes no *Brasil Urgente*. Por problemas técnicos, aos 52 minutos de

¹¹³ “Detentas fazem motim na penitenciária feminina de SP”, *Brasil Urgente*, 24/08/2004.

¹¹⁴ “Deputado quer acabar com os cães da raça *pit bull*”, *Brasil Urgente*, 21/04/2004.

programa, percebe-se que o apresentador está posicionado em frente a um *cromaqui* cinza.

Um outro fato peculiar foi o pedido de Datena para que o telejornal do dia 21/04/2004, que trouxe imagens de pontos de São Paulo alagados por causa da chuva¹¹⁵, fosse encerrado com uma música do cantor Zeca Pagodinho. Ele diz que a culpa dos alagamentos é dos políticos, que têm a coragem de pedir votos nas eleições e deixam o povo “morrendo afogado”. O apresentador comenta que a letra da música, transcrita abaixo, é bastante apropriada, fazendo as vezes de comentário à notícia¹¹⁶:

Eu moro numa comunidade carente
Lá ninguém liga pra gente
Nós vivemos muito mal
Mas esse ano nós estamos reunidos
Se algum candidato atrevido
For fazer promessas vai levar um pau

Vai levar um pau pra deixar de caô
E ser mais solidário
Nós somos carentes, não somos otários
Pra ouvir blá, blá, blá em cada eleição

Nós já preparamos vara de marmelo e arame farpado

¹¹⁵ “Chuva causa alagamento em São Paulo”, *Brasil Urgente*, 21/04/2004.

Cipó-camarão para dar no safado que for pedir voto na
jurisdição

É que a galera já não tem mais saco pra aturar pilantra

Estamos com eles até a garganta

Aguarde pra ver a nossa reação

Mais uma vez, pode-se perceber que os telejornais policiais diferem do padrão, chegando até mesmo a incitar a violência da população, que pode identificar-se com a letra da música por morar em uma “comunidade carente”, por viver “muito mal”, mas que não é “otário”, por isso vai fazer justiça com as próprias mãos e entender que seria sensato formar um grupo de pessoas para bater nos políticos que fizeram promessas nas próximas eleições.

¹¹⁶ “Comunidade Carente”, letra de Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande e Marcos Diniz, CD *Acústico MTV*, Universal, 2003.

11. A abordagem padrão – tragédias envolvendo pessoas comuns.

Estudo de caso: o assassinato em série de moradores de rua de São Paulo

Para representar o padrão do tratamento de tragédias pelos telejornais policiais selecionados, optou-se por analisar uma reportagem que fosse veiculada por ambos os programas em um mesmo dia. O critério de escolha era que o tema dessa matéria fosse uma tragédia envolvendo pessoas comuns, pois esse costuma ser o foco dos telejornais desse gênero.

A reportagem selecionada, dentro desse critério, foi a respeito do assassinato em série de moradores de rua da região central da cidade de São Paulo (totalizando seis vítimas fatais), exibida no dia 24/08/2004, que se destacou perante às inúmeras outras opções que obedeciam ao parâmetro de escolha devido ao fato de ter tido um grande impacto¹¹⁷ não só nos programas do gênero policial, mas na mídia como um todo.

A matéria selecionada no contexto dos programas

¹¹⁷ O *impacto* da notícia deve ser entendido como sua repercussão e espaço (no caso da TV, o tempo) destinado na mídia. Nos telejornais policiais, as matérias de maior impacto são aquelas que seguem a linha editorial do programa, ou seja, que abordam temas trágicos vividos por moradores de grandes centros urbanos e que, preferencialmente, tenham imagens captadas para compor as matérias.

Como já foi visto nos espelhos dos programas do dia 24/08/2004 (no capítulo intitulado “Primeira aproximação ao objeto: descrição”), a reportagem sobre o assassinato em série de moradores de rua da cidade de São Paulo teve diferentes destaques em cada um dos telejornais: no *Cidade Alerta*, a matéria (que fala apenas da divulgação dos retratos falados dos possíveis assassinos), que abriu o programa, entra apenas uma vez durante o telejornal, ganhando o total de 49 segundos de exibição. No *Brasil Urgente*, por outro lado, o mesmo tema aparece no decorrer do programa em cinco momentos diferentes, totalizando 11 minutos e 36 segundos.

É importante destacar que o assunto que teve o maior destaque no *Cidade Alerta* foi a rebelião das presas no Carandiru, com seis entradas no programa, todas trazendo imagens ao vivo. No *Brasil Urgente*, por sua vez, esse assunto é apresentado apenas em dois momentos diferentes.

Apesar de as últimas notícias sobre o assassinato de moradores de rua, divulgadas pela mídia naquele dia, tratarem da divulgação dos retratos falados dos dois possíveis responsáveis pelas mortes (dando “marretadas na cabeça” das vítimas, destacam as matérias), o *Brasil Urgente* não se limitou a veicular essa informação: enviou repórteres para conversar com pessoas que continuam morando nas ruas, entrevistou autoridades por meio de *links* ao vivo, o apresentador levantou suspeitas de quem poderiam ser os mandantes do crime (comerciantes que poderiam querer a “limpeza” da cidade ou grupos de intolerância, como os neonazistas) e fez críticas ao regime de Adolf Hitler.

A elaboração dos retratos falados foi possível porque os dois suspeitos desses assassinatos foram vistos por uma moradora de rua um dia antes do primeiro ataque em série.

O grande diferencial entre os dois programas será destacado a partir do discurso dos apresentadores, ou seja, seus comentários a respeito do assunto, pois a fala deles representa o posicionamento do telejornal e até mesmo da própria emissora em que atuam.

A seguir, segue a transcrição das falas dos apresentadores a respeito da matéria selecionada.

Cidade Alerta:

Marcelo Rezende: “[Sorrindo] Olá, muito boa tarde, pro senhor, pra senhora, pro amigo, pra amiga. [Muda a expressão, fica sério] Polícia. A polícia já consegue o retrato falado dos acusados pelas mortes dos moradores de rua. Põe no ar. [Entra um VT de 13 segundos com *voz-over* masculina, cobrindo as imagens dos dois retratos falados. O texto é redundante em relação à imagem]. Ao vivo a repórter Rosana Cardin tem informações. Rapidamente, Rosana. Boa noite. [A repórter faz uma passagem de 21 segundos, tropeça nas palavras, não passa a informação de forma clara. Diz que os dois suspeitos fazem parte de um grupo

de cinco pessoas que estão agredindo os mendigos nas ruas].

Mais um irmão do deputado cassado, deputado federal Jabes Rabelo, preso acusado de tráfico de drogas. Põe no ar.

Brasil Urgente:

José Luiz Datena: “[Após a pausa para o primeiro intervalo comercial] Estamos de volta com o *Brasil Urgente* pra você. Olha, essa situação dos moradores de rua é uma coisa simplesmente lamentável, concorda comigo? Coisa impressionante, lamentável. É, nós temos aí uma reportagem, a Fátima está comigo no DHPP¹¹⁸, eu vou falar com a Fátima daqui a pouco, mas me dá a reportagem primeiro. Na tela. [Entra um VT de 1 minuto e 16 segundos, com música de suspense e voz-over feminina – da própria repórter Fátima Souza –, cobrindo as imagens dos retratos falados; entra a fala do delegado do DHPP; imagens de São Paulo durante a noite, pessoas dormindo nas ruas]. Que

¹¹⁸ DHPP é a sigla para o Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa, da Polícia Civil.

maldade, *hein?* A Fátima, que levantou a hipótese de que alguém poderia estar pagando grupos de extermínio pra acabar com esses moradores de rua, está ali. Eu vou falar dois minutos com ela agora, viu, Fátima, porque tem um intervalo de 40 segundos daqui a pouco. Você tem dois minutos aí, e depois nós vamos pro intervalo e voltamos com você e também com a Secretária Aldaíza Sposatti¹¹⁹. Primeiro a Fátima, pois não, Fátima. [Repórter entra ao vivo com o delegado responsável pelo caso, Dr. Luís Fernando Lopes Teixeira, que pede a ajuda da população para capturar os envolvidos]. Fátima, eu queria saber qual, qual, qual o motivo que um imbecil faria uma coisa dessa, *hein?* Com que motivo um idiota faria uma coisa dessa? [Repórter diz que é exatamente essa a pergunta que a polícia ainda não conseguiu responder]. Mas aquela história da limpeza, você confirma que esse é o – o delegado não pode falar porque é sigilo de investigação –, mas você confirma que essa é a principal linha da polícia, Fátima? [Repórter diz que a polícia tem duas linhas de investigação: comerciantes e grupos de

¹¹⁹ Aldaíza Sposatti é a Secretária de Assistência Social da Prefeitura de São Paulo.

¹²⁰ Projeto criado pela prefeitura de Marta Suplicy para atender moradores de rua de São Paulo, que totalizam 9 mil pessoas. Fonte: <http://www.horadopovo.com.br/2003/setembro/12-09-03/pag3a.htm>. Acesso em 30/10/2005 às 18h40.

intolerância]. Intolerância? O que que é grupo de intolerância? [Repórter diz que “seriam *skin heads*, por exemplo, esses grupos neo-nazistas que acham que essas pessoas não podem fazer parte do mundo”]. Olha, foi o regime mais canalha que nós já tivemos no mundo, foi o regime mais crápula que nós já tivemos no mundo, o nazismo, não é? O Adolf Hitler quase que mergulhou os países numa situação insustentável, intolerável. Se Deus quiser ele deve estar queimando no inferno, aquele bandido daquele Adolf Hitler, entendeu? E ainda tem imbecis que são seguidores daquele cara. É por isso que eu digo: o ser humano, meu amigo, vai acabar por se acabar. Vai acabar por se exterminar. Não é possível uma coisa dessa. É de doer. Eu vou para o intervalo comercial rapidinho, em nome das Casas Bahia, tem 30 segundos o intervalo, eu volto já.

[Entra o intervalo comercial. Na volta, entra ao vivo a matéria sobre o ônibus que bateu em uma casa de São Paulo].

A história desses moradores que estão sendo dizimados aqui em São Paulo é uma coisa terrível. Cadê o Figueiredo, *hein?* O Figueiredo acho que está num albergue com a Secretária. Pois não,

Figueiredo? [Repórter entra ao vivo do Projeto Boracéia¹²⁰ com a Secretária da Assistência Social, que diz que certamente essas mortes não foram causadas por brigas entre os moradores de rua]. Secretária, Secretária, boa noite, é o Datena que está falando. Bom, em primeiro lugar, a Secretaria não tem poder de polícia, isso é claro, é óbvio, né? Mas o que é que a Secretaria está podendo fazer para amenizar essa situação? Porque os crimes no Brasil acontecem com uma freqüência. Aconteceu a primeira vez, eu não sei por que que não houve o cuidado para que não se repetisse o crime. Eu acho que a polícia tinha que ter reforçado o policiamento ali para que não se repetisse o crime. E de repente aconteceu, e no mesmo lugar, praticamente. [A Secretária responde à pergunta do apresentador, dizendo que “como foi uma série de dez situações, penso que entenderam que isso tinha terminado, mas, na verdade, veio perversamente uma outra sucessão”. E diz que os moradores estão sendo acolhidos pelos albergues da cidade. Datena interrompe a fala da entrevistada]. Secretária, a senhora me permita, por gentileza, é que está acontecendo uma rebelião agora, nesse exato

momento. Eu volto a falar com a senhora em um segundo, com a sua permissão, por gentileza. A Secretária colocou muito bem: não tem poder de polícia, o que ela pode fazer é recolher essas pessoas no albergue. Márcio Campos, rebelião aonde, meu filho? [Repórter entra com imagens aéreas do helicóptero; volta matéria sobre ônibus que bateu numa casa da Zona Sul de São Paulo. O repórter encerra sua passagem com a seguinte frase: “Veja o estado que ficou a caso do Seu Pedro, que hoje vai dormir na cunhada”]. Olha, vamos voltar ao caso dos moradores de rua que estão sendo dizimados aqui em São Paulo, não é? Tem um depoimento de um ex-morador de rua, que foi agredido várias vezes por desconhecidos. Deixa eu ver, na tela da Band. [Entra VT com entrevista com ex-morador de rua, contando como foi agredido. A matéria, do início ao fim, é coberta por uma música de suspense]. Terrível o depoimento que é morar na rua, é uma coisa terrível. A Secretária, que vive essa situação há algum tempo, não é? Não é brincadeira. Vamos encerrar já com a Secretária. Mas Secretária, é difícil a situação desses moradores de rua, não é? [Entra link ao vivo com o repórter e a Secretária da

Assistência Social]. Com a divulgação do retrato falado que a gente está mostrando aqui, a senhora acredita que a polícia prenda logo esses marginais? [Entrevistada fala do trabalho que está sendo feito pela OAB – Ordem dos Advogados do Brasil]. Muito obrigado, viu, Secretária, e parabéns pela sua luta aí em prol dos, dos menos favorecidos. Muito obrigado, Secretária. Muito obrigado. Cadê a Fátima Souza, *hein?* A Fátima Souza sempre dando as notícias em primeira mão, é uma repórter que antecipa as informações, eu acho que é a melhor repórter policial que eu conheço, disparado. Fátima, mais algum detalhe? [A repórter sorri timidamente, orgulhosa de ter recebido elogios do apresentador. Repete informações que já haviam sido dadas anteriormente]. Olha, o retrato falado está aí – deixa o retrato falado que isso pode ajudar. Eu não sei, o delegado parece que já não está mais com a Fátima, não é? Mas veja aí o retrato falado, olha, o retrato falado. Poderiam ser grupos fascistas. Está afastada já aquela possibilidade ou ainda não? A primeira possibilidade que você deu, de serem homens contratados aí, é, pra extermínio de moradores de rua ali naquela região? [Repórter responde, diz que

no início a polícia trabalhava com cinco hipóteses, e que agora trabalha com duas: a de que comerciantes teriam pago homens para fazerem uma limpeza na região central da cidade e a outra possibilidade são os grupos de intolerância].

Bom, vamos voltar ao assunto, mas teve um acidente trágico, não é? Parece que um rapaz de um trolebus, foi mexer em um trolebus, é isso? E morreu degolado, é isso, Ana? Taí no ponto a reportagem do trolebus? O rapaz que morreu degolado? Deixa eu ver, na tela. [Essa foi a última entrada de reportagens sobre a morte dos moradores de rua. Entra VT, narrado com voz masculina e com música de suspense].

Além da extensão da notícia, um outro ponto diferencial entre os dois telejornais está na utilização de uma música instrumental, com clima de suspense, cobrindo as matérias do *Brasil Urgente*. A música é mantida durante o desenrolar de todas as reportagens que tratam do tema do assassinato dos moradores de rua, inclusive cobrindo as falas de repórteres e entrevistados. Em ambos os telejornais, são exibidas as imagens dos suspeitos: no *Cidade Alerta*, uma voz masculina descreve os dois homens, sem nenhum recurso sonoro, enquanto no *Brasil Urgente*, a voz-off é

feminina, coberta pela mesma música de suspense que é utilizada nas matérias.

Há momentos em que não se utiliza o recurso sonoro em nenhum dos dois programas: quando os apresentadores falam do estúdio, ou quando os repórteres fazem passagens ao vivo (nesse caso, ouve-se o som do ambiente em que estes estão localizados).

Apesar de o tempo destinado ao assunto no *Brasil Urgente* ser consideravelmente longo (principalmente se comparado ao *Cidade Alerta*), as imagens exibidas repetem-se incessantemente, ilustrando diferentes matérias, cobrindo as falas dos repórteres, dos entrevistados, do apresentador, mostradas numa mesma ordem, de maneira previsível. Esse fato pode ser constatado em diferentes edições do telejornal, seguindo o que poderia ser chamado de uma *estética da repetição*, termo utilizado “pela crítica italiana para caracterizar a estética televisual em contraposição à arte tradicional”.¹²¹

De acordo com a Retórica – a arte da eloquência, a arte de bem argumentar –, o uso da repetição no discurso com fins persuasivos “significa a possibilidade de aceitação pela constância reiterativa. Goebbels, o teórico da propaganda nazista, apregoava que uma mentira repetida muitas vezes era mais eficaz do que a verdade dita uma única vez.”¹²²

O fato de os retratos falados dos supostos assassinos serem exibidos repetidas vezes é claramente justificável por sua função de estar prestando um serviço à polícia, pedindo a ajuda da população no caso de conhecerem

¹²¹ BALOGH, Anna Maria. *Op. cit.*, p. 165.

¹²² CITELLI, Adilson. *Op. cit.*, p. 48.

aqueles dois homens, inclusive com a divulgação do telefone do disque-denúncia, verbalmente e no GC.

Essa imagem foi exibida em oito momentos diferentes, com média de tempo variando de cinco a dez segundos, mas chegou a ficar no ar durante um minuto, no momento em que o apresentador diz “Olha, o retrato falado está aí – deixa o retrato falado que isso pode ajudar”.

Por outro lado, pode-se configurar como mera repetição, sem nenhuma função específica ou utilidade pública, uma imagem que se repete sete vezes (apenas uma a menos do que a dos acusados): uma mulher negra, com um laço de fita colorido na cabeça, dormindo na calçada. Fica no ar durante poucos segundos, abrindo a seqüência de cenas que se tornam previsíveis: sabemos que logo veremos um carro de polícia com a sirene ligada, a fechada de um supermercado fechado durante a noite (“Supermercado Vovó Zuzu”), uma coroa de flores em frente ao supermercado (depreendendo-se que foi ali o local do crime), um senhor deitado na calçada, etc.

Não se pode concluir que é apenas o *Brasil Urgente* que utiliza o recurso de repetir algumas poucas imagens em momentos diferentes – o que ocorreu foi que, como o *Cidade Alerta* não deu prioridade ao assunto do assassinato dos moradores de rua, não foi possível constatar tal recurso, mas é importante salientar que essa é uma característica presente em ambos os telejornais policiais.

A matéria de destaque nesse dia no *Cidade Alerta* – entrando na programação do telejornal em cinco momentos diferentes – foi a que tratava

da prisão da quadrilha envolvida com o tráfico de drogas em que um dos integrantes era um “irmão Rabelo”.

Parece não restar dúvida de que o impacto da notícia sobre o assassinato dos moradores de rua seria maior do que o da prisão de tais traficantes, portanto, o que teria levado o *Cidade Alerta* a optar por trazer este assunto como o principal do dia? A resposta está em um comentário feito pelo apresentador Marcelo Rezende, o que aponta que o critério de escolha foi, aparentemente, pessoal:

Marcelo Rezende: “Um homem com um sobrenome. O sobrenome o Brasil já ouviu falar muitas vezes: Rabelo. Rabelo, família de Rondônia. O grande chefe da quadrilha chamava-se, era o chefe, é, é o deputado federal Jabes Rabelo. Ele, nos anos 90, em 1991, entregou ao seu irmão Abdiel Pinto Rabelo uma carteira de assessor parlamentar do Congresso Nacional para que ele levasse cocaína de Rondônia para distribuir via Porto de Santos para os Estados Unidos e Europa. Foram presos. Eu fiz a reportagem na época, foram três meses de investigação. Agora, Joabe Rabelo, irmão de Abdiel Pinto Rabelo e do ex-deputado federal Jabes Rabelo é preso, chefiando uma quadrilha de traficantes em quatro estados do Brasil. Põe a matéria no ar”.

O apresentador destaca “eu fiz a reportagem na época”, enfatizando o fato de que “foram três meses de investigação” – daí, ele deixa claro que pode falar do assunto com conhecimento de causa. Faz perguntas para o delegado do Denarc, corrige o repórter quando este diz “Quer dizer, [a lidocaína e a cafeína] são elementos base para se fazer a cocaína”. Rezende interrompe: “Não, não! Peraí, peraí, não, não, não é não. Está fazendo confusão. São elementos para batizar, para aumentar o volume”. O delegado brinca, dizendo que “O Marcelo é do ramo, você viu que ele já replicou lá”, e o apresentador diz, rindo “Do ramo, não, porque eu estudei só, doutor!”, e conclui, em tom de brincadeira: “Senão o doutor vai dizer assim ‘O Marcelo é do ramo’, daqui a pouco eu estou algemado aí!”.

12. Abordagem fora do padrão – tragédia¹²³ envolvendo pessoa célebre. Estudo de caso: a piora no estado de saúde do Papa João Paulo II

Apesar da constatação de que as tragédias veiculadas nos telejornais policiais abordam casos de pessoas comuns, personalidades mundialmente conhecidas podem se tornar tema desses programas: contanto que estejam de acordo com a linha editorial seguida por eles, ou seja, quando se tratar de mortes, doenças, acidentes, e assim por diante.

Entre os anos de 2004 e 2005, o Papa João Paulo II (84 anos) vinha sendo alvo de notícias em toda a mídia, que apontava seu estado de saúde cada vez mais fragilizado. Por ser uma figura internacionalmente conhecida, representante – mais do que apenas da Igreja Católica – do Cristianismo, era respeitado por membros das mais variadas religiões do mundo, tendo participado ativamente da luta pelo fim do comunismo na Polônia, em 1989. Por outro lado, sua postura ortodoxa com relação aos ensinamentos da Igreja (contra o uso de preservativos e a favor do celibato clerical, por exemplo) eram alvo de críticas de muitos católicos liberais.

¹²³ Como já foi mencionado na introdução deste trabalho, a morte do Papa João Paulo II poderia ser encarada como um acontecimento que não se enquadraria no critério “tragédia”, sendo apenas uma interrupção natural da vida humana, ou como a passagem a outro estágio espiritual ou à vida eterna. No entanto, tal fato torna-se trágico pela forma como os telejornais analisados abordam a notícia, ou seja, enfatizando seu sofrimento, sua agonia, a dificuldade em respirar e se alimentar, sua degradação física desde o atentado que sofreu em 1981 – o que se enquadra na definição de tragédia anteriormente apontada: acontecimento que desperta piedade, tristeza ou horror. Não se pode deixar de mencionar, ainda, que João Paulo II representava uma figura “paterna”, de autoridade e proteção para milhões de fiéis, que devido à sua morte se vêem sem esse parâmetro para suas vidas.

Sua morte tornou-se iminente no dia 01/04/2005 (sexta-feira), quando sua situação já era considerada irreversível – ele sofria de mal de Parkinson, hipotensão (tensão arterial abaixo do normal), tinha a função renal comprometida, além de dificuldade para respirar e alimentar-se apenas com o auxílio de uma sonda nasal. Sua morte chegou a ser notificada pela mídia italiana nesta data, mas foi negada pelo Vaticano. Milhares de pessoas passaram o dia em vigília, fazendo orações ao Papa, atentas às luzes de seu quarto:¹²⁴

No final da noite de sexta (1º), já havia mais de 60 mil pessoas reunidas na praça de São Pedro. Em todo o mundo, católicos realizaram celebrações e oraram pelo papa. Em São Paulo, o cardeal d. Cláudio Hummes comandou uma missa na Catedral da Sé.¹²⁵

Um dos representantes do Vaticano (Monsenhor Angelo Comastri), durante discurso na Praça de São Pedro, disse: “Esta noite Cristo abrirá as portas para o Papa”. Preparando os fiéis de todo o mundo, o vigário de Roma, Cardeal Camilo Ruini, afirmou durante uma missa por João Paulo II que o Papa “já vê e toca o Senhor; ele já está unido ao nosso único

¹²⁴ Especulava-se nos meios de comunicação que as luzes do quarto do pontífice seriam apagadas como forma de anunciar sua morte.

¹²⁵ “Papa piora, e milhares fazem vigília no Vaticano”. Fonte: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/especial/2005/04/01/ult2643u84.jhtm>. Acesso em 05/11/2005 às 16h50.

Salvador".¹²⁶ A pergunta que mais se fazia naquela sexta-feira era: "O Papa já morreu?".

Como não poderia deixar de ser, o assunto foi veiculado pelos principais telejornais do país, inclusive pelos do gênero policial. Por motivos que já foram discutidos anteriormente, o *Cidade Alerta*, produzido por uma emissora declaradamente evangélica, deu pouco destaque à notícia. Em contrapartida, o *Brasil Urgente* dedicou cem por cento do programa ao Papa, fazendo retrospectivas, conversando com correspondentes em diferentes países, e entrevistando autoridades religiosas nacionais.

A diferença entre as abordagens dos dois telejornais será analisada a partir da extensão e do destaque dados à notícia envolvendo João Paulo II no dia 01/04/2005¹²⁷. A seguir, seguem, respectivamente, os espelhos dos programas *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente* que foram veiculados naquela data:

Cidade Alerta – 01/04/2005

Tempo total do programa (com intervalos comerciais): 47'14"

Número de assuntos abordados: 9

1. Chacina no Rio de Janeiro em represália à prisão de oito policiais
deixa 29 mortos

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Como sabemos, a morte do Papa (após 26 anos liderando a Igreja Católica) deu-se no dia 02/04/2005, sábado. Nesse dia, nenhum dos dois telejornais que compõem o corpus deste trabalho foi veiculado, por isso a análise será feita com base na divulgação da piora no estado de saúde de João Paulo II, e não da notícia de sua morte.

2. Imagens de policiais, em protesto, “desovando” corpos em frente ao batalhão de polícia
3. Homem é preso após matar namorada a facadas no Rio de Janeiro
4. É preso homem acusado de estupro e atentado violento ao pudor
5. Homem acusado de matar a esposa é encontrado após investigações da sogra
6. Bebê que havia sido seqüestrada é encontrada
7. Homem que confessou ter matado policial pede para tomar banho antes de dar entrevista
8. Novas denúncias contra o Banco Itaú no Procon (taxas abusivas e dinheiro desaparecido)
9. Piora no estado de saúde do Papa

Conteúdo¹²⁸	Tempo
Saúda o telespectador e chama a primeira matéria	1'18"
1. “A contagem dos mortos” / “Rio manchado de sangue”	6'24"
2. Apresentador narra imagens de policiais desovando corpos	4'40"
Apresentador pede imagens do IML, que faz parte da matéria 1	15"
INTERVALO COMERCIAL	4'44"
3. “Namorado confessou o crime”	6'55"
4. “Preso maníaco do capacete”	1'38"
5. “Sogra ajuda na prisão” (com simulação do crime)	4'52"

¹²⁸ As informações que estão entre aspas referem-se fielmente aos títulos dados pelo programa a cada uma das matérias através do gerador de caracteres. Informações que não têm aspas são observações minhas.

6. "Nos braços da mãe"	2'23"
7. "Vestido para confessar"	3'25"
1. "A contagem dos mortos" / "Rio manchado de sangue" (matéria repetida)	6'30"
8. "Caso Itaú: novas denúncias"	2'55"
9. Informações do estado de saúde do Papa João Paulo II	50"
Imagens da chacina no RJ encerram o programa	25"

Brasil Urgente – 01/04/2005

Tempo total do programa (com intervalos comerciais): 49'36"

Número de assuntos abordados: 1 – Piora no estado de saúde do Papa

“Papa João Paulo II desperta comoção mundial”

- 1.1. Imagens ao vivo
- 1.2. Conversas com correspondentes
- 1.3. Entrevistas com autoridades
- 1.4. Depoimentos
- 1.5. Estúdio

Conteúdo ¹²⁹	Tempo
Saúda o telespectador e fala da piora no estado	4'38"
1.1. Imagens ao vivo (CNN) são comentadas pelo	3'46"
1.2. Correspondente em Roma (Júlio Gomes)	8'49"
1.1. Imagens ao vivo	
1.3. Entrevista com padre em Aparecida do Norte	4'20"
1.1. Imagens ao vivo	
1.1. Imagens ao vivo CNN en Español	54"
1.4. “Família acredita que a cura da mãe foi obra	1'40"
INTERVALO COMERCIAL	3'40"
O programa encerra-se em nível nacional e	56"
INTERVALO COMERCIAL	40"
1.2. Correspondente em Paris (Mário Sérgio Conti)	11'03"
1.1. Imagens ao vivo	
1.2. Correspondente na Polônia (Ulisses Larochinski)	4'
INTERVALO COMERCIAL	3'06"

¹²⁹ As informações que estão entre aspas referem-se fielmente aos títulos dados pelo programa a cada uma das matérias através do gerador de caracteres. Informações que não têm aspas são observações minhas.

1.1. Imagens ao vivo (CNN em Espanhol) "A agonia do Papa João Paulo II"	2'04"
---	-------

A partir da transcrição do discurso dos telejornais, é possível perceber a grande diferença, não apenas em relação ao tempo destinado ao assunto, mas principalmente no que diz respeito ao teor da fala dos apresentadores.

Conforme descrito anteriormente no capítulo “Marcas ideológicas embutidas nos telejornais policiais”, Marcelo Rezende, da TV Record (emissora que pertence a um bispo evangélico), apenas faz o relato (nitidamente lendo) do agravamento da saúde do Papa João Paulo II, sem fazer os comentários usuais. Se este fato aproxima-o de apresentadores do telejornalismo padrão, por outro lado, os detalhes trágicos mencionados pelo apresentador transportam-no de volta ao gênero policial: “O Papa estaria agonizando” (ao invés de dizer “sofrendo”, por exemplo). O texto lido por Rezende transforma a figura célebre em uma pessoa comum, uma a mais dentre os tantos protagonistas que vivem as tragédias diárias exibidas pelo telejornal.

O que se percebe no *Brasil Urgente*, da TV Bandeirantes, é justamente o inverso: o telejornal foi editado com fins solenes, que se dá desde a postura do apresentador, com um tom de voz mais grave do que o de costume, as mãos entrelaçadas em frente ao peito, controlando os gestos largos e o dedo em riste apontado para a câmera, não fazendo nenhuma brincadeira com sarcasmo ou humor negro (que são constantes em seus comentários).

Datena demonstra seu envolvimento com o tema, revela sua simpatia pela religião católica, faz relatos pessoais. Ao invés de descrever os detalhes trágicos do sofrimento do Papa, traz informações médicas, faz um

apanhado histórico das realizações de João Paulo II, demonstra conhecer os trâmites e rituais da Igreja. A seguir, segue um comparativo do conteúdo discursivo dos dois telejornais:

Conteúdo	<i>Brasil Urgente</i>	<i>Cidade Alerta</i>
Agravamento do seu estado de saúde	sim	sim
Menciona imprensa internacional	sim	sim
Informações / dados religiosos	sim (Deus, Jesus Cristo, céu)	sim (Extrema-unção)
Morte iminente	sim (encontro com Deus)	sim (jornalistas esperam anúncio)
Imagens de arquivo	sim	sim
Imagens ao vivo	sim	não
Informações médicas	sim	não
Panorama histórico dos feitos do Papa	sim	não
Conclave e sucessão Papal	sim	não
Rituais para anúncio de sua morte	sim	não
Atentado de 1981	sim	não
Entrevistas	sim	não
Correspondentes internacionais	sim	não
Relato pessoal do apresentador	sim	não
Encerramento do programa com o tema	sim	Não

Os dados da tabela acima deixam claro que houve uma enorme distinção na forma com que cada um dos telejornais abordou o tema. No *Cidade Alerta*, dos 47 minutos e 14 segundos de programa, apenas 50 segundos foram destinados à notícia do agravamento da saúde do Papa. Não por acaso, esta foi a matéria com o menor tempo da edição do dia 01/04/2005, como se pôde verificar no espelho do programa, descrito no início deste capítulo. O destaque do dia foi a chacina que deixou 29 mortos no Rio de Janeiro, que se deu em represália à morte de oito policiais (com tempo de exibição maior que 12 minutos). Apesar de a última notícia do dia ter sido sobre o Papa João Paulo II, a direção do programa optou por encerrar o telejornal com imagens da chacina.

No *Brasil Urgente*, os 49 minutos 36 segundos de programa foram dedicados exclusivamente ao Papa. Foram exibidas imagens ao vivo e de arquivo, informações técnicas (médicas, rituais da Igreja, trâmites do Conclave, etc.), dados históricos (sobre a vida do pontífice, sobre o Comunismo, o atentado que sofreu), além de relatos pessoais do apresentador. O telejornal foi encerrado com imagens aéreas de uma igreja católica (não identificada).

A distinção entre os dois programas no que concerne ao encerramento está, além da escolha das imagens finais – já mencionadas –, na despedida dos apresentadores: Marcelo Rezende informa sobre a situação do Papa e corta o assunto pedindo ao câmara que o focalize: “Vem pra mim, por favor, eu quero desejar a você um excelente fim de semana”. Rezende esboça um sorriso e leva seu telespectador a deixar de lado o

assunto que acabou de ser veiculado para pensar em seu próprio final de semana, porém, logo em seguida, será novamente exposto às imagens da chacina que compuseram a maior parte daquela edição.

Datena se despede do público de forma mais coerente, mantendo o teor de seu discurso desde o início até o encerramento, e ainda aproveita para convidar seu telespectador a se manter assistindo à *Bandeirantes*:

Só se espera, aí, o anúncio oficial por parte do, do Vaticano da morte de João Paulo II, que cumpriu o seu objetivo para com Deus e será, com certeza, muito bem recebido por Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo. Muito obrigado pelo carinho da sua audiência, na seqüência vem aí Carlos Nascimento, com mais notícias sobre a saúde do Papa e outras informações do Brasil e do mundo. Muito obrigado e até segunda, tchau.

Mais um ponto diferencia os dois programas: no *Cidade Alerta*, diferentemente do que é de praxe, não há um título no gerador de caracteres durante a exibição das imagens do Papa que cobriam a fala do apresentador. No *Brasil Urgente*, por outro lado, o gerador de caracteres trazia títulos que identificavam o assunto, tais como: “Papa João Paulo II desperta comoção mundial”, “A agonia do Papa João Paulo II” e “Família acredita que a cura da mãe foi obra do Papa”. Os correspondentes eram credenciados com nome completo, cidade e país em que estavam, e, entre

parênteses, a informação de que estavam conversando com o apresentador “por telefone”.

As marcas de personalidade no discurso de Datena (transformando-o em sujeito de sua fala, ao utilizar o pronome pessoal “eu” e verbos na primeira pessoa do singular) demonstram sua afinidade com o catolicismo, ao dizer, por exemplo, que se sentiu muito próximo de Deus quando visitou a Basílica de São Pedro (conforme pode ser verificado nos anexos). Apesar de a função referencial ser a que caracteriza o jornalismo, visto que é onde a ênfase é dada ao conteúdo, às informações veiculadas pela mensagem, Datena incrementa seu discurso com elementos da função emotiva (ou expressiva), que “consiste em fazer centrar a mensagem na primeira pessoa”.¹³⁰

De acordo com Eco, o enunciador que utiliza a função emotiva tende a “realizar uma mensagem persuasiva”¹³¹, o que significa que Datena, à medida em que se envolve com o assunto relatado, tem maiores possibilidades de convencer o telespectador da veracidade de seu discurso.

A escolha de seguir uma determinada linha editorial por parte dos telejornais – o *Cidade Alerta* optou pela simples leitura; o *Brasil Urgente* utilizou seu apresentador não apenas como relator de fatos, mas também como comentarista – resultou em uma maior ou menor fluidez do discurso de seus porta-vozes.

Rezende leu seu texto com segurança e rapidez. Manteve uma postura neutra e distante do tema. Datena fez justamente o contrário: apesar

¹³⁰ CITELLI, Adilson. *Op. cit.*, p. 72.

¹³¹ ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva, 2003. 7.ed. p. 72.

de ter lido algumas informações (aqui, vale ressaltar o fato de o apresentador ser mostrado com papéis em suas mãos, algo que não é o habitual), a grande maioria do conteúdo de sua fala foi espontânea. Devido a isso, podem-se notar – nas transcrições que seguem anexas –, muitas pausas e hesitações em seu discurso (ele preenche as pausas dizendo “é”, por exemplo), como pode ser ilustrado com o trecho abaixo:

(...) O chamado conclave dos cardeais para a eleição de um novo Papa. São 117 ao todo, o último estabelecimento por parte do Papa João, é, é, Paulo VI, aliás, era de que 120 cardeais deviam votar para a eleição do novo Papa. Como, é, tem 117 com menos de 80 anos, esses cento e, e, e setenta e sete, 117, irão, é, eleger o novo Papa.

Como não leu o texto no teleprompter (indispensável nos telejornais de formato padrão, por dar ao telespectador a impressão de que o apresentador conseguiu memorizar perfeitamente o que está dizendo), conseqüentemente aconteceu o que se pôde notar no exemplo acima: pausas, deslizes em seu discurso e até mesmo erros (ele confunde 117 com 177), deixando a informação um tanto confusa.

Para finalizar, há um item que compõe a tabela comparativa dos dois programas que merece ser destacado: “Informações / dados religiosos”. As alusões à religião católica são constantes no *Brasil Urgente*, em que, ao invés de “morrer”, diz-se “encontro com Deus” e “cumpriu o seu objetivo para com Deus e será, com certeza, muito bem recebido por Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Por mais surpreendente que possa parecer, o *Cidade Alerta*, por disponibilizar pouco tempo ao assunto, exclui vários detalhes sobre o tema, não traz informações médicas, não menciona a sucessão Papal, e, entretanto, inclui no texto lido pelo apresentador um dado religioso: “ontem teve, tomou a Extrema-unção”. A Extrema-unção, por definição, é:

o Sacramento que nos prepara para a morte. (...) A Extrema-Unção deve ser dada a tempo para que o doente receba o

Sacramento ainda plenamente consciente, para que possa acompanhar as oração do Padre e dos familiares. (...) O Sacerdote unge o doente com o óleo dos enfermos que é a matéria do Sacramento da Extrema-Unção. Esta unção deve ser feita seis vezes: nos olhos, nas narinas, nos ouvidos, na boca, nas mãos e nos pés.¹³²

Não é algo corriqueiro nos programas da TV Record serem mencionados rituais da Igreja Católica, tanto que se pôde verificar a confusão feita pelo apresentador com o verbo que deveria utilizar: “teve” ou “tomou” – o verbo correto, na verdade, é “receber” a Extrema-unção. Provavelmente, optou-se por mencionar esse ritual católico por simbolizar a proximidade com a morte, fato confirmado pela seqüência da fala de Rezende: “todos os jornalistas do mundo inteiro estão de prontidão à espera, a qualquer momento, de um anúncio sobre a morte do Papa João Paulo II”.

¹³² Fonte: <http://www.capela.org.br/Catecismo/extremaun.htm>. Acesso em 26/02/2006 às 12h20.

13. Conclusão

A realização desta pesquisa partiu de cinco perguntas, citadas anteriormente no capítulo intitulado “Objetivos”:

1. Por que telejornais que são considerados preconceituosos e sensacionalistas fazem parte da programação de várias emissoras?
2. Desde o surgimento do telejornalismo policial (com o *Aqui Agora*, do SBT) até o presente momento, poderia ser detectada uma evolução nesse tipo de programa?
3. Visto que o enfoque padrão dos telejornais policiais são os problemas diários dos moradores dos grandes centros urbanos, de que forma é abordada uma tragédia que envolva uma pessoa célebre?
4. Qual é a relação existente entre a fala (do apresentador e repórteres), o som (fundos musicais, ruídos) e imagens (que ilustram as matérias)?
5. Como é elaborado o discurso de modo a adequar-se à postura ideológica da emissora em que os programas são veiculados?

A primeira pergunta foi respondida no capítulo “Quebra de paradigma: o telejornal *Aqui Agora*, do SBT”: tais telejornais, apesar de considerados preconceituosos e sensacionalistas, são inseridos estrategicamente no mosaico das emissoras do país, visando aos números do Ibope (além da Record e Bandeirantes, Rede TV! e mesmo a Rede Globo contam ou já veicularam programas do gênero policial).

Por serem exibidos no final da tarde (por volta das 18h), durante o chamado horário de rotação, esses programas têm a função de elevar os índices de audiência, de “alavancar” a audiência para, mais tarde “passar o bastão” para os programas da faixa nobre, quando a classe AB e a família chegam em casa para ver televisão.

O conteúdo da segunda pergunta, a respeito da evolução do telejornalismo policial, foi abordado no capítulo “Quebra de paradigma: o telejornal *Aqui Agora*, do SBT”. O telejornalístico de Silvio Santos foi o precursor do gênero policial (1991 – 1997), tendo como seu primeiro seguidor o *Cidade Alerta*, da TV Record (1995). O *Brasil Urgente*, da TV Bandeirantes, só iria ao ar no mês de Dezembro de 2001.

O *Aqui Agora* inovou o telejornalismo em vários aspectos, como, por exemplo, o teor das reportagens (crimes, violência urbana); uso de uma linguagem marcadamente coloquial, utilizando gírias e clichês; a movimentação da câmera, que “corria” atrás dos repórteres que acompanhavam os policiais em perseguições; e, principalmente, foi inovadora a utilização do plano-seqüência, condenado pelos manuais de telejornalismo porque as imagens principais ficam perdidas, tornam-se insignificantes na tela da TV.

Pode-se considerar que houve uma evolução no gênero telejornalístico que segue a linha policial: desde a indenização a qual o SBT foi condenado a pagar por ter exibido ao vivo o suicídio de uma jovem, tem-se tido maior cuidado com a seleção das imagens que compõem o *Brasil Urgente* e o *Cidade Alerta*. O sangue, apesar de ainda mostrado, nunca

aparece nas próprias vítimas – pode ser visto no local do crime, numa roupa, etc.

Além disso, há evolução no que diz respeito ao formato do telejornal em si: os policiaiscos atuais assemelham-se muito aos telejornais padrão, não apenas pelas características dos apresentadores, mas principalmente dos repórteres, que não correm ofegantes, não choram com pena dos entrevistados, não vestem as camisas espalhafatosas que eram a marca registrada do repórter Gil Gomes. Quanto à parte técnica, o plano-sequência e a câmera tremida deram lugar a uma edição aos moldes do telejornalismo tradicional, da forma como é recomendada pelo *Manual de Telejornalismo* de Luís Carlos Bittencourt (cenas mais “picotadas”, com imagens ilustrando o texto).

Em meio a essas mudanças, ficou de lado o caráter assistencialista do *Aqui Agora*, que tinha Celso Russomano como o advogado do povo, resolvendo casos pela televisão. A característica de instância justiceira permanece nos telejornais policiais atuais, no entanto, é mais freqüente estar incorporada no discurso dos apresentadores do que em seus repórteres.

Na terceira pergunta, tratou-se do enfoque das notícias que compõem as reportagens diárias dos telejornais analisados, que costuma estar nas tragédias que assolam os moradores de grandes centros urbanos (principalmente Rio de Janeiro e São Paulo). Quando se noticia um fato trágico envolvendo uma pessoa célebre – neste caso, especificamente, o Papa João Paulo II –, constataram-se algumas diferenças, tais como: a

postura dos apresentadores (menos gestos, tom de voz constante, um maior cuidado na escolha de suas palavras); maior desvelo da postura ideológica das emissoras (fato que não fica tão nítido quando abordam problemas de pessoas comuns); ausência de ironia e humor negro, que são constantes no discurso dos apresentadores.

A relação entre fala, som e imagem (presente na quarta pergunta) demonstrou ser, no geral, harmoniosa, com exceções que foram discutidas no capítulo “Recursos audiovisuais: fala, som e imagem inter-relacionados”. Nesse sentido, os telejornais policiais se assemelham ao que determina o padrão, “casando” a imagem e o som com o texto lido pelo repórter. Com relação aos efeitos sonoros, constatou-se que o *Brasil Urgente* lança mão de músicas de suspense que cobrem as reportagens do início até o final, enquanto o *Cidade Alerta* costuma inserir apenas o som ambiente de onde as gravações foram feitas.

Uma das relações mais destoantes entre fala e imagem ocorreu na matéria “Moradores da favela ‘Buraco Quente’ perdem tudo”, no momento em que Datena pede para um dos moradores, vítima do incêndio, tocar violão para “amenizar o clima”. O rapaz atende o pedido do apresentador, que, sarcasticamente, diz que ele “não toca nada, nem boiada”. Menospreza, ironiza, ridiculariza, de maneira cruel, o problema que o entrevistado está vivendo para divertir seu telespectador.

Ao responder à quinta questão, notou-se que, a fim de adequar-se à postura ideológica da emissora, o discurso dos apresentadores e repórteres é cuidadosamente desenvolvido. O capítulo “Marcas ideológicas” apontou

que elogiam-se os indivíduos (o policial, o delegado, o detetive), mas criticam-se instituições (o governo, a polícia). Dessa duplicidade, porém, saem ilesos os empresários, sempre apresentados como vítimas – como forma de preservação do interesse mercadológico das emissoras, que não correriam o risco de descontentar possíveis anunciantes.

Como aponta Balogh, essa característica mercadológica da TV, que interrompe a exibição dos programas para a entrada de intervalos comerciais, gera uma descontinuidade, visto que os conteúdos são veiculados em blocos: “A televisão comercial sobrevive dos espaços vendidos aos anunciantes, cuja transmissão implica a interrupção do sentido que está sendo veiculado”¹³³.

Esse caráter empresarial não está presente apenas nos intervalos comerciais, como também no cerne dos telejornais policiais. A questão da imparcialidade e objetividade do jornalismo é considerada como mito pelos teóricos da comunicação, dentre eles Ciro Marcondes Filho:

(...) o jornalismo, via de regra, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas o foro da objetividade.¹³⁴

As características levantadas ao longo desta pesquisa podem configurar, apesar de ser um esboço ainda inicial, uma espécie de “manual” do telejornalismo policial. Os traços predominantes foram: hibridismo entre gênero informativo e fictício (dramático); precariedade técnica; estúdio pequeno e sem muitos elementos; apresentadores como representantes do modelo da instância justiceira, porta-vozes dos problemas vividos pela população; atitude paternalista; críticas e elogios à equipe técnica; linguagem hiperbólica (verbal, gestual, imagética e sonora); repetições presentes no discurso, nas imagens e conteúdos; coloquialismo e erros gramaticais; utilização de figuras de linguagem como recurso persuasivo (lítotes, eufemismo, hipérbole, ironia, preterição e redundância); ilustração utilizada para comprovar as afirmações feitas pelos apresentadores; maniqueísmo; preconceito, sarcasmo e humor negro, mesmo quando se tratam de situações extremamente trágicas; o riso com fins de consolo e amenização; presença de elementos grotescos; linha editorial fundamentada no “quanto pior, melhor”; suscitação do medo no telespectador; exploração de elementos metonímicos, com exceção do dado óbvio (sangue), que não é mostrado diretamente nas vítimas; discurso influenciado por posições ideológicas das emissoras; críticas direcionadas a instituições (dando-se imunidade à categoria empresarial), mas não a indivíduos isolados; incitação a ações de ordem prática; hierarquização de sujeitos: identificam-se apenas as autoridades e especialistas entrevistados, enquanto pessoas comuns são tratadas como anônimos.

¹³³ BALOGH, Anna Maria. *Op. cit.*, p. 94.

¹³⁴ MARCONDES FILHO, Ciro. *Op. cit.* (1988), p. 11.

Esse rol de peculiaridades poderia ser considerado como um pré-requisito para a elaboração de um manual do jornalismo televisivo de caráter policial, conteúdo que poderá ser retomado em pesquisas subseqüentes ou mesmo servir como referência a pesquisadores interessados nesta temática.

Anexos

A notícia da piora do estado de saúde do Papa João Paulo II nos telejornais *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente* do dia 01/04/2005.

Transcrição:

Cidade Alerta:

(Tempo total: 50”)

Marcelo Rezende: “Vamos a informações, me dá a imagem, vamos a informações do estado de saúde do Papa João Paulo II. Ele continua em estado gravíssimo, segundo informações de agências oficiais, o Papa estaria agonizando, mas não há ainda nenhuma confirmação oficial do Vaticano sobre a morte de João Paulo II. O Papa polonês Karol Wojtyla, que nos últimos dias tem o seu estado se agravando, ontem teve, tomou a Extrema-unção, mas, até o momento, todos os jornalistas do mundo inteiro estão de prontidão à espera, a qualquer momento, de um anúncio sobre a morte do Papa João Paulo II.

Vem pra mim, por favor, eu quero desejar a você um excelente fim de semana.”

Brasil Urgente:

(Tempo total:42'10")

José Luiz Datena: “Muito boa noite, meus amigos da Band em todo o território nacional, muito obrigado pelo carinho da sua audiência, mais do que isso, pela licença que rotineiramente você nos concede, de entrarmos aí na sua tela com as notícias do Brasil e do mundo. Falando em mundo, não há dúvida que a maior notícia de hoje, é, que já vem se estendendo de uns dias a esta parte, é o sofrimento do Papa João Paulo II, não é? É esta agonia do Papa João Paulo II, que, a qualquer momento, é, deve ser anunciada a sua morte, a qualquer momento ele deve ter o seu encontro com, com Deus, não é verdade? É, já foi dito, inclusive, por cardeais, é, em Roma, na Praça de São Pedro, que seja importante e bonito seu encontro com Cristo. Parte, é, da imprensa italiana já havia noticiado a morte do Papa, o Vaticano já desmentiu várias vezes, é, dizendo que o Papa não está morto, mas a qualquer momento se espera essa notícia, uma vez que ontem à noite houve um agravamento no estado de saúde de Sua Santidade, o Papa João Paulo II, que tem aí um reinado de

quase 27 anos, um pontificado de quase 27 anos, um dos mais longos da história, ele que rompeu aí uma tradição de Papas, é, Papas não italianos, não é? É, acho que de 1552 pra cá, todos os Papas foram italianos, ele rompeu essa tradição. A imprensa do mundo inteiro, é, está se dirigindo, é, nesse momento para a Praça de São Pedro, em Roma. Já há informações, algumas desencontradas, outras que nos dão conta de que realmente o estado de saúde de Sua Santidade é terminal, que não há condições reversíveis. Ele sofreu um colapso cardíaco ontem à noite, é, obviamente, um agravamento essencial também do, do seu quadro de saúde, que aponta para uma septicemia, uma infecção generalizada, ele que havia sofrido uma traqueostomia, que significa, em termos médicos, é, fazer praticamente um furo na garganta para que a pessoa possa respirar. Houve posterior complicação, é, no seu sistema de deglutição, ele não conseguia mais engolir os alimentos e aí, é, passou a ser alimentado através de uma sonda nasal, uma sonda que foi colocada em seu nariz. E ontem houve esse agravamento, é, talvez por essa infecção generalizada em termos médicos. Daqui a pouco a gente vai tentar contatar

as autoridades pra falar sobre isso, é, mas o, o estado de infecção generalizada leva, possivelmente, à falência não só, é, do, do coração, é, mas antes do coração, os órgãos, outros órgãos, falência múltipla de órgãos, não é? É, é praticamente impossível, só por um milagre é que esse estado possa ser revertido. Só se aguarda a informação oficial por parte, é, do Vaticano da morte de Sua Santidade, o Papa João Paulo II. Teve um reinado, um pontificado muito bonito, não é? Alguns diriam que é um Papa conservador, a gente pode até admitir que seja um Papa conservador do ponto de vista doutrinal, mas do ponto de vista social foi um Papa que lutou de uma forma incrível, não é? Pelas populações mais carentes do mundo inteiro, é, principalmente essas populações sendo constituídas em sua maioria de católicos, não é? Um Papa que viajou praticamente o mundo inteiro, um Papa que combateu, é, de forma clara, como já combatia antes, quando Karol Wojtyla, é, Bispo, é, na, na Polônia, combatia o comunismo, batia de frente com o comunismo, e há até rumores de que o atentado cometido por Mehmet Ali, Ali Agca, é, tenha influência da KGB, não é? Antigo, antiga polícia soviética, porque o Papa era um, um defensor

do estado democrático e contra o comunismo, não podia ser de forma diferente, que ele foi, é, praticamente criado, durante boa parte de sua vida, no regime comunista, não é? Teve que enfrentar as atrocidades do regime comunista, na verdade não era nem comunismo, era o Stalin que cometia absurdos e barbaridades, um ditador da pior espécie, que desvirtuou todas as idéias sociais de Karl Marx, e na verdade provocou um genocídio, uma matança de milhões de pessoas, esta é a realidade. Isso afetou, de uma forma clara, o país do Papa, a Polônia, onde, há, há, muitas informações, o Papa tem como último desejo ser levado pra a sua cidade natal perto da Cracóvia, na Polônia. As imagens do, do mundo estão aí, não é? Voltadas, principalmente, para a Praça de, de São Pedro. A Praça de São Pedro é onde fica a Basílica de São Pedro, o templo máximo erguido ao catolicismo. Dezenas de milhares de pessoas já estão no local, acompanhando, não é? Fazendo uma vigília enorme com orações do mundo todo, aí, centralizadas essas orações nessa multidão. Eu queria essa imagem aqui atrás pra que eu pudesse acompanhar de mais próximo. Centralizadas as, as, as orações do mundo todo, não é?

Principalmente das Américas, onde nós temos Brasil e México, principais concentrações católicas do mundo, não é? É, todas essas orações dirigidas, nessa vigília, é, para a agonia de Sua Santidade, o Papa João Paulo II. Só se espera a informação oficial da morte do sumo pontífice, e depois então teremos, naturalmente, o trâmite normal para a eleição de um novo Papa, não é? O chamado conclave dos cardeais para a eleição de um novo Papa. São 117 ao todo, o último estabelecimento por parte do Papa João, é, é, Paulo VI, aliás, era de que 120 cardeais deviam votar para a eleição do novo Papa. Como, é, tem 117 com menos de 80 anos, esses cento e, e, e setenta e sete, 117, irã, é, eleger o novo Papa. Há vários nomes sendo cotados, inclusive, é, o de um brasileiro, de Papas latino-americanos, entre eles, um, de um brasileiro, que se comenta, há uma tendência, talvez até forma política, por parte da Igreja Católica, de estabelecer, talvez, um Papa latino-americano, pra se combater aí a evolução que nós temos das igrejas pentecostais, das igrejas evangélicas, não é? É, do, do lado das Américas, mas isso não é, não é tão provável assim. Nós temos mais informação de que os candidatos possíveis,

talvez um italiano, não é? E que não tenha tanta idade, porque sempre se alterna, é, é, um pontificado um pouco mais longo com um pontificado, é, menor, de curta duração, e talvez a tendência seria então, portanto, um Papa com mais idade, não é? Porque o Papa João Paulo II foi eleito, foi, foi transformado Papa com 58 anos de idade. Um sujeito que era esportista, acima de tudo muito forte, não é? Sobreviveu a várias intempéries, não só de problemas físicos, que ficaram agravados, é claro, depois daquele atentado famigerado aí mesmo na Praça de São Pedro que você vê agora, essa multidão de dezenas de milhares de pessoas orando pelo Papa, foi aí mesmo na Praça de São Pedro que ele sofreu aquele atentado do Ali Agca, que dizem estar rezando por ele agora. Foi perdoado pelo Papa na prisão, o turco Ali Agca, não é? Nessa mesma Praça, acabou atirando à queima roupa no Papa, na região do abdômen, provocando ferimentos seríssimos, principalmente na região do intestino. É, o Papa sobreviveu a, àquele atentado terrível, lamentável, que, repito, no próprio livro que ele escreveu, o Papa João Paulo II dizia que talvez isso fosse produto da polícia, da polícia soviética na

época, não é? Da KGB, com forças dos países ocupados pela, pela extinta União Soviética. É, o, operado o atentado por esses países, é, que teriam, inclusive, desencadeado a operação de logística para o atentado ao Papa João Paulo II. O Papa conseguiu sobreviver a esse atentado, lógico que depois desse atentado, as suas condições físicas, é, é, caíram muito, declinaram, e ele teve vários problemas, várias complicações e agora, aos 84 anos, parece estar nos últimos momentos da sua vida. O quadro, sinceramente, pelas informações que a gente obtém, não é dos melhores e é, é, pelo menos à primeira vista, irreversível, são opiniões clínicas, inclusive. O Júlio Gomes, é isso? O Júlio Gomes está em Roma, ao vivo, o nosso correspondente direto de Roma, trazendo as últimas informações. Mas, Júlio, é, pelas informações divulgadas, não só pela imprensa italiana, mas principalmente pela imprensa italiana a partir das primeiras horas do dia de hoje, principalmente da tarde de hoje aí em Roma, a situação é de que só se aguarda o comunicado oficial para a morte de Sua Santidade, o Papa João Paulo II, é isso?"

Júlio Gomes (correspondente em Roma): “Boa noite, Datena. É, é isso sim, viu, Datena. Essa é a sensação geral, pelo menos, é, é uma, aqui, na, aqui em Roma, né? Eu estava até há pouco na, na Praça São Pedro, e a sensação das próprias pessoas, dos fiéis que estão lá, prestando a sua homenagem, rezando, é que o Papa vai morrer, e que vai aparecer o comunicado oficial por parte do Vaticano, talvez não mais hoje, porque aqui já é tarde, já é vinte pra meia noite, provavelmente hoje o Vaticano não fará um, um comunicado desse tipo, mas talvez amanhã cedo, talvez no domingo, é, está aquela sensação já do ‘pouco importa’, é, o pessoal, as pessoas, essas milhares e milhares de pessoas estão lá prestando a sua homenagem ao Papa João Paulo II e ponto final”.

Datena: “Olha, é, tudo indica que, que talvez a morte oficial do Papa seja anunciada, não é? Se, se a gente observar as tradições da, da Igreja Católica, seja anunciada, talvez, no domingo. O domingo seria um bom dia pra se anunciar a morte do Papa – é essa a informação que nós recebemos aqui. Mas também está praticamente claro que o Papa, é, é, já deixou o nosso convívio, não é? Se não de uma forma

definitiva, se não com a morte cerebral decretada, ou pelo menos a, a possibilidade de que ele possa ter um, uma reversão no seu quadro clínico é mínima, é impossível quase, não é? E, cá entre nós, eu acho que chegou o momento do, do Papa descansar, não é? Depois de tanto sofrimento, depois de tanta angústia, depois de tantas operações, não é? Um homem já de idade, sofrendo aí do Mal de Parkinson, com dificuldade inclusive pra engolir os seus alimentos, não é? Chega o momento em que, é, ele já deu a sua contribuição à Igreja. Repito, de forma doutrinal, é, talvez, de um extremo conservadorismo, mas de forma social foi um Papa que procurou alertar o mundo pras diferenças sociais que nós temos num planeta que é absolutamente injusto. Alguma pequena minoria com, com direito a tudo, e a maioria numa miséria de dar dó, e o Papa fez questão de visitar cada país, acho que deixou de visitar poucos países do mundo, não é? E nessa sua visita episcopal, nessa sua visita, é, em termos globais, não é? Ele destacava sempre os problemas que cada país vivia, os problemas que cada país sentia, por isso que boa parte do mundo, muita gente, não só de italianos, aí na Praça de São Pedro, que você vê

nessa imagem comovente, essa é a avenida principal, que dá, com o Obelisco ali no fundo, que dá acesso à Praça de São Pedro, completamente lotada, não é? Era um Papa extremamente carismático acima de tudo, não é? É, um Papa que transmitia força, que transmitia, acima de tudo, energia, o que faltava à Igreja Católica já há algum tempo. É, Júlio, sobre a sucessão do Papa, nós temos aqui vários nomes, muitos deles, talvez até em maioria, seriam Papas italianos, não é? A maioria seria de Papas italianos. Temos aqui: Dionigi Temanzi¹³⁵, de, de Milão, de 70 anos; Angelo Scola, de Veneza, de 63 anos; Tarcisio Bertone, de Gênova, 70 anos; Angelo Sodano, de 77 anos. Eu estou dizendo a idade, porque existe também essa teoria, e é a pergunta que eu vou fazer ao Júlio, não é? De que talvez fosse eleito um Papa com um pouco mais de idade, é, porque, geralmente você, observando a história da sucessão Papal, você observa que há um reinado longo, e posteriormente um reinado curto, não é? Depois de quase 27 anos de reinado do, do Papa João Paulo II, se espera que um Papa de mais idade seja eleito, pra que a transição seja feita

¹³⁵ O nome correto é Dionigi Tettamanzi.

também mais rapidamente. Angelo Sodano, de 77 anos, todos italianos que eu falei, Secretário de Estado número 2 da Santa Sé há 14 anos. Há, ainda, um candidato secreto, que, dizem, não sei se tem chance ou não, o cardeal Joseph Ratzinger, de 77 anos, que, que realmente é conservador e tem muita força, é, muita força na Igreja. Agora quem assume a, a função Papal é um espanhol, o Camarlengo¹³⁶, que deve, inclusive, ser o responsável pelo, o anúncio da morte oficial do Papa, é isso, Júlio?”

Júlio Gomes: “É isso, Datena. E, e como você falou, realmente os italianos são os favoritos. Agora, eu estava conversando com, com uma italiana, a, é, uma pessoa, uma popular, né? Ali na, na Praça São Pedro, pouco, pouco tempo atrás, e ela estava me dizendo que a grande agonia dela, ela, muito católica [ouvem-se estalos de dedos no estúdio], sempre acompanhando as peregrinações do Papa, e, e dizia

¹³⁶ Camarlengo ou Camerlengo é o cardeal que desempenha as funções do Papa, interinamente, e governa a Igreja Católica entre a morte de um pontífice e a eleição do seu sucessor (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*).

¹³⁷ A matéria, que foi interrompida devido ao intervalo comercial, não voltará a ser exibida nesta edição do telejornal, apesar da promessa do apresentador.

¹³⁸ *Papabile* é o cardeal favorito para a sucessão papal. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Papabile>. Acesso em 19/02/2006 às 22h.

¹³⁹ Esse termo, em latim, significa “*Rottweiler* de Deus”.

¹⁴⁰ O nome correto é Angelo Comastri, vigário do Papa João Paulo II para a cidade do Vaticano. Fonte: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/especial/2005/04/01/ult2643u84.jhtm>. Acesso em 19/02/2006 às 23h05.

que a agonia dela é que, a, esse próximo Papa seja escolhido, é, né? Por casuísmo, por interesses, o que, no fim das contas pode acontecer, né? E ela dizia que esperava que o, claro, que o Espírito Santo iluminasse a escolha do próximo Papa, mas que não fosse uma coisa política como estava pintando, como está parecendo que vai ser. Então mostra também um pouco aí como os fiéis estão, é, não só tristes pela morte do, do João Paulo II, mas também temerosos aí para saber quem vai ser o próximo Papa, Datena”.

Datena:

“Muito obrigado, por enquanto, ao Júlio. É, você vê as informações visuais, não é? Você observa as informações visuais, através das emissoras do mundo todo, da, das CNN em espanhol e inglês, da Agência Reuters, num momento de muita vigília nessa agonia do Papa João Paulo II, a multidão num silêncio de extremo respeito, e às vezes, um silêncio é muito mais importante do que qualquer palavra, não é? Você vê imagens aí da Catedral de São Pedro, que é o maior símbolo, é, cristão, não é? O maior símbolo católico, é, localizada no Vaticano, um país dentro da cidade de Roma. Veja as imagens aí,

é, essa, essa Catedral é maravilhosa, acho fantástica, é impressionante. Acho que foi o local em que eu mais me senti perto de Deus, não é? Eu, eu não dou muita importância a, a templos ou coisa parecida, mas essa Catedral de São Pedro, como aqui, a Basílica de, de, de Aparecida, não é? Essa Catedral você não, não pelas obras, que aí tem obra de Michelangelo, obra de artistas renomados, famosos, não é? Mas, não sei, tem uma, uma, uma aura assim tão, tão interessante que parece que te leva a Deus. Você observa o teto dessa Catedral, que na verdade parece ser um solo infinito, um portal aberto direto com o céu. É uma coisa fora do comum, não é? É, eu sou contra a ostentação de símbolos e coisa parecida e tal, mas é, é uma coisa impressionante. O mesmo acontece, é claro que em menor proporção, aqui na Basílica de Aparecida do Norte, não é? É, mas é um negócio fantástico, eu nunca me senti tão próximo de Deus, de, de, do que significa ser Deus como aí na Basílica de São Pedro. Essa é a Praça de São Pedro, não é? Aí a janela onde o Papa, tradicionalmente, aparece pra, pra rezar as suas missas, pra abençoar a população que vai à Roma – existe até aquele ditado ‘como ir à

Roma e não ver o Papa?'. Se você for pra Roma e não ver (*sic*) o Papa não adianta absolutamente nada, não é? E, principalmente, essa figura de Karol Wojtyla, de muita força, de muita energia, de muita luta. Eu disse ontem e repito aqui: ele lutava contra o comunismo na Polônia de uma forma assim tão clara, não é? Ele fazia missa campal, missa campal pra milhares de pessoas, e principalmente em cidades que eram erguidas pelo comunismo em favor dos operários, eram cidades operárias e o Papa, o Papa, então Karol Wojtyla, é, Bispo da Polônia, afrontava o regime comunista e fazia essas missas fantásticas, não é? Começava a construir igrejas, os comunistas iam lá, derrubavam, ele reconstruía e quando não tinha oportunidade de construir, ou não tinha chance de construir, ele proporcionava essas missas campais, é, realmente, de, de muita fé, de muito ardor, não é? O, o Padre Joércio Pereira está em Aparecida nesse momento, não é isso? Nós temos o Padre. Padre, o Padre já está em contato direto com o senhor, o senhor sabe que é um prazer muito grande falar com o senhor, é que representa hoje, é, Aparecida do Norte, que eu tenho um carinho muito especial. E num momento de vigília nessa agonia do

Papa, eu acho importante a união do, dos povos, não é? Não só dos católicos, mas eu acho que o Papa, acima de tudo, pode passar, por aquilo que ele representou, uma figura ecumênica, não é? Uma figura que teve até a capacidade, é, é, de pedir perdão aos judeus por erros históricos talvez da própria Igreja, da própria Igreja, não é? É, o que se pensava nunca fosse feito, foi feito por esse Papa. Esse Papa teve algumas atitudes realmente fantásticas e viajou o mundo inteiro pregando o catolicismo, fazendo o que, na verdade, Jesus fez, é, é, no, no seu espaço de tempo e no seu espaço geográfico em que era, e o que lhe era permitido. Mas ele foi uma figura importante, continua sendo uma figura importante para a história da, da Igreja Católica. Boa noite, Padre”.

Padre Joécio

Pereira:

“Boa noite, Datena, e boa noite a vocês que neste momento estão sintonizados aí na Rede Bandeirantes. Esse momento aí de dor, de sofrimento e de solidariedade com o nosso querido Papa João Paulo II”.

Datena:

Padre, é, é, falando já sobre o conclave, não é? Que

deve ser realizado, é, pelo menos 18 dias depois da, da morte, do, do Papa, é, João Paulo II, só se espera o anúncio da morte do, do Papa, porque a situação dele realmente é gravíssima e praticamente irreversível. O senhor acredita que um, um, um Bispo, um Arcebispo, é, latino-americano possa ser eleito Papa? inclusive Dom Cláudio Hummes estaria entre eles, mas não é um dos mais cotados; existem alguns latino-americanos que podem ser eleitos Papa. O senhor acredita nessa possibilidade, talvez por uma posição estratégica da Igreja, é, uma posição política e estratégica da Igreja quando se fala do crescimento das igrejas evangélicas no bloco da, no nosso bloco americano – o senhor acredita nessa possibilidade ou acha que a tendência natural é que seja, é, é, é, um Papa realmente italiano?”

Padre Joércio: “É, eu acho que o momento é bastante difícil e a certeza que nós temos é que a nossa Igreja é guiada pelo Espírito Santo, e já tem um ditado, já bastante comum, que diz o seguinte: que quem entra Papa sai Cardeal. Então, eu acredito que o Espírito Santo é esse que vai iluminar os nossos Cardeais para que, realmente, a Igreja de Jesus possa ter aquele homem

que, realmente, a exemplo aí de Paulo VI, de João Paulo I e de João Paulo II, eles possam continuar dando a sua vida e fazendo com que a Igreja de Jesus Cristo possa continuar presente no mundo, e sendo aí uma presença transformadora. Então o momento é de muita oração, rezar também por essa situação, na eleição de um novo Papa, porque eu acredito muito na ação do Espírito Santo, então o Espírito Santo é esse que sabe aquilo que a Igreja está precisando e aquele Papa que realmente a Igreja está necessitando. Se for um Papa italiano, né, eu acho que seja bem-vindo, se for também um latino-americano, um da África – o importante é que seja esse homem aí ungido por Deus como foi, e como sempre foi e vai continuar sendo, na memória de todo o nosso povo, o nosso querido João Paulo II”.

Datena:

“Padre, muito obrigado pela sua participação. Eu espero que as pessoas estejam orando aí em Aparecida, não é verdade? Por essa transição, por essa passagem do Papa João Paulo II, que chega agora a um estágio muito maior, que é o estágio principal da nossa existência. Muito obrigado por ter

participado, direto de Aparecida”.

Padre Joércio: “Muito obrigado”.

Datena: “Olha, as imagens ao vivo ainda, direto de Roma, da Praça de São Pedro. Eu queria que vocês tirassem, por favor, apenas alguns segundos, se fosse possível, né? Eu queria uma imagem limpa da Praça de São Pedro, eu não sei se é possível, se o Cláudio tem aí sem a nossa tarja. Não tem, porque tem, é, tem, tem outras imagens em cima. Mas a multidão é enorme, a multidão toma toda a, a, a Praça de São Pedro, e é um espaço muito grande ali, não é? Fica no final daquela avenida que nós mostramos, mas está completamente lotada. Essa imagem mais geral, que a gente vê da CNN em Espanhol, dá pra você observar, é, como a Praça está completamente tomado, tomada. Desde as primeiras horas do dia de hoje, com a notícia de que o Papa havia sofrido um colapso cardíaco, a Praça começou a ser tomada por uma multidão de fiéis, que está orando pela passagem tranqüila do Papa João Paulo II. O Márcio Campos fez uma reportagem, eu quero dar essa reportagem, depois vamos com mais informação, na

tela”.

Matéria: “Família acredita que a cura da mãe foi obra do Papa”.

Datena: [A matéria é interrompida] “Daqui a pouquinho você vai ver o final da reportagem do Márcio Campos, eu volto já”¹³⁷.

Intervalo comercial

Datena: “Estamos de volta com o *Brasil Urgente* na tela da Band e as informações ainda que chegam de, de Roma de que, dificilmente, hoje será anunciado de forma oficial a morte do Papa João Paulo II, não é? Nós temos as imagens que mostram milhares de fiéis, é, numa vigília simplesmente monumental à frente da Basílica de São Pedro, acompanhando agora a agonia do Papa João Paulo II. Desde as primeiras horas do dia de hoje, as pessoas começaram a chegar até a Basílica de São Pedro, depois, as informações, é, de que o estado de saúde do Papa tinha se tornado mais grave após um colapso cardíaco que ele teria sofrido ontem. Havia

complicações pra que o Papa pudesse receber alimentos sólidos, foi introduzida aquela sonda nasal e depois, é, a sua situação de infecção generalizada parece ter levado esse quadro de piora, é, em termos cardíacos. Muito obrigado a você do Brasil, eu continuo aqui em São Paulo”.

Vinheta

Datena: “Olha, essa vigília desses milhares de fiéis na Praça de São Pedro, que deve continuar a noite toda, não é? Deve se estender pela noite toda, e as pessoas orando, as pessoas pedindo pela saúde do Papa, mas, pelas informações que nós recebemos, não só através da imprensa, não só através dos nossos correspondentes internacionais, mas também pelo pronunciamento de autoridades máximas da Igreja agora há pouco, é, em contato com esses, é, milhares de fiéis, porque João Paulo II representa, acima de tudo, um líder, um líder, mundial, não é? Que, eu repito, na parte doutrinal pode ter sido conservador, por ter tido, apresentado, é, é, perspectivas de uma doutrina conservadora, mas na parte social sempre foi, é, um lutador em prol dos

direitos humanos e de desigualdades que existem no mundo todo, não é verdade? Lutou, batalhou, inclusive, pelo fim do comunismo, e, talvez por isso, é, é, tenha pagado caro com aquele atentado que aconteceu na Praça de São Pedro, que ele mesmo, ele, Papa, acredita, num livro que ele escreveu, ele acredita que tenha sido um ataque engendrado pela polícia soviética na época, a extinta polícia soviética, a KGB. Agora, o Mário Sérgio Conti está ao vivo direto de, é, direto de Paris, é, e vai dar mais informações. Mário Sérgio, é, nos parece irreversível, é, esse estado de saúde do Papa, só se espera o anúncio oficial por parte do Camarlingo da, da Igreja Católica, não é? Que deverá assumir, é, deverá, não – vai assumir as funções de Papa durante esse hiato que teremos durante o conclave – a eleição do novo Papa – mas parece que já está definido, só basta apenas a confirmação oficial pra o anúncio da morte do Papa. É, como vai, Mário? Boa, boa noite”.

Mário Sérgio Conti (correspondente em Paris): “Boa noite, Datena. Olha, aqui na França a, a expectativa é de um anúncio dentro de, de pouco, no máximo algumas horas, o comunicado oficial da morte do Papa, porque a informação oficial do

Vaticano é que as condições são, são irreversíveis. O Papa ainda respira, o Papa ainda tem os batimentos cardíacos, mas já teria perdido a consciência e a deterioração no seu quadro geral já não, não, já não dá mais para reverter. Em Paris, o, o, houve uma grande missa na Catedral de Notre-Dame, celebrada pelo Cardeal Arcebispo André Vingt-Trois. E houve também uma concentração no santuário de Lourdes, onde sete mil fiéis se reuniram no começo da noite, o, o Lourdes foi a última viagem de João Paulo ao exterior, em agosto passado. E também a Conferência Nacional dos Bispos da França convocou os fiéis nesse início de noite a se reunirem nas igrejas mais próximas da sua casa, aqui também aconteceu. Há uma expectativa, então, só do desenlace, e aí é que começa todo o processo que levará ao conclave”.

Datena:

“É, existe uma, uma, uma certa tendência pra se discutir a tendência, a partir de agora, da Igreja Católica pra eleição do próximo Papa, não é? É certo, talvez, que o favoritismo para o próximo Papa eleito seja de um Papa italiano, já que Karol Wojtyla rompeu aí, é, uma tradição de, de, de anos sem ser

um Papa italiano. Acho que, de 1552 pra cá, nós tivemos todos os Papa italianos, não é? É, é, a tendência qual é? Fala-se talvez na eleição de um Papa latino-americano pra combater-se de forma estratégica e logística, é, o crescimento das igrejas pentecostais, evangélicas no bloco americano, mas a tendência maior é pra que seja eleito um Papa italiano e com maior idade, é isso? Com idade mais avançada?”

Mário Sérgio Conti: “É, são dois critérios, Datena, que, que se levam em conta. Primeiro, a questão do mandato longo e do mandato curto: na Igreja, na tradição do, do Papa, do Papado, sempre que [há] um mandato longo, se sucede um mandato curto, por que isso? Pra ter um, uma espécie de uma transição suave. Como o mandato de João Paulo II é longo, é 26 pra 27 anos, pela, pela tradição seria agora um mandato curto – o que implica de ser um Papa, o futuro Papa ter maior idade, ter mais de 70 anos para ele não se alongar, não, não, demais no cargo. E também existe a tradição de o Papa ser italiano. Dos 263 Papas que existiram até hoje, 203 foram italianos, e dentro dos italianos, a tendência é se eleger o Cardeal de Milão,

que é preparado, vamos dizer assim, para ser um *papabile*¹³⁸, é um, é um homem de, de, de dimensão teológica, ou seja, um estudioso, e de experiência evangélica, já que a maior diocese do mundo é a de Milão – e maior mesmo que de Roma. Então, existe essa tendência – porque italiano, porque o, o, o Papa é o Bispo de Roma, é o, vamos dizer assim, o herdeiro de São Pedro, que foi o primeiro Bispo de Roma e, dentro dos italianos, o Cardeal de Milão, que seria o, o, nessa ocasião, Dionigi Tettamanzi, que é um reformista moderado, próximo do Papa, um homem de muita experiência, um estudioso e que tem 70 anos. Bom, existe também a possibilidade, dentro desse, da, da nova configuração da Igreja, que nunca teve tantos Cardeais estrangeiros ou Cardeais não italianos – são mais da metade hoje no conclave de 117 Cardeais que se reunirá –, então poderia haver um Cardeal, um Papa, um Papa latino-americano, porque na América Latina está concentrado o maior número de católicos do mundo. É o continente com o maior número de católicos, entre um bilhão e cem milhões de católicos, a maioria está na América Latina e, dentro da América Latina, logicamente, o Brasil. Então, os nomes que se falam

da América Latina são dois, basicamente: Dom Cláudio Hummes, o Cardeal Arcebispo de São Paulo, que nasceu em mil oitocentos e, 1934, tem 70 anos, é um homem que, que teve posições mais à esquerda, evoluiu pra um reformismo e pra um centrismo, é bem visto na Cúria Romana, teve um papel importante no conclave que elegeu o, elegeu João Paulo II. O segundo nome que surge é de José Maria Bergoglio, um jesuíta argentino, Arcebispo de Buenos Aires, está com 68 anos. Também é um filho de imigrantes italianos, ele foge dos jornalistas, é um homem que tem uma, uma formação de engenheiro químico, é bem formado teologicamente, se opôs às ditaduras militares dos anos 70 e 80 na Argentina, é um nome muito respeitado também na Cúria Romana. E o terceiro nome da América Latina é Dom Oscar Rodrigues Maradiaga, que é mais novo, 62 anos, é Arcebispo de Tegucigalpa, a capital de Honduras. Foi secretário geral do Conselho Episcopal Latino-americano, a CELAM, fala uma dezena de línguas – o que também é importante – ele tem formação de, de professor de matemática e de psicologia e é pianista e saxofonista nas horas vagas. Então, esses são os três nomes que surgem

da América Latina”.

Datena: “É”.

Mário Sérgio Conti: “São, aí vem os, os outros, que seria, especula-se, Cardeais africanos, mesmo um Cardeal indiano, Dom Ivan Dias e, correndo por fora, vamos dizer assim, que seria uma continuidade total do pontificado de, de João Paulo II, Joseph Ratzinger, o prefeito da cúria, da, da, da Propagação da Fé, do ex-Santo Ofício, 77 anos. É um homem conservador, é um teólogo de peso e um dos que é chamado *panzer cardina*¹³⁹, porque foi ele que liderou a...”

Datena: “Mário”.

Mário Sérgio Conti: “Opa”.

Datena: “Mário”.

Mário Sérgio Conti: “Oi”.

Datena: “É, eu estou recebendo as informações agora, é, que praticamente ratificam as informações que você deu

aí de Paris, acho que a qualquer momento pode ser anunciada a morte do Papa. Pelas informações que eu recebo da, da, das agências internacionais, o próprio Vaticano, é, primeiro diz que a saúde do Papa está piorando, é, de forma, de forma sensível, não é?”

Mário Sérgio Conti: “A-hã”.

Datena: “De forma sensível. É hipertensão arterial, é, piorando o quadro de saúde do Papa, eu estou lendo aqui as agências internacionais. O Cardeal Ruini diz que o, o, o Papa João Paulo II está entregue agora nas mãos de Jesus Cristo, não é verdade?”

Mário Sérgio Conti: “A-hã”.

Datena: “E confirmada aí a posição de que a saúde do Papa se deteriora a, a cada minuto, quer dizer, a qualquer momento, a qualquer momento, deve ser anunciada a, a, morte oficial do Papa. Ela é, ela é anunciada através do Camarlengo, né, que é aquele espanhol Martínez?”

Mário Sérgio Conti: “Não, ela é anunciada através do vigário de Roma, que é o próprio Dom Camillo Ruini”.

Datena: “Sei. E quem, e quem, e quem, é, constata a morte? Porque tem um ritual medieval. O sujeito...”

Mário Sérgio Conti: “É, quem constata a morte é o Carmelengo (*sic*)”.

Datena: “O Camarlengo vai lá e pergunta três vezes, chama três vezes pelo nome do Papa, não é isso?”

Mário Sérgio Conti: “Chama pelo nome...”

Datena: “Karol, Karol, Karol”.

Mário Sérgio Conti: “Pelo nome de batismo, Karol, no caso, Karol, Karol, Karol. Essa é a tradição...”

Datena: “Sim”.

Mário Sérgio Conti: “Que ela é, ela, vamos dizer, ela não é obrigatória a partir de 1939, mas é o Carmelengo (*sic*), no caso o Eduardo Martínez Somalo, o espanhol, que vai lá e constata a morte do, do Papa. Chama, chamaria três

vezes seu nome, se o Papa não responde, ele estaria morto. Mas isso é feito, obviamente hoje, com, com os médicos...”

Datena: “Lógico”.

Mário Sérgio Conti: “Atestando isso. E aí, Dom Martínez, é, Somalo avisa o Vigário Geral de Roma, Dom Camillo Ruini, que faz o anúncio oficial. Então é o próprio Dom Camillo Ruini que vai, que é o encarregado de fazer o anúncio oficial”.

Datena: “Ok”.

Mário Sérgio Conti: “E aí todo o poder da, da Santa Sé passa para as mãos do Camerlengo, que é o encarregado dos rituais, do ritual fúnebre e da convocação do conclave”.

Datena: “Ok. Mário Sérgio, muito obrigado então, *hein?* Pelas suas informações. O Mário Sérgio, que volta dentro do *Jornal da Band* com o Carlos Nascimento. Muito obrigado ao Mário Sérgio, é, é, Conti, que falou direto de Paris. Nós temos o nosso correspondente também

na Polônia, não é? O país de origem do, do, do Papa João Paulo II, Karol Wojtyła, e a informação, a tradição deveria apontar para que o Papa, para que o Papa fosse enterrado é, no Vaticano, não é verdade? É, mas há informação de que ele pode ser, o corpo do Papa João Paulo II pode ser transferido, é pra Cracóvia, uma cidade perto da Cracóvia, que é a sua região de origem. O Ulisses fala direto da Polônia ao vivo com a gente. Ulisses, que horas são aí na Polônia?”

Ulisses Iarochinski (correspondente na Cracóvia) “Já passou da meia-noite. Estamos aqui com onze minutos do dia dois de abril”.

Datena: “Qual a possibilidade de o Papa João Paulo II, do Karol Wojtyła ser enterrado aí na Polônia, sua terra de origem?”

Ulisses Iarochinski: “É, a possibilidade depende realmente dos Cardeais lá no Vaticano, mas se discute muito aqui na Polônia, é, essa questão, que o Papa deveria ser enterrado aqui na Catedral Metropolitana de Cracóvia, Catedral esta situada dentro do pátio do Castelo Real de

Wawel, onde está a cripta dos principais, dos maiores reis da Polônia e dos principais heróis da Polônia. E, e os, e isso é o sentimento que os polacos nesse momento demonstram nas praças e nas igrejas. Várias cidades, todas as cidades da Polônia estão, estão nesse momento orando, é, pela saúde do Papa. O ex-presidente Lech Walesa disse há poucos momentos em rede nacional de televisão, aliás, todas as televisões aqui estão, é, desde o meio-dia e meio (*sic*), quando o Cardeal Joaquim Navarro Valls anunciou o estado de saúde do Papa, que as pessoas acorrem às igrejas e aos lugares aonde o Papa veio em peregrinação durante o seu Papado, e nos lugares aonde ele viveu enquanto Cardeal, é, de Cracóvia, e na cidade aonde ele nasceu, em Wadowice, há vinte quilômetros de Cracóvia. É, o, o presidente Lech Walesa disse que as pessoas da Polônia devem orar pela sobrevivência do Papa e afastar qualquer pensamento de morte, ele nem quer pensar nessa história de morte, ele está rezando pela saúde do Papa. E, há poucos instantes também, as televisões da Polônia desmentem as, as agências nacionais dizendo que até agora quem de direito, quem é responsável pela informação não disse que o

Papa morreu”.

Datena:

“É, mas pelas informações que chegam das agências internacionais, viu, Ulisses, é, o Vaticano vai aos poucos preparando a população mundial, é, para o anúncio mais triste, não é? Que seria a morte do Papa. Isso do ponto de vista da maioria, porque eu entendo que seria o fim de um período de agonia e o fim, é, de um pontificado fantástico do Papa João Paulo II, porque, repito, apesar de ter sido considerado um Papa conservador em termos doutrinários, é um líder mundial, um líder que lutou, principalmente, pelos direitos humanos, pelo fim do Regime de Exceção, uma série de, de fatores que naturalmente mostram que na balança do mundo existe muita desigualdade, que a pobreza é maioria no mundo todo, e o Papa, é, João Paulo II, foi um líder que lutou contra isso tudo. Eu quero essa imagem da CNN em espanhol, só a imagem da CNN, porque a informação, pela tradição, é de que quando o Papa morre, as janelas de onde está sendo acompanhado o Papa, o, o Papa Karol Wojtyła, o Papa João Paulo II, as janelas devem fechar-se, né? Então as janelas continuam abertas, é, são assas

janelas aí ao fundo, iluminadas, não é? Quando o Papa morre, pela tradição, as janelas são fechadas, não é? É, eu vou pro intervalo comercial e volto já. Muito obrigado ao Ulisses, que falou ao vivo, direto da Polônia com a gente. Voltamos já”.

Intervalo comercial.

Datena: “Estamos de volta com o *Brasil Urgente* pra você. Eu tenho as imagens das agências internacionais, das emissoras internacionais, que estão nesse momento, é, voltadas pra Praça de São Pedro, onde milhares, né? Dezenas de milhares de pessoas estão nesse momento – me dá imagem ao vivo, por favor, *oh*, Cláudio – estão nesse momento numa vigília, é, observando aí, orando durante a agonia do Papa João Paulo II. As janelas em que o Papa está sendo acompanhado pelos, pelos médicos continuam acesas, o que significa que ele está vivo ainda. É, pela tradição, pela tradição Papal, quando o Papa morre, aquelas janelas têm as suas, têm as, aquelas, aquelas janelas têm aí, é, é, é, as suas luzes apagadas. As janelas são fechadas e as luzes são apagadas. Portanto, apesar de todas as informações

que a gente recebe, e são informações que o estado de saúde do Papa João Paulo II piora a qualquer momento, tanto que o Monsenhor, é, o Monsenhor Canstri¹⁴⁰ nesse momento diz o seguinte: 'essa noite, Cristo poderia abrir as portas para o Papa'. Há outras informações, já informações médicas, de que o estado de saúde de Sua Santidade piorou, é, a pressão arterial caiu ainda mais, há problemas de circulação, há problemas renais cada vez mais graves, o que nos leva a um quadro praticamente irreversível. Só se espera, aí, o anúncio oficial por parte do, do Vaticano da morte de João Paulo II, que cumpriu o seu objetivo para com Deus e será, com certeza, muito bem recebido por Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo. Muito obrigado pelo carinho da sua audiência, na seqüência vem aí Carlos Nascimento, com mais notícias sobre a saúde do Papa e outras informações do Brasil e do mundo. Muito obrigado e até segunda, tchau".

Referências Bibliográficas

ARBEX JÚNIOR, José. *Showrnlismo: a Notícia como Espetáculo*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2001.

BALOGH, Anna Maria. *Conjunções, Disjunções, Transmutações: da Literatura ao Cinema e à TV*. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. *O Discurso Ficcional na TV: Sedução e Sonho em Doses Homeopáticas*. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.

_____. *Televisão: Serialidade, Parasserialidade e Repetição*. Face: Revista de Semiótica e Comunicação, 3 (1), 1990.

_____, ADAMI, Antônio, CARDOSO, Haydée Dourado de Faria & DROGUETT, Juan Guillermo (Org.). *Mídia, Cultura e Comunicação*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. *Estética da Violência*. Revista Comunicação e Educação, São Paulo, v. 4, n. 12, p. 12, mai./ago., 1998.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*. In *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BERGER, Peter L. *Redeeming Laughter: the Comic Dimension of Human Experience*. New York: Walter de Gruyter & Co., 1997.

BETTETINI, Gianfranco. *La Conversación Audiovisual: Problemas de la Enunciación Fílmica y Televisiva*. Madri: Cátedra, 1984.

BITTENCOURT, Luís Carlos. *Manual de Telejornalismo*. Versão online:
<http://www.telejornalismo.com/manual.htm>.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *O Texto Argumentativo*. São Paulo: Scipione, 1994.

DOANE, Mary Ann. *A Voz do Cinema: a Articulação de Corpo e Espaço*. In
XAVIER, Ismail. *A Experiência do Cinema*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva, 2003. 7.ed.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto,
2004.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução de
Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Ouro. Rio de Janeiro: DP&A,
2000.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. & FRANÇA, Vera Veiga (Org.).
Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências. Petrópolis, RJ:
Vozes, 2001.

HOUAISS – *Dicionário da Língua Portuguesa*. Versão online:
<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Televisão: a Vida pelo Vídeo*. São Paulo: Moderna, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los Medios a las Mediaciones: Comunicación, Cultura e Hegemonia*. Santafé de Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998.

_____ & REY, Germán. *Os Exercícios do Ver: Hegemonia Audiovisual e Ficção Televisiva*. Tradução de Jacob Gorender. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. *Gêneros de Discurso, Conhecimento, Intersubjetividade, Argumentação: Ferramentas para uma Aproximação à Fisiologia Normal do Jornalismo*. Compós 2001 – GT Estudos de Jornalismo. Fonte: <http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/doc/2001/meditsch2001.rtf>.

PATERNOSTRO, Vera Iris. *O Texto na TV: Manual de Telejornalismo*. Brasiliense: São Paulo, 1991.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito Além do Jardim Botânico: um Estudo sobre a Audiência do Jornal Nacional da Globo entre Trabalhadores*. São Paulo: Summus, 1985.

SODRÉ, Muniz. *A Comunicação do Grotesco*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

_____ & PAIVA, Raquel. *O Império do Grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

STAM, Robert. *Introdução à Teoria do Cinema*. Campinas: Papyrus, 2003.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. *Sensacionalismo sem Sangue: uma Análise do Telejornalismo ao Vivo*. In Verso e Reverso – Revista da Comunicação. Ano XIX, 2005/1, Número 40. Versão Online: <http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=4&s=9&a=36>.

Dissertações e teses

AROUCA, Mônica do Amaral Britto. *Cidade Alerta: o Dito e o Feito*. Mestrado, ECA - USP, 2003.

BORGES, Rosane da Silva. *Jornalismo-verdade ou Condenação Sumária? Jornalismo Policial e os Mal-ditos no Programa de TV Bandeira 2*. Mestrado, ECA, 2002.

Periódicos

Revista Veja, "O *Jornal Nacional* que você nunca viu", Edição 1869, ano 37, n.º 35, 01/09/2004.

Revista Veja, "A grandeza da fé: ao expor seu sofrimento terminal, o papa João Paulo II mostrou a coragem dos grandes pastores e o significado original do sacrifício cristão", Edição 1899, ano 38, n.º 14, 06/04/2005.

Internet

<http://advogado.adv.br/artigos/2000/edson/execbancosclonagemcartao.htm>. Acesso em 07/10/2005 às 17h.

<http://an.uol.com.br/1998/jul/05/0tev.htm>. Acesso em 29/10/2005 às 19h30.

<http://diarioon.com.br/arquivo/3626/lazer/lazer-5714.htm>. Acesso em 12/10/2005 às 11h40.

<http://home.areavip.com.br>. Acesso em 07/10/2004 às 10h30.

<http://linhadireta.globo.com/Linhadireta/0,26665,4625,00.html>. Acesso em 21/10/2005 às 12h30.

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/especial/2005/04/01/ult2643u84.jhtm>. Acesso em 05/11/2005 às 16h50.

<http://noticias.usp.br/canalacontece/artigo.php?id=9598>. Acesso em 04/11/2005 às 9h40

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=288ASP024>.

Acesso em 09/10/2005 às 9h.

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/spe260620021.htm>.

Acesso em 24/02/2006 às 11h.

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/voz010820017.htm>.

Acesso em 12/10/2005 às 19h.

<http://www.band.com.br/nocoracaodobrasil/programa.asp>. Acesso em

12/10/2005 às 13h.

<http://www.capela.org.br/Catecismo/extremaun.htm>. Acesso em 26/02/2006

às 12h20.

<http://www.cartacapital.com.br>. Acesso em 10/12/2005 às 10h40.

<http://www.correiodabahia.com.br/2004/04/14/noticia.asp?link=not00009076>

5.xml. Acesso em 19/02/2006 às 8h.

<http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/ae1.html>. Acesso em 28/10/2005 às

15h30.

<http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/doc/2001/meditsch2001.rtf>.

Acesso em 25/11/2005 às 14h.

<http://www.horadopovo.com.br/2003/setembro/12-09-03/pag3a.htm>. Acesso em 30/10/2005 às 18h40.

<http://www.terra.com.br/exclusivo/noticias/2003/03/11/008.htm>. Acesso em 12/10/2005 às 12h30.

<http://www.tvmemoria.hpg.ig.com.br>. Acesso em 08/10/2005 às 17h40.

<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=4&s=9&a=36>. Acesso em 07/10/2005 às 18h.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0972.htm. Acesso em 25/11/2005 às 17h20.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)